



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**REGINALDO CAIRES BORGES**

**TOPONÍMIA EM LIBRAS DOS BAIROS DE  
SANTARÉM/PARÁ**

Porto Nacional, TO  
2024

**Reginaldo Caires Borges**

**Toponímia em Libras dos Bairros de Santarém/Pará**

Texto de defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Letras

Orientadora: Karylleila dos Santos Andrade

Porto Nacional, TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- B732t    Borges, Reginaldo Caires.  
          Toponímia em Libras dos Bairros de Santarém/Pará. / Reginaldo Caires  
          Borges. – Porto Nacional, TO, 2024.  
          159 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
          – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação  
          (Mestrado) em Letras, 2024.  
          Orientadora : Karylleila dos Santos Andrade
1. Linguística. 2. Libras. 3. Toponímia. 4. Léxico. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**Reginaldo Caires Borges**

**Toponímia em Libras dos Bairros de Santarém/Pará**

Texto de qualificação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Letras

Data de aprovação: 27 / 11 / 2024

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger (PPGLLit/UFNT)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Marcia Suanny Dias Cavalcante (UEMASUL)  
Membro externo

---

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro PPGLetras/UFT  
Membro interno

*Dedico a minha família*  
*À Raimunda Caires, minha mãe (in memoriam)*  
*A Regivaldo Caires, meu irmão (in memoriam).*  
*A Raimundo Borges, meu pai*  
*A Regiane e Reginelson, meus irmãos*  
*A Catarina, Lauro e Lucas, meus sobrinhos*

*“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras (sinais) para melhorar os olhos.” (Rubem Alves)*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e a Nossa Senhora das Graças,

A minha mãe, Raimunda Caires (*in memoriam*), por sempre acreditar no nosso potencial, minha eterna saudade.

A meu irmão, Regivaldo Caires (*in memoriam*), que comemorava cada conquista nosso como se fosse sua. Minha saudade diária.

A minha família, em especial meu pai, irmãos e sobrinhos pelo incentivo, pela força dada na buscar desse sonho tão almejado e por bancar todas as minhas empreitadas.

A minha orientadora, Karylleila Andrade, pelas valiosas orientações, ensinamentos, paciência e por acreditar em mim mesmo quando achei que não era digno de estar no mestrado.

Ao professor, Bruno Carneiro, por ter me dado a oportunidade de compartilhar meus conhecimentos durante a docência orientada e pela orientação valorosa quando eu achei que não tinha mais o que explicar sobre meu trabalho.

Aos meus colegas e companheiros de mestrado do PPGLetras-Porto Nacional, pelo companheirismo e horas dedicadas na busca de mudanças por uma educação de qualidade e igual para todos.

Aos meus parceiros de república, Gabi, Vilomar e Vitória, por partilharem da companhia e histórias de vida inspiradoras.

A meus amigos, Rafael, por organizar minha estada em Porto Nacional por um período de uma disciplina e a Alcione, que me abriu as portas de sua casa e de sua vida, sem vocês esse mestrado não teria acontecido.

A Idelvânia e sua família, por me receberem de braços abertos em sua residência durante algumas disciplinas do mestrado, obrigado pelo abrigo e carinho que dedicaram a mim, minha eterna gratidão.

A Paula, pelas incontáveis horas de conversas motivacionais, orientadoras e fofocas incontáveis... Você é uma inspiração! Minha admiração pela mulher, filha, mãe e profissional que você é...

Enfim, a todos que direta e indiretamente contribuíram para feitura dessa dissertação!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral descrever os topônimos em Libras que designam os 20 bairros do município de Santarém no Estado do Pará. O corpus da pesquisa foi o E-book e DVD, intitulado Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais (Reis; Rocha, 2023). Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa e documental e tem como proposta descrever as motivações de caráter lexical, morfológica e semântica dos topônimos analisados, por meio de registros em fichas lexicográfico-toponímicas. Nosso referencial teórico e metodológico parte dos autores: Dick (1990), Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022), dentre outros. Nosso trabalho identificou que os topônimos são resultados de dupla motivação, ora motivação icônica, pois busca demonstrar a base nas experiências corporais e visuais da Libras e a motivação da língua portuguesa com características de empréstimos gráficos (grafia) que são feitos por meio do alfabeto datilológico e (calque) que se alinha com uma tradução direta do termo do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Como consequência da descrição dos tipos de morfologia, notamos que essa categoria, demonstrou-se em sua maioria como simples híbrido (18 sinais) e outros dois sinais se apresentaram como simples. Isso demonstra como a língua majoritária (língua portuguesa) interferiu na produção desses sinais. Observamos e comprovamos que o tipo de categoria do sinal se apresentou com dez sinais dos quais eram inicializados híbridos, oito sinais se demonstraram como soletrados e apenas dois sinais foram caracterizados como nativos/puros. O motivo por trás do nome resulta de uma configuração de mão predominante que emula ou descreve a forma escrita do topônimo em português. No entanto, os parâmetros de movimento e localização das mãos podem carregar algum logotipo ou características motivadas com base em alguns atributos físicos ou culturais do lugar. Quanto a motivação dos sinais, observamos que (10 sinais) se demonstraram como icônico/empréstimo linguístico. Essa categoria foi analisada por percebemos que entre sinais existiam características próprias e iconicidade e empréstimos da língua majoritária, ou seja, eles se mostram por vezes com como referência em atributos físicos presentes nos topônimos de cada bairro e mesclavam características a partir da datilologia (empréstimo linguístico) exemplificando-se como as iniciais dos nomes dos bairros. Acreditamos ainda que essa pesquisa possa contribuir de forma significativa com a comunidade surda, pois reforça ainda mais o caráter que a Libras tem como língua natural. Destacamos que ainda há muitos caminhos linguísticos a serem explorados em relação à Libras e que as discussões iniciadas aqui serão objeto de um aprofundamento maior.

**Palavras-chaves:** Linguística. Libras. Toponímia. Léxico.

## ABSTRACT

This work has the general objective of describing the toponyms in Libras that designate the 20 neighborhoods of the municipality of Santarém in the State of Pará. The research corpus was the E-book and DVD, entitled *Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais* (Reis; Rocha, 2023). This is a qualitative and documentary research and aims to describe the lexical, morphological and semantic motivations of the toponyms analyzed, through records in lexicographic-toponymic cards. Our theoretical and methodological framework comes from the authors: Dick (1990), Souza-Júnior (2012); Sousa and Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022), among others. Our work identified that the toponyms are the result of a double motivation, sometimes an iconic motivation, as it seeks to demonstrate the basis in the bodily and visual experiences of Libras and the motivation of the Portuguese language with characteristics of graphic loans (graphy) that are made through the dactylogical alphabet and (calque) that aligns with a direct translation of the term from Portuguese to Brazilian Sign Language (Libras). As a consequence of the description of the types of morphology, we noticed that this category was mostly shown to be a simple hybrid (18 signs) and two other signs were shown to be simple. This demonstrates how the majority language (Portuguese) interfered in the production of these signs. We observed and proved that the type of sign category was presented with ten signs that were initialized as hybrids, eight signs were shown to be spelled and only two signs were characterized as native/pure. The reason behind the name results from a predominant hand configuration that emulates or describes the written form of the place name in Portuguese. However, the parameters of movement and location of the hands may carry some logo or motivated characteristics based on some physical or cultural attributes of the place. Regarding the motivation of the signs, we observed that (10) signs were shown to be iconic/linguistic borrowings. This category was analyzed because we noticed that among the signs there were characteristics of their own and iconicity and borrowings from the majority language, that is, they sometimes show themselves as references to physical attributes present in the toponyms of each neighborhood and mixed characteristics from finger language (linguistic borrowings), exemplified by the initials of the names of the neighborhoods. We also believe that this research can contribute significantly to the deaf community, as it further reinforces the character that Libras has as a natural language. We emphasize that there are still many linguistic paths to be explored in relation to Libras and that the discussions initiated here will be the subject of greater depth.

**Key-words:** Linguistics. Libras. Toponymy. Lexicon.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Primeiros dicionários da Libras.....	65
Figura 2- Número das Configurações de mãos.....	67
Figura 3- Alfabeto Datilológico da Libras.....	68
Figura 4- Composição Lexiacal Segundo Quadros e Karnopp.....	71
Figura 5- Sinais de AZUL e NUNCA em Libras.....	72
Figura 6- Sinal de TRÂNSITO em Libras.....	73
Figura 7 – Sinal de PASSAR UM PELO OUTRO em Libras.....	74
Figura 8 – Websoftware Toponímico da Libras.....	80
Figura 9 – E-book e DVD Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais.....	84
Figura 10 – Mapas dos Bairros de Santarém/Pará.....	86
Figura 11 – Fichas Lexicográficas de Albuquerque (2021).....	112
Figura 12 – Fichas Lexicográficas de Miranda (2020) (2020).....	112
Figura 13 – Sinal do Topônimo LIBERDADE.....	118
Figura 14 – Sinal do Topônimo AEROPORTO VELHO.....	118
Figura 15 – Sinal do Topônimo COLARES.....	119
Figura 16 – Sinal do Topônimo SANTA BARBÁRA DO PARÁ.....	119
Figura 17 – Sinal do Topônimo AMPARO.....	125
Figura 18 – Sinal do Topônimo ÁREA VERDE.....	125
Figura 19 – Sinal do Topônimo LIBERDADE.....	125
Figura 20 – Sinal do Topônimo SANTIÍSSIMO.....	125
Figura 21 – Sinal do Topônimo LIBERDADE.....	128
Figura 22 – Sinal do Topônimo CUCURUNÃ.....	129
Figura 23 – Sinal do Topônimo MATINHA.....	129
Figura 24 – Sinal do Topônimo SANTA CLARA.....	134
Figura 25 – Sinal do Topônimo MARACANÃ.....	134
Figura 26 – Sinal do Topônimo ELCIONE BARBALHO.....	135
Figura 27 – Sinal do Topônimo DIAMANTINO.....	135
Figura 28 – Sinal do Topônimo LIBERDADE.....	136
Figura 29 – Sinal do Topônimo SANTÍSSIMO.....	136
Figura 30 – Sinal do Topônimo SANTÍSSIMO.....	137
Figura 31 – Sinal do Topônimo AMPARO.....	138
Figura 32 – Sinal do Topônimo NOVO HORIZONTE.....	138
Figura 33 – Sinal do Topônimo LIBERDADE.....	142
Figura 34 – Sinal do Topônimo SANTÍSSIMO.....	142
Figura 35 – Sinal do Topônimo NOVO HORIZONTE.....	143
Figura 36 – Sinal do Topônimo IPANEMA.....	143
Figura 37 – Sinal do Topônimo MARACANÃ.....	144
Figura 38 – Sinal do Topônimo MARARU.....	144

## LISTA DE QUADROS

Quadro I- Associações Presentes no Estado do Pará .....	33
Quadro II- Estrutura do Topônimos em Língua de Sinais.....	79
Quadro III- Nomes dos Bairro descritos pelo trabalho.....	86
Quadro IV- Fichas Lexicográficas-Toponímicas .....	89
Quadro V- Aspectos dos Tipos de Formação dos sinais em Libras.....	90
Quadro VI- Aspectos dos Tipos de Categoria de sinais em Libras.....	90
Quadro VII- Aspectos dos Tipos de Motivação de sinais em Libras.....	90
Quadro VIII- Nomes dos Bairros de Santarém em Língua Portuguesa e Libras.....	114
Quadro IX- Às Especificações morfológicas do corpus analisado pela pesquisa .....	120
Quadro X- As Três Categorias exploradas dos Topônimos .....	128
Quadro XI- Motivações do Topônimos que designam os bairros de Santarém.....	138

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I- Tipo de Morfologia do Sinal.....	124
Gráfico II- Tipo de Categoria do Sinal.....	133
Gráfico III- Tipo de Motivação do Sinal .....	141

## LISTA DE FICHAS

Ficha I- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Aeroporto Velho.....	91
Ficha II- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Aldeia.....	92
Ficha III- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Amparo.....	93
Ficha IV- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Área Verde.....	94
Ficha V- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Caranazal.....	95
Ficha VI- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Cucurunã.....	96
Ficha VII- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Diamantino.....	97
Ficha VIII- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Elcione Barbalho.....	98
Ficha IX- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Ipanema.....	99
Ficha X- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Liberdade.....	100
Ficha XI- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Mapiri.....	101
Ficha XII- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Maracanã.....	102
Ficha XIII- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Mararu.....	103
Ficha XIV- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Matinha.....	104
Ficha XV- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Nova República.....	105
Ficha XVI- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Novo Horizonte.....	106
Ficha XVII- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Prainha.....	107
Ficha XVIII- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Santa Clara.....	108
Ficha XIX- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Santarenzinho.....	109
Ficha XX- Ficha Lexicográfica-Toponímica do Bairro Santíssimo.....	110

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
UFPA	Universidade Federal do Pará
INES	Instituto Nacionais de Educação de Surdos
ISM	Instituto de Surdos-Mudos
INSM	Instituto Nacional de Surdos-Mudos
LSF	Língua de Sinais Francesa
ASL	Língua de Sinais Americana
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 IDENTIDADE E CULTURA SURDA .....</b>	<b>21</b>
2.1 Os encontros e desencontros para o conceito de cultura .....	21
2.2 Um proposta para o conceito de cultura surda. ....	29
2.3 Atores da construção histórica da cultura surda.....	36
2.4 História de lutas e conquistas do povo surdo.....	39
2.5 Os múltiplos aspectos da identidade Surda .....	50
<b>3 O ESTUDO DO LÉXICO EM LIBRAS .....</b>	<b>54</b>
3.1 A importância do léxico.....	54
3.2 Gramática da Libras .....	62
3.3 Léxico em Libras .....	69
3.4 Toponímia da Libras .....	73
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>81</b>
4.1 Pressupostos Metodológicos .....	81
4.2 Levantamento do corpus .....	83
4.3 Registro do Corpus - ficha lexicográfico-toponímica.....	86
4.4 Procedimentos de Análise dos dados .....	87
4.5 Procedimentos para a Análise .....	88
<b>5 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>90</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>110</b>
6.1 Análise Morfológica do Topônimos .....	116
6.2 Análise do Tipo de Categoria dos Sinais .....	125
6.3 Análise do Tipo de Motivação dos Sinais .....	135
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>149</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os processos que desencadearam a minha vida acadêmica são permeados de muita luta pessoal. Chegar aqui é muito simbólico para mim. Começarei contando um pouco de meu percurso na universidade e os caminhos que me trouxeram até o mestrado em letras na Universidade Federal do Tocantins – UFT.

O início de minha vida acadêmica começa nos anos de 2002 em curso de graduação em filosofia na minha cidade natal, Monte Alegre/PA. Esse curso era na modalidade semipresencial. Aos finais de semana, estudávamos de forma presencial e, nos demais dias, ficávamos por ler e fazer atividades referentes ao curso. Fiquei por lá três anos de minha vida, aprendi muito, os professores eram excelentes, mas quis o destino que eu não concluísse o curso, por fatores pessoais e por “contendas” relacionadas à validade ou não do curso.

Depois desses três anos no curso de filosofia, fiz um curso técnico em meio ambiente, momento esse de grande valia para a minha vida. Foi nesse curso que pude compreender melhor o valor da educação na vida das pessoas. Minha família sempre acreditava no meu potencial, diziam que eu era o mais inteligente da família, confesso que nunca me considerei com essas inteligências, eu era esforçado, buscava sempre o melhor. Minha gana por fazer um curso em uma universidade pública era meu norte, tentei por longos cinco anos os vestibulares e Enem’s da época, sempre “batendo à porta” e nunca entrando.

No ano de 2010, eu e meus três irmãos fizemos o vestibular da Universidade Federal do Pará (UFPA) para cidades e cursos diferentes. Eu almejava o curso de Letras, meu irmão mais velho, o de matemática, minha irmã mais velha, o de ciências da natureza e meu irmão caçula, o de história. Eu sempre acreditei que o destino era feito desde o início de nossas vidas, algo engessado, sem perspectivas de mudanças, mas eu, como bom indagador, queria fazer desse destino algo que pudesse ser modificado, depois das outras decepções que havia tido em vestibulares passados. Passamos três dos quatro filhos de dona Raimunda Caires e Raimundo Borges.

Comecei o curso de Letras-Libras/Português na Universidade Federal do Pará, no campus de Soure/Marajó, curso esse qual eu não tinha a menor intimidade. Para mim, era a oportunidade certa de conseguir um bom emprego e aprender muito mais sobre essa nova língua tão falada e festejada à época. Minha turma era composta por quarenta colegas advindos das mais diversas regiões do Pará. Todos com muita vontade de conhecer essa língua. Nas

primeiras disciplinas, fomos inundados por um tsunami de mãos sinalizadas pela professora-surda Ellen Formigosa, grande entusiasta da Libras e defensora dos direitos dos surdos.

O curso perdurou quatro anos de muitas lutas e conquistas, em especial para quem saía de longe, como eu, que moro na região oeste do Pará, região ribeirinha, bastante afastada da capital do estado. Eu percorria dois dias de viagem de barco e mais 12h de viagem para chegar ao meu destino de estudo, mas sempre com a mesma disposição de apreender e me formar um dia. Foi nesse período meu primeiro contato com a Libras e com a cultura surda, conheci muitos alunos e amigos surdos que nos nortearam acerca do curso e das dificuldades que enfrentaríamos e enfrentamos até hoje. O grande desafio nesse período foi estar em contato com a comunidade surda, já que minha cidade não tem associação de surdos. Então, eu precisava me deslocar até a cidade vizinha (Santarém) para estar em contato com essa comunidade.

Concluí meu curso no ano de 2015. Nesse meio tempo, eu já atuava como professor de língua portuguesa na educação básica. Você deve estar se perguntando, mas por que só entrei no mestrado no ano de 2022? A resposta é certa: eu precisava desse tempo e momento para conhecer melhor a realidade da educação básica e poder assim formar e ter experiência suficiente para buscar a qualificação em mestrado.

Minha história com o mestrado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) se deu em meio à pandemia da Covid-19. No ano de 2020, antes de deflagrar a pandemia, eu deixei a sala de aula para me dedicar a concursos públicos. Eu precisava desse momento para estudar e ser aprovado em algum concurso. Nesse meio tempo, meu amigo e colega do curso de Letras (Willen Brasil) falou-me dos mestrados que estavam abrindo e eu não dei muita atenção, eu acreditava que ainda não era a hora e nem o momento. No ano de 2021, depois de muita insistência, fiz um processo seletivo de mestrado para o campus de Porto Nacional, cheguei à fase de entrevista e por lá eu fiquei. Tentei outros mestrados em diversos estados, inclusive o meu (Pará), o resultado era o mesmo: insucesso!

Foi então que resolvi mudar de temática e passei a pesquisar sobre toponímia e fiquei encantado com essa área. Eu imaginava se tratar apenas de geografia, mas poderia ser tão extensa e rica de ser explorada e, mais ainda, pela Língua Brasileira de Sinais. Foi então, que comecei a criar um projeto voltado a essa área e passei a pesquisar sobre minha futura e hoje orientadora (Karylleila Andrade). Percebi que era a oportunidade certa de poder fazer parte do programa de mestrado. Tiro certo, fui passando pelas etapas com sucesso e cheguei ao final da etapa como o mais novo mestrando em Letras na área de estudos linguísticos.

Aprovado e matriculado, começou outra novela: como morar em um lugar que não conhecia ninguém, sem trabalho e sem perspectivas de bolsas de estudo, apenas com um sonho

de ser o primeiro mestre da família? Essa, sim, foi meu porto seguro, ajudou-me sem medir esforços para que eu pudesse chegar a Porto Nacional e cursar as disciplinas do curso.

A minha primeira ideia era uma pesquisa de campo do tipo etnográfica. Eu buscava junto à Associação de Surdos de Santarém/PA os sinais dos nomes dos bairros da cidade e como esses sinais foram instituídos ao longo dos tempos. Com o início do curso e depois de dois meses cursando as disciplinas, fui surpreendido com um e-book e DVD com os nomes dos bairros de Santarém em Libras e fiquei desesperado com a possibilidade de mudar drasticamente meu projeto inicial. Liguei para minha orientadora, com o coração palpitando e achando que tudo terminaria ali. Ela me acalmou e foi a partir dali que tivemos que mudar a metodologia do trabalho. Ao invés de uma pesquisa de campo, faríamos uma pesquisa documental a partir do livro lançado.

Nesse interstício, conheci as duas professoras que produziram o livro e o DVD. Acolheram-me com carinho e dedicação e me apresentaram para a comunidade surda santarena, que me recebeu de braços abertos e dispostos a me ajudar naquilo que fosse necessário para a minha pesquisa. Não foi fácil ser recebido pela comunidade surda, que até aquele momento ainda estava desconfiada pelas muitas decepções sofridas ao longo dos anos. Professora Gilma e Cleici fizeram “a ponte” para que pudesse ser acolhido e poder auxiliar à minha maneira a comunidade surda local.

Nesse sentido, este trabalho busca compreender as interfaces da Língua Brasileira de Sinais e como a Toponímia pode auxiliar nesse processo. Nos indagamos então: Quais os aspectos motivacionais para a realização dos vinte sinais dos bairros de Santarém/Pa em Libras presentes no e-book e DVD “Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais”? Quais as características Léxico-morfo-semântico estão presentes nos sinais do *corpus* da pesquisa? De que modo os vinte bairros do município de Santarém, no Pará, descritos no glossário, são denominados na toponímica em Libras?

Partindo de tais indagações, nossas hipóteses são de que os sinais combinam características visuais e icônicas que caracterizam cada bairro para alcançar reconhecimento e memorização. A motivação para esse fato pode estar relacionada ao processo de valorização da identidade regional em Libras, a partir do qual o incentivo à cultura local dentro da comunidade surda pode encontrar seu suporte. Os sinais têm formação lexical por meio da iconicidade, que representa aspectos visuais ou concretos dos bairros. Processos morfológicos de composição, derivação e aglutinação introduzem novos sinais dentro do contexto local. As características lexicais dos sinais demonstram uma relação de contexto com os bairros, como a relação com

atividades econômicas, pontos históricos de referência ou tradições culturais. Dessa forma, pode-se admitir que a constituição dos sinais resulta da interatividade entre a Língua Brasileira de Sinais nacional e o regionalismo ou localismo. A nomenclatura dos bairros em Libras adere a diretrizes toponímicas inspiradas em elementos naturais (incluindo rios e florestas) e culturais (como eventos festivos ou personalidades históricas). Os sinais toponímicos seguem padrões linguísticos regionais que estão em conversação com a identidade surda local para sublinhar o contexto cultural da Amazônia no que diz respeito à formação de sinais toponímicos.

Nosso trabalho tem como objetivo geral: descrever os topônimos em Libras que designam os 20 bairros do município de Santarém no Estado do Pará. Nesse aspecto, ponderamos nossos objetivos específicos cuidadosamente: a) analisar os aspectos lexicais, morfológicos e semânticos dos sinais dos bairros; b) identificar as motivações dos sinais toponímicos para os bairros; c) registrar os sinais em fichas lexicográficas-toponímicas dos sinais topônimos a partir dos autores Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022).

Desta maneira, este trabalho justifica-se pela sua relevância quanto ao estudo dos nomes dos bairros em Libras pode trazer mudanças significativas para a comunidade surda, pois a toponímia pode ajudar a fortalecer a identidade da comunidade surda, promovendo o reconhecimento, a consciência linguística e cultural da comunidade surda. Ao incluir informações acessíveis, identitárias e culturalmente relevantes, as pessoas surdas podem se sentir mais bem-vindas e integradas em sua comunidade local.

Ademais, alguns autores nos auxiliaram para a compreensão dos conceitos de cultura de modo geral (Tylor, 1971; Bauman, 2002; 2012; Gomes, 2015) e cultura surda (Strobell, 2008; 2019; Santana, 2007; Karnopp, 2006). Trabalharemos ainda com outros autores que teorizam sobre a temática deste estudo como: (Perlin e Strobel, 2014; Karnopp e Klein, 2007) (que tratam sobre educação e história cultural surda); Faria-Nascimento e Correia (2011) (que discutem sobre a referenciação morfossintática da Libras); Biderman, 1999 e 2001 (estuda a ciência do léxico); Rio-Torto (2006) (trabalha os aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos da língua português); Capovilla e Raphael (2005) (tratam das enciclopédias das línguas de sinais); Souza-Júnior, 2012 (toponímia da Libras); Souza, 2022 (aspectos morfológicos, semânticos e sintáticos da Libras); Andrade, 2001 (Os estudos toponímicos e o conhecimento da cosmovisão das diversas comunidades linguísticas), entre outros. Esses autores irão aprimorar as análises buscadas por essa pesquisa.

Essa dissertação está dividida em quatro capítulos arrolados a seguir: capítulo I trata dos múltiplos conceitos de cultura e os atores da construção da cultura e identidade surda, bem como as lutas e conquistas enfrentadas pela comunidade surda. O capítulo II busca explicar acerca do léxico das línguas, dando ênfase ao da Libras, sua gramática e os aspectos da toponímia da Libras. No capítulo III, são dedicados aos pressupostos metodológicos, o levantamento do corpus e como será feita a análise dos dados. E no capítulo IV, fizemos as análises e discussões dos dados a partir das fichas lexicográficas-toponímicas. Por fim, no capítulo V, trataremos das considerações finais.

## **2 IDENTIDADE E CULTURA SURDA**

### **2.1 Os encontros e desencontros para o conceito de cultura**

A interpretação mais ancestral do termo "cultura" está relacionada à sofisticação, à educação refinada, ao desenvolvimento intelectual e humano. Esse significado remonta aos gregos e latinos, associado à formação do homem em sua essência, ou seja, à instrução nas "belas-artes" características do ser humano, que o distinguem de todas as outras formas de vida animada. Na Grécia antiga, a cultura era entendida como a busca e a concretização do autoconhecimento humano, profundamente enraizada na filosofia. O desenvolvimento pleno do homem como ser ocorria mediante o conhecimento de si e do mundo ao seu redor, envolvendo, assim, a busca pela verdade em todas as áreas que despertavam seu interesse. Essa propriedade estava estreitamente associada à cultura intelectual.

O desenvolvimento do estudo de um conceito definitório da palavra cultura parece seguir passos pendulares de vai e vem. A escalada do conceito de cultura no mundo científico significou, ora relacionada ao desmonte do racionalismo dominante da natureza humana – uma visão do homem totalmente atrelada à natureza e isso justificava seus modos de agir e ser no mundo, – ora suas reparações por paradigmas, que por vez ainda soavam complexas e sem a clareza devida. Doravante, inúmeras investidas de elucidar esse tema e reestabelecer uma explicação plausível acerca do ser humano atravessaram o modo de pensar da ciência quanto à cultura. Neste sentido, percebendo que sua escalada seria muito maior, cheia de teias e complexidades do que eles pensavam, propuseram e se encorajaram para organizá-la. Logo, esperar o conceito de cultura a partir dessas sequências ainda é prematuro, uma vez que essas discussões estão longe do fim.

Outrossim, os modelos propostos pelos ingleses e americanos, os primeiros buscavam entender e observar a ideia de cultura de uma nação para outra, em especial o que eles entendiam de cultura própria e os grupos étnicos distintos. Para os segundos, a pesquisa de campo minuciosa, a interpretação da interpretação, a exploração do processo de socialização e a interação com os participantes era crucial, pois a ideia era examinar, não apenas os aspectos específicos das culturas, mas também suas interrelações com os eventos na vida mental dos indivíduos). Dessa forma, o sistema cultural influencia a formação de um indivíduo, moldando-o conforme os papéis sociais e culturais da comunidade à qual pertence.

Aqui convém destacar o trabalho da antropologia e suas observações minuciosas do comportamento humano e como determinado povo x ou y estavam atrelados, ou não, em maneiras de pensar e agir. Assim, é necessário salientar a calma observatória dos ingleses, que

se debruçavam horas incontáveis em suas demandas daquilo que era “estranho”, no modo de ver e perceber vivências socioculturais de determinados povos, enquanto os americanos estavam atentos às línguas, aos artefatos e aos indivíduos sobreviventes, como forma mais objetiva de entender a cultura ameríndia, especialmente.

Além disso, os britânicos inicialmente questionaram como e por que as pessoas se reuniam, enquanto os americanos queriam entender como normas e princípios coexistiam ou se confrontavam. Ambos estavam entusiasmados com a noção de papel como uma ferramenta analítica indispensável e fundamental que poderia tornar compreensíveis dados empíricos díspares. Os britânicos interpretam os papéis como conexões intermediárias que conectam o comportamento individual às demandas da estrutura social, enquanto os americanos os veem como intermediários entre o comportamento individual e uma complexa rede de normas e regras morais (Geertz, 2008).

Esse debate é um exemplo claro de uma situação em que o termo “cultura” é percebido de forma diferente e pode levar povos distintos a exagerar características conceituais, quaisquer que sejam, levando-os por vezes por caminhos quase incomunicáveis. Por outro lado, brechas conceituais mais profundas são frequentemente negligenciadas ou minimizadas quando escondidas atrás de termos relacionados.

Para explorar mais a fundo essas ideias, é pertinente examinar a origem da definição de cultura e suas alusões sócio-históricas. Um dos primeiros conceitos formais de cultura na antropologia é atribuído ao antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1871), que declarou: "cultura é o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e todos os outros costumes e habilidades adquiridos pelo ser humano enquanto integrante de uma sociedade".

Segundo Tylor, a cultura se distingue pela sua essência coletiva, espelhando a totalidade da existência social humana (Cuche, 1999). Em contraste, enquanto o termo "civilização" costuma ser associado a sociedades primitivas, o conceito de "cultura" ultrapassa essa perspectiva limitada. Mesmo sendo uma perspectiva universalista, a definição de Tylor é notável por representar a primeira tentativa de esclarecer o conceito de cultura, estando em sintonia, além disso, com o contexto sócio-histórico da sua época. Adicionalmente, ainda hoje, empenhos em busca de uniformidade perduram, frequentemente impulsionados por razões eminentemente políticas.

Todos esses elementos, como costumes, leis e significados imputados ao comportamento de alguém, foram considerados parte da etnografia formulada por Taylor em

1871, quando utilizou pela primeira vez o termo cultura, ainda reificando a definição de cultura. Vejamos o que diz o antropólogo Mércio Pereira Gomes:

Cultura é uma espécie de “segunda natureza” do homem, uma mediação, uma qualidade de filtro ou lente que permite o homem formar noções sobre si mesmo e o mundo e, ao mesmo tempo agir. Num sentido empírico, cultura é tudo que o homem faz parcialmente consciente e parcialmente inconscientes, além daquilo que sua natureza biológica o permite fazer (Gomes, 2015, p.15).

Podemos, então, interpretar essa segunda natureza como aquilo que nos distingue dos demais animais: a habilidade de criar cultura e atribuir significado às coisas. Isso envolve um conjunto de práticas que abrange desde a produção material até o bem-estar (ou não) do ser humano. Assim como um sentido relativo da vida, isso perpetua uma certa maneira de compreender o mundo ao nosso redor. Essa perspectiva pode ser associada a uma região específica, país, cidade e até mesmo a um bairro, por exemplo.

Consultar um dicionário revela uma ampla gama de definições para o conceito de cultura.

O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Como ações sociais seguem um padrão determinado no espaço. Compreendem as crenças, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explicam e dá sentido à cosmologia social. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período. (Ferreira, 2009).

O entendimento do que foi se constituindo de cultura tem sido abordado em múltiplas esferas do conhecimento, uma vez que ela se materializa na interação entre indivíduos e nas suas conexões com o ambiente de trabalho. Sob essa ótica, torna-se evidente a influência da sociedade em distintos períodos históricos na configuração dessas definições, bem como o impacto da ideologia presente nos diferentes setores de desempenho do ser humano na sociedade.

Vale ressaltar que as mudanças e vivências históricas dos indivíduos e das sociedades desempenham um papel fundamental na revisão periódica, reformulação e reinterpretação do conceito de cultura. Portanto, podemos entender a argumentação daqueles que afirmam que a

cultura é uma maneira de manifestar e/ou “pintar” as vivências e conhecimentos de um grupo durante seu percurso histórico.

A base teórica da Antropologia Linguística reside na conexão entre a linguagem em sua aplicação e a cultura (Duranti, 2001). Assim, é vantajoso adquirir conhecimento sobre os aspectos culturais dos surdos, uma vez que isso nos possibilita compreender as diversas maneiras pelas quais a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é utilizada.

Uma língua é mais que um conjunto de categorias fonológicas, morfológicas, sintáticas ou léxicas e uma série de regras para seu uso. Uma língua existe no contexto de práticas culturais que, por sua vez, descansam em alguns recursos semióticos, como as representações e expectativas que proporcionam aos corpos e movimentos dos participantes no espaço, o entorno construído em que interatuam, e as relações dinâmicas que se estabelecem por meio da recorrência na atividade conjunta que realizam (Duranti, 2000, p. 104).

Na obra "Linguistic anthropology" (1997), Alessandro Duranti expõe seis teorias acerca da cultura. Na sua primeira teoria, Duranti (1997) geralmente enfatiza que a cultura é comumente concebida como um conhecimento adquirido e transmitido entre gerações por meio de práticas, relações interpessoais e comunicação. Isso ajuda a compreender por que alguém adotado por indivíduos de outra cultura pode assimilar a cultura dos pais adotivos. Nós não nascemos com uma cultura específica, mas sim com a capacidade de absorvê-la. Dessa forma, o texto apresenta a dicotomia entre o que é inato e o que é adquirido. A capacidade de adquirir cultura é inata ao ser humano, mas a cultura em si é algo que se adquire.

Na segunda teoria, Duranti baseia-se em uma perspectiva cognitiva da cultura, na qual o conjunto essencial de conhecimento para participar de uma comunidade envolve tanto conhecimento proposicional quanto conhecimento procedimental. Assim, através do conhecimento proposicional, uma pessoa de uma comunidade específica entende algo através de uma proposição.

Ao abordar a terceira teoria, Duranti (1997) descreve a cultura como um meio de comunicação, percebendo-a como um sistema de sinais. Nesse contexto, os indivíduos desenvolvem a habilidade de associar simbolicamente as pessoas ao ambiente por meio de produtos culturais, tais como histórias, mitos, teorias, provérbios, expressões artísticas, entre outros.

Na quarta teoria, Duranti (1997) diz que a cultura pode ser concebida como um sistema de mediação, sendo a forma pela qual nos relacionamos com o ambiente, com outras pessoas e até mesmo conosco mesmos. É essencial compreender a cultura como a ferramenta fundamental para a interação do ser humano com o seu contexto. O autor aborda a cultura como uma ferramenta, adotando uma perspectiva marxista que faz alusão ao conceito de instrumento de trabalho.

A concepção de cultura como um sistema de práticas (quinta teoria) emergiu concomitantemente ao surgimento do pós-estruturalismo nas décadas de 60 e 70, período no qual teorias estruturalistas, principalmente no contexto linguístico, foram contestadas e desafiadas. Duranti (1997, p. 45) argumenta que a simplificação da cultura como meramente um sistema de signos opostos começou a ser questionada. Isso deu início a uma exploração mais profunda das culturas de forma diacrônica e histórica, considerando o seu desenvolvimento ao longo do tempo.

A teoria que encara a cultura como um sistema de participação (sexta teoria) está intimamente conectada à concepção de cultura como um sistema de práticas, fundamentando-se na noção de que todas as formas de expressão verbal têm uma natureza social, coletiva e participativa. Com base nessa perspectiva, é possível compreender que a língua desempenha um papel crucial, pois dominar um idioma significa ter a capacidade de participar e compartilhar ideias em uma comunidade que vai além de um único indivíduo falante.

Levi-Strauss (1963) defendeu que cada cultura pode ser percebida como uma combinação de sistemas simbólicos, linguagem, relações econômicas, arte, ciência e religião. Todos esses sistemas, de acordo com o autor, são voltados para a expressão de alguns elementos de fatos materiais e sociais, sem mencionar a representação de relacionamentos entre essas duas classes de fatos e inter-relações entre sistemas simbólicos.

Segundo Duranti (1997), a cultura não está restrita apenas às histórias documentadas por etnógrafos e posteriormente escritas. Ela também pode ser identificada durante interações verbais em diversas situações, seja na participação em eventos, na habilidade de ser competente em determinados aspectos, na capacidade de dar ou seguir ordens, na execução delas, na resposta ou formulação de perguntas.

Deve-se destacar que há alguns conceitos e dúvidas sobre a definição de cultura, sem uma definição exata e segura, já que está ligada às mais variadas representações da vida social singular. Utilizaremos Bauman (2002) para fundamentar nossas observações, que se apropria

de três conceitos que são comumente difundidos no universo do discurso. Cultura como ideia hierárquica, cultura como ideia distinta e cultura como ideia geral.

O conceito hierárquico de cultura está saturado de valores. Contudo, essa frase apenas indica um posicionamento parcial em um debate conhecido acerca da comparabilidade e/ou relatividade de soluções culturais. Quando interpretada de maneira hierárquica, a palavra "cultura" é complicada de ser empregada no plural. Este conceito só faz sentido quando é representado como cultura. O ser humano tem uma natureza ideal, e cultura significa esforço consciente, dedicado e sustentado para a realização desse ideal, integrando processos vitais específicos com o mais alto potencial de ocupação humana. A esse respeito, Bauman (2002) expõe:

A noção hierárquica de cultura mantém-se inabalada não apenas diante de nossa distinção (em outros casos, meticulosa) entre descrição e avaliação. Ela permanece imune a outra distinção que frequenta o moderno pensamento culturoológico, entre cultura e natureza. Cultura é atingir, alcançar, a natureza; cultural é aquilo que *in actu* se torna idêntico à sua *potentia* natural. (Bauman, 2002, p. 53)

O autor defende que há uma estreita correspondência entre as concepções de ideais culturais do tipo abobalhado e o raciocínio interno da lógica categórica da estrutura dos processos vitais, porém enfatiza que a avaliação do papel desempenhado pelos conceitos hierárquicos nas sociedades em conflito depende do quadro estrutural de referência escolhido. Afinal, os conflitos sobre noções de hierarquia cultural também podem transmitir as queixas dos grupos mais descriminalizados. Nos tempos modernos, no entanto, o conceito de hierarquia não é mais relevante, pois inteligência e dinheiro podem trazer mobilidade social ascendente e, para Bouman (2002), o conceito de hierarquia na cultura foi reelaborado para o proveito de estudiosos e intelectuais.

Outro conceito de cultura exposto por Bauman (2002) é a cultura diferencial, usado para elucidar os contrastes manifestos entre os grupos de pessoas. Este conceito avança a ideia de que a cultura é uma das principais causas das fortunas divergentes de pessoas geneticamente dotadas com oportunidades econômicas semelhantes. Historicamente, os antropólogos têm utilizado elementos da diferença para conduzir pesquisas, compreender e comunicar a verdade sobre as culturas de outros grupos sociais. Vejamos o que diz Goodenough (1981):

[...] A cultura de uma sociedade consiste em qualquer coisa que se precise saber ou acreditar a fim de operar de maneira aceitável para os seus membros, sendo a forma como as coisas que as pessoas têm em mente, seu modelo para percebê-las, relatá-las e interpretá-las. (Goodenough, 1981, p. 85)

Dessa forma, se alguma cultura, por significação, estabelece um ente único, coerente e ligado, então qualquer equívoco, incerteza, ausência de aparente compromisso unilateral ou mesmo aparente falta de coesão tende a ser vista como um “encontro” ao invés de um “conflito” entre conjuntos culturais distintos e coerentes. O conceito de diferença cultural se incorporou tão profundamente no pensamento popular que consideramos o termo "choque cultural" como evidente. No entanto, uma análise da história intelectual do mundo ocidental levanta sérias questões acerca da atemporalidade e da origem espontânea dessa crença.

O terceiro e último conceito de cultura de Bauman é o de cultura genérica. Esse conceito está relacionado às pessoas e aos limites humanos porque envolve atributos que unem os seres humanos, separando-os de outras coisas. A busca não é por uma unidade biológica pré-cultural, mas sim por uma fundamentação teórica para a relativa autonomia e especificidade do campo cultural. Em sua forma mais simples, esse conceito universal atribui a própria cultura a todos os seres humanos com características universais, e essas características sozinhas são uma das diferenças entre humanos e animais: a cultura não é apenas um conjunto de normas e costumes, mas uma maneira humana específica de viver o teatro, enraizada nas capacidades específicas da mente humana. Outros defensores do conceito de universais culturais se assemelham à perspectiva tradicional do denominador comum, embora inserida no cenário histórico da transição do mundo animal para o humano.

A noção genérica de cultura, portanto, foi cunhada para superar a persistente oposição filosófica entre espiritual e real, pensamento e matéria, corpo e mente. O único componente necessário e insubstituível do conceito é o processo de estruturação, com seus resultados objetificados – as estruturas produzidas pelo homem. (Bauman, 2012, p. 153).

Portanto, a cultura é um empenho constante para superar e dissolver a dicotomia (mente/corpo e espírito/matéria). Imaginação e submissão são duas facetas incontestáveis da vida humana que não só limitam, mas também se sustentam. Não é possível superá-las no final - elas apenas podem superar suas próprias contradições, recriando e reconstruindo o contexto em que foram geradas. Deste modo, a dor cultural está destinada a durar para sempre. Da mesma forma, uma vez empoderado culturalmente, o homem está destinado a investigar, a ficar contrariado com seu mundo, a arruinar e a refazer.

É importante salientar que o conceito de cultura pode ser entendido ainda como subjetivo e de uma objetividade buscada a todo custo por inúmeros pesquisadores das diversas áreas do conhecimento. Pautaremos as discussões a partir desse ponto, elucidando o conceito

de cultura no mundo contemporâneo e suas nuances para a práxis cotidiana nas mais diversas esferas sociais.

Conforme observado por Neto (2003), os temas da cultura atualmente percorrem as áreas acadêmica, política e agora cotidiana e econômica, qualificando a cultura como central para qualquer reflexão sobre o mundo contemporâneo. As questões não diferem dentro do setor educacional, pois, de acordo com Giroux (1986), os fatores culturais constituem uma construção central dentro de qualquer discussão das intrincadas interfaces que ligam a educação e o tecido hegemônico da sociedade.

A cultura é estruturada por sistemas de significados ou códigos que nos fornecem referências. Portanto, qualquer ação ou prática social é cultural, já que expressa e transmite representações, caracterizando-se, assim, como uma prática carregada de significados. A abordagem da cultura como prática de sentido tem suas bases na definição semiótica proposta por Geertz (2008, p. 37).

[...] Quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sobre a direção dos padrões culturais, sistemas de significado criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. Os padrões culturais envolvidos não são gerais, mas específicos - não apenas o "casamento", mas um conjunto particular de noções sobre o que são os homens e as mulheres, como os esposos devem tratar uns aos outros, ou quem deve casar-se com quem; não apenas "religião", mas crença na ordem do *Karma*, a observância de um mês de jejum ou a prática do sacrifício do gado [...] Geertz (2008, p. 37).

O autor nos mostra que, à medida que a cultura foi ganhando espaço nos estudos antropológicos (coloquemos aqui outras áreas do conhecimento como aporte para a busca incessante de um conceito único e global, a título de observação, que não existe e talvez demore um tempo para isso ser uma realidade palpável), foi desbravando outros terrenos até então pouco estudados. O próprio autor diz que a cultura é a caracterização da vida humana, ora com características sociais, ora no tocante à compreensão que a sociedade tem da realidade e como explana.

Nesse trabalho, entendemos e adotamos o conceito de cultura como algo que aprendemos, ensinamos, imergimos, imitamos, vivenciamos e dispomos a partir dos contextos sociais aos quais estamos envolvidos, isso pode incluir língua, fatores econômicos, políticos, educacional, familiar que nos diferenciam e nos modulam como seres plurais e dinâmicos. Esse

conceito impresso nos dará vazão para aquilo que queremos caracterizar como “cultura surda” nos subtítulos a seguir.

## **2.2 Uma proposta para o conceito de cultura surda.**

Quando falamos de cultura, pensamos diferentes conceitos, pois, como já foi dito, existem diferentes culturas e diferentes formas de conceituar cultura, dependendo do espaço de discussão. Aqui, neste espaço de linguagem, utilizarei a palavra cultura para expressar o “modo de existência do mundo” e sempre enfatizando o modo de existência do surdo no mundo, ou seja, a cultura do surdo.

À primeira vista, a cultura surda é caracterizada por um conjunto de valores, crenças, tradições e práticas que são compartilhados pela comunidade surda<sup>1</sup>. A base do seu funcionamento reside na língua de sinais, que é a língua nativa das pessoas surdas e que é utilizada como instrumento de comunicação e expressão cultural. Pode, também, ser caracterizada por uma forte identidade comunitária, em que os surdos se veem como parte de uma comunidade linguística e cultural distinta.

Um exemplo prático desse aspecto cultural é quando a comunidade surda prepara festivais, conferências e convenções onde pessoas surdas de todo o mundo podem se reunir para compartilhar experiências e celebrar suas identidades culturais. Outrossim, essas ocasiões oferecem oportunidades para pessoas surdas se expressarem livremente em sua própria língua e compartilharem sua cultura. Vale lembrar um aspecto importante da cultura surda que é o senso de comunidade e solidariedade. Pessoas surdas enfrentam desafios específicos em uma sociedade dominada por ouvintes, e a comunidade surda possibilita assistência mútua, compreensão e aceitação, possibilitando o acesso a serviços, direitos e inclusão social. A esse respeito, Strobel (2008) discute:

“o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.” (Strobel, 2008, p.30)

---

<sup>1</sup> Uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras. (Strobel, 2008, p. 30 - 31).

Nesse intervalo, Strobel (2008) apresenta uma narrativa rica e complexa, que abrange a batalha por reconhecimento e direitos linguísticos e culturais do povo surdo<sup>2</sup>. Por conseguinte, muitos surdos enfrentam barreiras de comunicação e exclusão social em sociedades que valorizam predominantemente a comunicação oral e auditiva. Dessa forma, a cultura surda pretende ressaltar a relevância da língua de sinais como um meio autêntico de comunicação e de manifestação cultural, além de fomentar a inclusão e o reconhecimento da diversidade linguística e cultural.

Além disso, Santana (2007) ilustra de que modo o indivíduo surdo compreende o ambiente ao seu redor, tornando-o acessível e adaptável, ao ajustá-lo segundo suas percepções visuais:

Na área da surdez, geralmente se encontra o termo “cultura” como referência à língua (de sinais), às estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios de que os surdos usufruem para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a companhia que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta, etc. (Santana, 2007, p. 45)

Apesar de a visão ser um dos sentidos fundamentais para os surdos, eles recorrem a outros sentidos para entender o mundo que os rodeia, como o tato e a vibração. Um exemplo disso são os sons de um alto-falante e as músicas percebidas por eles através da vibração de aparelho em ação. Outro exemplo é o uso de leitura orofacial, que pode permitir que eles participem de conversas, mesmo que não conheçam a língua de sinais ou não tenham acesso ao intérprete de Libras. Além disto, podem recorrer a adaptações visuais, tecnologia assistiva, acessibilidade visual, dentre outros instrumentos. É importante reconhecer e respeitar as distintas maneiras de como os surdos compreendem e se adaptam ao mundo.

É importante destacar que desvendar o uso da expressão cultura surda é esbarrar em conflitos de normalização do sujeito surdo. A luta contra as formas hegemônicas ouvintistas advindas de séculos de exclusão do povo surdo é desnudar as forças da colonização opressora audista que perdem sua força com as lutas por igualdade e pertencimento. Logo, a compreensão do “ser surdo” ganha novos ares de um posicionamento político que reconhece a potencialidade de uma concretização humana que considera a diferença.

---

<sup>2</sup> Sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. (Strobel, 2007, p.8).

De fato, o conceito de cultura é percebido como um símbolo na batalha pelos direitos dos surdos contra as significativas desigualdades políticas, sociais e os preconceitos ainda presentes. O termo "cultura" incorpora a ideia de buscar a conscientização sobre a existência da comunidade surda. Com base na perspectiva deste debate, Santana (2007, p. 46) declara que: “[...] acredita-se também que o termo ‘cultura surda’ (e sua legitimação) é produto exclusivamente dos surdos, enquanto aos demais grupos da sociedade, ou melhor, aos ouvintes, é subtraída qualquer participação na adoção do termo”.

No Brasil, uma das características mais visíveis quando se trata dessa temática estudada são os traços regionais. Cada região ou espaço geográfico em que a comunidade surda se situa apresenta características singulares e específicas em relação à organização e à participação dos indivíduos surdos nas demandas culturais e/ou em outros aspectos da vida dessa população. De maneira semelhante, tais características podem ser identificadas de diversas maneiras, incluindo a forma de organização, que, na maioria das situações, é centrada em outros surdos, com o intuito de expressar seus pensamentos e assegurar que os valores associados à condição de ser surdo sejam valorizados e respeitados.

Essa organização metódica é percebida entre eles quando coordenam muitos festivais e acontecimentos que festejam a sua cultura. Um exemplo é a Semana Nacional do Surdo, que ocorre todos os anos no mês de setembro e compreende atividades, palestras, workshops e exposições de arte. Outro exemplo é uma forte tradição de expressão artística, compreendendo dramaturgia, dança, poesia e literatura surda. Também, a educação surda é uma área importante na luta pelo direito ao bilinguismo, incluindo nesse aspecto o reconhecimento da Libras como primeira língua dos surdos brasileiros. Ademais, o movimento surdo milita na luta incessante pelo reconhecimento e garantias dos direitos, assegurando-os e colocando-os em prática para expressar suas características.

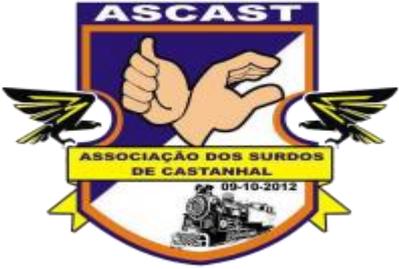
A comunicação do sujeito surdo está intimamente relacionada à compreensão das particularidades do outro surdo, assumindo a responsabilidade por essa conexão. Essa linguagem se manifesta na partilha de experiências semelhantes e na atenção dedicada ao outro, criando um vínculo de cuidado e empatia. Trata-se de uma responsabilidade que acolhe a diferença e reconhece a autoridade do outro, enquanto também admite momentos de revelação e personificação.

A associação de surdos é outra importante demanda no processo cultural. A Associação permite o desenvolvimento de projetos e ações afirmativas em prol da inclusão, difusão da Libras e informação à sociedade sobre o valor da comunicação, além de como essa comunicação funciona. As atividades da Associação demandam a troca de experiências, fator

que enriquece todas as gerações de surdos, uma vez que há trajetórias de vida, lutas e conquistas. A Associação, principalmente por meio de suas ações, pode garantir os direitos dessas pessoas que, na verdade, existem teoricamente, mas não são aplicados. Aqui cabe outro parêntese, existem quatorze associações de surdos no estado do Pará, são elas:

Quadro I - Associações presentes no Estado do Pará

NOME DA ASSOCIAÇÃO	SIGLA	LOGOTIPO
Associação de Surdos de Belém	ASBEL	
Associação de Surdos de Parauapebas	ASURP	
Associação de Surdos de Santarém	ASUSANT	
Associação de Surdos de São Miguel do Guamá	ASSMING	
Associação de Surdos do Sul e Sudeste do Pará	ASSSP	

Associação dos Surdos de Abaetetuba	ASSABAE	
Associação de Surdos de Breves	ASBRE	
Associação dos Surdos de Castanhal	ASCAST	
Associação dos Surdos de Mãe do Rio	ASMDR	
Associação dos Surdos de Paragominas	ASPA	

Associação dos Surdos de Tomé Açu	ASTA	
Associação Sociocultural de Surdos de Tucuruí	ASST	

Fonte: FENEIS (2023)

As primeiras organizações sociais datam da chegada do professor Huet ao Brasil, pois ele era um entusiasta das línguas de sinais e a defendia como fator preponderante para a afirmação da comunidade e do povo surdo. Muitas lutas foram travadas ao longo dos anos e isso fortaleceu essa comunidade em prol da dignidade dessa minoria.

Nas décadas de 1920 e 1930, na cidade do Rio de Janeiro, indivíduos surdos se mobilizaram para estabelecer a Associação Brasileira de Surdos-Mudos, com a finalidade de validar e aprimorar sua língua nativa, além de enfrentar os desafios relacionados à integração e à socialização. Entretanto, a primeira associação encontrou várias dificuldades, o que resultou em sua extinção. No ano de 1971, um grupo revitalizado de surdos em São Paulo reestruturou a Associação Brasileira, sob a liderança do Monsenhor Vivente de Paula Penido Burnier, que se destacou em suas atividades pastorais com a comunidade surda, dedicando esforços à educação e à evangelização desse grupo. Ressaltou a necessidade de fomentar a acessibilidade e a disseminação da valorização da Libras, afirmando que ela é parte vital do processo de escolarização e fomento à participação dos surdos em atividades sociais e religiosas. Sua atuação foi fundamental para impulsionar iniciativas que garantiram às pessoas surdas o acesso à educação e uma participação ativa na Igreja Católica. Ele atuou na remoção de obstáculos à comunicação e na promoção do fortalecimento da identidade cultural da comunidade surda; no

entanto, essa iniciativa também não se manteve. Na década de 1970, um período em que a sociedade demonstrava maior receptividade à diversidade e à individualidade, especialistas da área auditiva que atuavam com surdez estabeleceram a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo - FENEIDA. De acordo com as pesquisas realizadas, os surdos desconheciam a existência dessa entidade naquele período, descobrindo-a apenas anos mais tarde (Klein, 2012).

No ano de 1983, ao constituir uma equipe, um grupo de surdos emergiu como vencedores nas eleições para a diretoria da entidade. O primeiro ponto significativo desta administração foi a reformulação do estatuto da entidade, que, posteriormente, recebeu a nova denominação de Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS (Klein, 2012, p. 05 e 06). Souza (1998, p. 91) contribui para a compreensão desse novo enfoque:

A apropriação dessa Federação pelos surdos é repleta de significados. Simboliza uma vitória contra os ouvintes que consideravam a eles, surdos, incapazes de opinar e decidir sobre seus próprios assuntos e entre eles, sublinha o papel da linguagem de sinais na educação regular. Desnuda, ainda, uma mudança de perspectiva, ou de representação discursiva, a respeito de si próprios: ao alterarem a denominação “deficientes auditivos”, impressa na sigla FENEIDA, para “Surdos”, em FENEIS, deixam claro que recusavam o atributo estereotipado que normalmente os ouvintes ainda lhes conferem, isto é, o de serem “deficientes” (Souza, 1998, p. 91).

Conforme Skliar (1998, p. 17), é plausível compreender que a formação das associações de surdos tem sua origem mais associada à resistência do que à aceitação dos significados sociais predominantes. O autor argumenta que, a fim de se opor ao controle relacionado à audição, os indivíduos surdos adotaram estratégias como: “a formação de associações de surdos como espaços autônomos em relação ao domínio dos ouvintes sobre a deficiência, os casamentos entre surdos, a utilização da língua de sinais em locais como os banheiros das instituições, o humor característico da comunidade surda, entre outros.” Dessa maneira, torna-se mais acessível identificar uma interpretação alternativa acerca da ideologia predominante e da urgência, naquela época, para os surdos constituírem associações.

São nessas associações, com objetivos diversos, que o povo surdo organiza momentos esportivos, culturais, políticos e fraternos. No Brasil, existem "associações gays surdas", estabelecidas nas comunidades surdas (Storbel, 2019), que se destacam pelo fato de que o indivíduo surdo não precisa ser dominante, ele é livre e possui direito à diversidade cultural surda. Karnopp (2006) destaca:

Ao afirmarmos que os surdos brasileiros são membros de uma cultura surda, não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes, compartilham experiências diferentes e possuem diferentes experiências de vida. (Karnopp, 2006, p. 99).

Conforme mencionado, os grupos culturais surdos apresentam singularidades, possuindo suas próprias línguas de sinais, tradições, valores e experiências em comum. Outro fator são as experiências culturais, que também podem ser múltiplas, dependendo dos contextos sociais e históricos de cada país. Além disso, os surdos brasileiros e outros surdos dos mais diversos países dividem inúmeras experiências e perspectivas de vida. Com efeito, isso pode ser motivado por agentes como a educação, a legislação e a acessibilidade, que podem diferir de país para país.

Sob uma ótica decolonial e histórica, considerando a perspectiva do sujeito surdo, os ideais culturais exploram trajetórias que permitem novas interpretações da história cultural da comunidade surda. Dessa forma, não se trata mais de uma narrativa descontextualizada ou fictícia; o sujeito surdo torna-se, efetivamente, um elemento histórico em sua essência e significado. Ora, mas por que essa introdução está presente nesse parágrafo? A ideia é a valorização de princípios culturais do povo surdo e destacar a relevância fundamental da compreensão e apreciação da jornada histórica e cultural dos surdos é crucial para promover a inclusão desses indivíduos. Mas como podemos perceber essa valorização? A valorização da surdez enquanto uma diferença, como manifestação de uma identidade, que será abordada posteriormente, fundamentada em atributos culturais, é um compromisso contínuo que exige atenção minuciosa e vigilância constante.

Igualmente, no palco multicultural de diferentes países, a cultura surda é promovida, exibida e compartilhada, não para que públicos "normais" entendam os casos ou histórias tocantes de "pessoas com deficiência" superando dificuldades, mas pela necessidade urgente de valorizar e reconhecer as excepcionais práticas culturais ricas e diversas, reforçando a simultaneidade harmônica dos sistemas culturais de vozes e gestos criados por todos.

A luta pela valorização e inclusão cultural ganha novos olhares e vozes a partir dos novos entendimentos sobre a surdez, concebendo os interesses de: reconhecimento das línguas de sinais; acesso à educação em Libras; promoção da inclusão no mercado de trabalho; acesso à informação; respeito à identidade surda; inclusão em atividades culturais; empoderamento da comunidade surda; sensibilização e conscientização; participação na mídia, na arte e em

programas de intercâmbio cultural, etc. Tais iniciativas podem proporcionar significativos benefícios às comunidades surdas, constituindo assim uma base sólida para a edificação de uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

É importante destacar que falar em diversidade cultural do povo surdo não é aderir à questão agregada com a palavra deficiência ou incapacidade, mas sim uma forma de identidade cultural e linguística, que deve ser respeitada e valorizada. A inclusão social e o reconhecimento da cultura surda como uma expressão legítima de diversidade cultural são fundamentais para garantir a igualdade de direitos e oportunidades para todos.

Ao final desse tópico, assim como no tópico anterior, “confeccionamos” um conceito de cultura, aqui faremos o mesmo para designar cultura surda. A cultura surda pode ser conceituada como um conjunto de valores, crenças, tradições e práticas partilhadas pela comunidade surda em torno da língua de sinais como marcas identitárias e comunitárias sólidas, nas quais os surdos se distinguem como membros de um grupo linguístico e cultural característico.

### **2.3 Atores da construção histórica da cultura surda.**

Em qualquer período histórico acerca da surdez, encontraremos inúmeros fatores de (re)configurar os fatores que se mostram a partir dessa temática. Os fatos descritos sobre essa história não seguem a linear, harmônica, firme e descolada sucessão de acontecimentos de onde se dão, ao contrário, são lutas travadas ao longo dos anos com um cenário de conflitos e contradições. Como outros fenômenos sociais, eles se cruzam com interesses de classe, relações de poder, políticas de Estado e estruturas discursivas específicas.’

A história cultural dos surdos segue adequadamente a sua trajetória, tal como existe ao redor do mundo. Tudo que está ligado e que tem uma história sobre a surdez, ou melhor, elos típicos reunidos em uma mescla de códigos, está sujeito à investigação da história cultural. A autora Pesavento (2005) nos ajuda nessa empreitada de reflexão sobre essa questão e traz possibilidades e limitações. Muitas transformações foram acontecendo nos procedimentos, pesquisas e métodos que, além disso, têm consequências para o debate real entre épocas e autores que se debruçam sobre o tema.

Esse campo de estudo, pautado na história cultural dos surdos, é uma nova área de conhecimento e, mais exatamente, lança outros padrões de relações de domínio e símbolos culturais, tais como: a negociação, as línguas de sinais, a educação, as diferenças do ser surdo, os agrupamentos por lutas e reivindicações, as demandadas por associações. Tudo isso pode ser

examinado através da história cultural. Portanto, é um desafio contemporâneo utilizá-lo para documentar os aspectos históricos dos surdos.

Isso posto, pretende-se um novo fazer com o protagonismo da comunidade surda, pautando-se nas mudanças epistemológicas da desconstrução da história surda feita por ouvintes, dando liberdade e voz para o povo surdo assumir seu papel protagonista, que faz história com narrativas a partir de suas visões de mundo. As teorias culturais requerem uma trilha metodológica aberta a novas possibilidades de reconhecer a diferença, explorando a identidade e a diferença surda.

A anulação do passado e a busca do presente podem ser interpretadas de forma diferente nas culturas surdas. Uma explicação é valorizar as identidades atuais das pessoas surdas sem permitir que estereótipos ou preconceitos do passado afetem sua autoestima e participação social. Isso pode incluir celebrar a língua de sinais, as conquistas surdas e a cultura surda. Por exemplo, a língua de sinais é um elemento central da cultura surda. Nesse contexto, ao incentivar a valorização da língua de sinais atualmente, surdos e ouvintes estão revertendo um passado em que essa língua era vista como inferior ou relegada a uma posição marginal. Eles estão retomando seu idioma e usando-o como uma ferramenta para se comunicar e expressar sua identidade cultural.

A busca pelo presente pode envolver lutas por direitos e integração social. Os surdos têm lutado pela igualdade de acesso à educação, serviços de saúde, emprego e outros aspectos da vida social. A esse respeito, Pesavento (2005) afirma:

“[...] a subjetividade dos atores a resgatar no passado. Uma das características da História Cultural foi trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares” (Pesavento, 2005, p. 118).

Nesta perspectiva, a necessidade dos sujeitos marginalizados de periferias e de fronteiras revertem a história posta por outros sujeitos e traçam novos rumos de uma narrativa que demonstra a necessidade de sua presença social. Tal afirmação revela a trajetória cultural da surdez e expõe, aos olhares perspicazes, a vasta extensão das conquistas culturais e linguísticas das comunidades surdas, permitindo a compreensão do contexto histórico das comunidades surdas na contemporaneidade. Sá (2004) descreve bem a realidade histórica do povo surdo:

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram “descobertos” pelos ouvintes, depois eles foram

isolados da sociedade para serem “educados” e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos. (Sá, 2004, p.3)

Os novos caminhos percorridos ao longo da história pela comunidade surda aqui ganham apreço e dedicação, não por atores de fora dessa comunidade, mas antes, por eles mesmos, marcando espaço a partir de sua cultura, hábitos, valores, leis, língua de sinais e a política que move tais pontos. Assim sendo, a história cultural não considera o tema como algo dissociado de seu contexto ou meramente criado, mas sim como um recurso histórico que confere um sentido e significado específicos.

Por conseguinte, o renascimento cultural tem um sentido de pertença identitária, e o estigma da deficiência dá lugar à aceitação de identidades linguísticas que geram mudanças intelectuais e sociais. Compreender esse percurso histórico é fundamental para compreender o processo cultural do povo surdo e entender o que significa ser capaz de mudar sua história e consequentemente de seu povo.

Na trajetória cultural dos surdos, existem diversas manifestações que podem ser categorizadas, como a experiência visual, aspectos linguísticos, literatura surda, dimensões sociais e esportivas, arte e política. A esse respeito, Strobel (2008a, p.35) afirma que “[...] o conceito ‘manifestações’ não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”.

A história cultural abre inúmeras e profundas possibilidades para o estudo da história dos surdos: desde a desconstrução de tópicos e interpretações ouvintes até novas propostas de manifestação da comunidade surda detentora e sujeita da experiência diária, da história, dos pormenores e do mundo do conhecimento, a ruptura com oposições dúbias ocorrendo sempre na área dos estudos culturais surdos.

De acordo com Perlin e Strobel (2014), a narrativa cultural possibilita novos debates sobre as trajetórias dos surdos, com a intenção de reconhecer sua cultura, valores, práticas, normas, língua de sinais e questões políticas. A história registrada pelos colonizadores ou a narrativa descrita pelo público ouvinte é abandonada em favor da história do sujeito surdo, interpretado no contexto como sujeito ativo da história, não como sujeito apático, mas como instrumento de representações. Assim, esses autores defendem que:

Em suma, a história cultural é um lugar onde podemos guardar os sentimentos e os pensamentos para despertar, animar e incentivar a coragem, constância e outros valores com os quais o povo surdo luta e sente-se como um todo único. É ela que não

apaga a história mantém o caráter vivo, tendo em vista suas indagações, representações, empenho e o sonho do futuro (Perlin; Strobel, 2014, p. 30).

Dessa forma, a narrativa cultural da comunidade surda representa uma evidência da resiliência e da força desse grupo. Conta histórias de luta e conquistas, destacando as experiências e desafios que os surdos enfrentaram ao longo do tempo. Essas histórias inspiram e fortalecem a comunidade, fornecendo exemplos de resiliência, coragem e empoderamento. Além disso, a história cultural surda desempenha um papel importante na formação da identidade surda. Ela ajuda as pessoas surdas a se conectarem com suas raízes, aprenderem sobre sua herança cultural e sentirem que fazem parte de um todo único.

## **2.4 Histórias de lutas e conquistas do povo surdo**

Os relatos de existência dos surdos datam de séculos anteriores e sempre fizeram “parte” de praticamente todas as sociedades mundiais existentes na época. É preciso lembrar que não é possível desvendar as práticas e condições da surdez nessas civilizações, pois o espaço e o tempo delas diferem de uma sociedade para outra.

No antigo Egito, por exemplo, encontramos surdos vivendo sob o véu da credice. Pensava-se que eles tinham poderes mágicos, sinais de presságios e eram considerados uma simbologia de sucesso. Visões místicas também prevaleciam em muitas culturas antigas, de maneira que, em certos locais, os surdos eram vistos com uma abordagem otimista, enquanto em outros se acreditava que eles eram a causa de tragédias, má sorte e vários presságios. Em algumas culturas ancestrais, os surdos quase sempre estavam condenados a uma morte precoce.

Para Sacks (2010), o povo Hebreu acreditava que os surdos eram considerados “não-seres” humanos e deveriam ser tratados como tal. É importante demonstrar como esse povo era muito ligado aos relatos primordialmente orais presentes no evangelho e leva a “ferro e fogo” tudo o que era repassado por seus líderes políticos e religiosos. Assim, apesar de termos pouco conhecimento sobre a surdez dos antigos hebreus, supomos que classificá-los com o tratamento desumano que lhes eram dispensados, com base nos argumentos fornecidos por Sacks, pode não caber em uma narrativa concisa do problema da surdez no Israel ancestral, então sugerimos um estudo mais apurado das questões aqui tratadas.

Na Grécia, o surdo era visto como um ser sem capacidade de comunicação, haja vista que a fala era a base da interação racional, propagada por Aristóteles. Então, o que lhes cabia eram os serviços “braçais” e/ou outros trabalhos “indignos” daquela sociedade. A natureza humana é moldada pela linguagem.

O homem só, entre todos os animais, tem o dom da palavra; a voz é o sinal da dor e do prazer, e é por isso que ela foi também concedida aos outros animais [...] A palavra, porém, tem por fim compreender o que é útil ou prejudicial, e, em consequência, o que é justo ou injusto. O que distingue o homem de um modo específico é que ele sabe discernir o bem do mal, o justo do injusto, e assim todos os sentimentos da mesma ordem cuja comunicação constitui precisamente a família do Estado (Aristóteles, 2011, p. 22).

Para Aristóteles, os sentidos eram partes integrantes da comunicação humana, se faltasse um deles, seria impossível qualquer processo de comunicação. Então, os surdos estariam fora desse processo por não terem dois desses sentidos, então eram tratados como alguém da sociedade grega.

Na Roma antiga, as crianças que nasciam com alguma deficiência deveriam ser sacrificadas quanto antes, pois eram consideradas aberrações da natureza e poderiam contaminar o restante das comunidades. As normas eram bastante rígidas no que se refere a esse tipo de circunstância: “O pai de imediato matará o filho monstruoso e contra a forma do gênero humano, que lhe tenha nascido recentemente” (Cícero, 1967). Quando conseguiam burlar a lei, alguns pais deixam seus filhos nos leitos dos rios à sua própria sorte. Para Silva (1986), algumas dessas crianças eram recolhidas por pessoas que passaram por aquelas redondezas e utilizavam essas crianças como “iscas” para mendicância e/ou usadas na prostituição local, e isso incentivou e criou-se um comércio de pessoas com deficiência para os mais diversos tipos de trabalhos.

A percepção de Aristóteles sobre a surdez perdurou praticamente toda a Idade Média. Nesse período, a religião dominou alguns assuntos e reverberou seus ensinamentos como únicos e verdadeiros, sobrepondo-se de maneira incisiva à ciência. Com isso, o Cristianismo dominou seus horizontes no Império Romano e ampliou mais ainda aos seus arredores, tornando-se a religião daquelas localidades, agregando o pensamento racional e a fé católica.

Tomás de Aquino acreditava, muito imbuído do pensamento aristotélico, que os surdos precisavam da visão e audição para ser um indivíduo no meio social. “O conhecimento intelectual é servido por dois sentidos, a visão para descobrir e a audição para aprender” (Tomás de Aquino, 2005, p. 411). Outras características relacionadas aos surdos contemporâneos de Aquino eram a de que não possuíam alma e que só poderiam ser batizados enquanto não se notava sua incapacidade auditiva. É relevante enfatizar que a crença na perfeição de Deus dominava o pensamento grego e que tudo que fosse fora dos padrões de perfeição era considerado aberração ou um pecado carregado há gerações, e isso provocou uma perspectiva negativa sobre a surdez.

A Revolução Científica mudou fundamentalmente as percepções humanas do universo e estabeleceu a ciência como um dos pilares para o desenvolvimento da civilização moderna, incentivando o desenvolvimento da tecnologia e da mente, que continuou ao longo das eras seguintes, ganhou espaço e os discursos, ora contrários à surdez, começaram a ganhar força em um sentido mais acolhedor e compreensivo das questões e lutas dos surdos. Alguns nomes se destacam nesse período, entre eles Girolamo Cardano (1501-1576), que dizia que os surdos-mudos poderiam aprender a escrita, externalizando seu pensamento. O autor asseverou que “é um crime não ensinar o surdo-mudo” (Sacks, 2010, p. 25).

Outro nome de destaque foi o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584). Ele é considerado o primeiro professor de surdos, que formulou o primeiro alfabeto em língua de sinais. Ensinava, nas cortes espanholas, os filhos dos nobres acerca do alfabeto manual, a escrita e em seguida a fala.

Na Espanha, outro notável representante do tema foi Juan Pablo Bonet (1573-1633), que publicou uma obra abordando o alfabeto manual e a combinação de métodos para a instrução de surdos. Na Inglaterra, John Bulwer também publica um livro que demonstra a surdez, pela primeira vez, como linguagem, e os sinais puderam revelar o pensamento dos surdos.

Na França, onde aconteceram os grandes eventos da comunidade, tornou-se o palco e celeiro de grandes transformações na área da surdez. O abade Charles Michel de L'Épée começa seu trabalho nas periferias das ruas francesas, ensinando aos surdos o alfabeto francês, empreendendo sucesso em seus incursos sobre a língua de sinais.

A prática de excluir os surdos do ambiente escolar foi rompida com a fundação da primeira instituição pública voltada para essa população, criada por L'Épée em Paris. O método do abade, conhecido como "sinais metódicos", combinava a língua de sinais francesa nativa com a gramática francesa e o uso de intérpretes, e se mostrou diligente. A esse respeito, Silva (2006) destaca:

Na Escola Pública para Surdos em Paris, após cinco ou seis anos de formação, os surdos dominavam a língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e uma outra língua estrangeira também de forma escrita. Além da leitura e da escrita em três línguas distintas, os alunos surdos tinham acesso aos conhecimentos de geografia, astronomia, álgebra, etc., bem como artes de ofício e atividades físicas (Silva, 2006, p. 23).

Com longas lutas pelo espaço dos surdos na sociedade, esses atores construíram motes que levariam a modelos de educação, vislumbrando um ensino e aprendizagem capazes de proporcionar aos surdos uma educação frutífera. Entretanto, duas correntes lideradas por

L'Épée, na França (língua de sinais), e Samuel Heineck, na Alemanha (oralismo), por longos anos, foram pautas de congressos. Essas discussões, que aqui cabe destacar que esses atores eram ouvintes, defendiam seus métodos como os verdadeiros na educação de surdos.

No século XIX, o ensino de língua de sinais chega às Américas e ganha força com os estudos de Thomas Hopinks Gallaudet (1789-1851). Gallaudet queria conhecer, primeiramente, o método oral, mas decidiu ir ao encontro de L'Épée e se encanta em aprender as línguas de sinais. Nesse interstício, cria a Língua de Sinais Americanas (ASL) (Sacks, 2010, p. 32).

No ano de 1822, ferviam rumores e ensaiava uma independência que fosse capaz de elevar o Brasil a outros patamares. A ideia de colônia dava espaço para a ideia de nação forte e capaz de acompanhar o desenvolvimento que vinha ocorrendo pelo restante do mundo. Porém, só a partir dos anos de 1850 que a educação de surdos ganhou atenção. Goldfeld (2002) e Soares (2005) mostram em seus trabalhos um passo específico para a educação de surdos em datas marcadas posteriores à segunda metade do século XIX.

Dom Pedro II, sensível a esse movimento, em 1857, funda com a ajuda do surdo professor francês Edward Huet, vindo do Instituto Surdo de Paris, a primeira escola para surdos, denominada de Instituto Imperial de Surdos-Mudos (IISM). O esforço do país, agora independente, sofreu com os “projetos” de governo com a intenção de um ensino que pudesse instruir a população. Entretanto, essa empreitada foi bem desorganizada e incapaz de suprir as necessidades da população brasileira.

O autor Fernando de Azevedo pontua com maestria como esse “projeto” mostrou-se desastroso e sem uma organização que pudesse empreender o verdadeiro objetivo da educação:

O ensino público estava condenado a não ter organização, quebradas como foram as suas articulações e paralisado o centro diretor nacional, donde se devia propagar às instituições escolares dos vários graus uma política de educação, e a que competia coordenar, num sistema, as forças e instituições civilizadoras, esparsas pelo território nacional (Azevedo, 1996, p. 556).

Na análise de Azevedo (1996), a educação oitocentista permanecia "desorganizada, anárquica e constantemente fragmentada", apesar das novas políticas educacionais e do fracasso do governo imperial em organizar programas de ensino relevantes (Azevedo, 1996, p. 556). No entanto, resumir todo o período como infrutífero pode nos afastar de importantes eventos educacionais da época. Examinar a educação de surdos no Império pode nos ajudar a ganhar uma nova perspectiva.

Inicialmente, esta escola, fundada pelo imperador e pelo professor surdo, utilizava uma mistura da Língua Francesa de Sinais (LSF) como meio de comunicação com sistemas já

aplicados por surdos em diversas regiões do Brasil, resultando no desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais. O instituto mudou de nome por três vezes, o primeiro foi em 1868, quando passou a ser chamado de Instituto dos Surdos-Mudos (ISM). A segunda alteração de nomenclatura ocorreu no ano de 1951, passando a ser designado Instituto Nacional de Surdos-mudos (INSM). A última alteração ocorreu em 1957, quando a instituição passou a ser denominada Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Strobel, 2009). Vale ressaltar que essa última mudança foi feita por um estudo na área e o vocábulo (surdo-mudo) não era mais apropriado naquela época.

A grande relevância desse instituto perpassa por três aspectos que precisam ser tratados aqui nesse espaço. Se até então a educação dos surdos era trivial, ganhou força com a instituição dessa escola. Logo, os três aspectos dividem-se em: i – linguístico; ii – educacional e iii – propagador de cultura e identidade.

i – Esse primeiro aspecto está muito interligado com a própria história do instituto. A ideia de Huet era receber os alunos surdos, em estrutura integral, ou seja, os surdos chegam de diversas partes do país e eram ensinados conforme o modelo educacional francês, usando a Língua de Sinais Francesa (LSF) como base do ensino e aprendizagem. Logo, o professor percebeu que os surdos usavam língua de sinais trazida de suas regiões, foi então que passou a utilizar os sinais da LSF e os sinais nativos dos surdos brasileiros, aprendendo e formando novos léxicos. A Libras originou-se da estrutura linguística da LSF. Muito do que se aprendeu sobre a língua de sinais de nosso país, deve-se ao professor Huet e seus métodos aplicados para a criação/surgimento do que hoje é utilizado pelos surdos e outras pessoas que conhecem e sinalizam a Libras.

ii – O segundo aspecto relacionado ao educacional estava preocupado com a instrução da língua portuguesa escrita e Libras, bem como a profissionalização dos surdos. Com a eficácia desse instituto, não demorou muito para que os alunos se tornassem monitores e posteriormente professores do instituto. Destacamos dentre esses monitores Flausino Jose da Gama, que publicou o primeiro dicionário de Libras. Na gestão de Tobias Leite, avanços foram vistos, inclusive lançou um manual pedagógico para professores surdos. Souza descreve perfeitamente a atuação do educador: “De 1868 em diante, sob sua direção, a educação dos surdos no Brasil passou a ter sistematização e divulgação; de forma especial, através das publicações de Tobias Leite, distribuídas gratuitamente” (Souza, 2014, p. 35). Como resultado, o Instituto tornou-se o único centro de pesquisa de surdos no Brasil no século XIX, dedicado a fornecer formação escolar, publicar e promover pesquisas avançadas sobre a educação de surdos.

iii – O terceiro aspecto é o poder que os institutos, por onde quer que estivessem mundo afora, tinham a capacidade de agregar em um espaço de convivência e educação, pessoas surdas politizadas que buscavam seu espaço na sociedade, mas, além disso, esses institutos gozavam de uma singularidade característica que era a transmissão de cultura e identidade da comunidade surda. Sacks (2010) pontua a transcendência que o espaço exercia sobre seus participantes de pares:

O padrão único de transmissão da cultura surda vincula-se igualmente à língua dos surdos (língua de sinais) e às suas escolas. Estas funcionaram como focos para comunidade surda, transmitindo a história e a cultura dos surdos de geração em geração [...] Nos anos após 1817, disseminaram-se pelos Estados Unidos não apenas uma língua, mas um conjunto de conhecimentos comum, de crenças comuns, de narrativas e imagens que logo constituíram uma cultura rica e distinta. Então pela primeira vez, houve para os surdos uma ‘identidade’ não meramente pessoal, mas social e cultural. Eles já não eram apenas indivíduos, eram um povo, com sua própria cultura. (Sacks, 2010, p. 114)

Dessa forma, por longos anos, o INES foi o único espaço educacional para surdos em nosso país. Sua importância reverbera em outros países, pois de lá mandavam pessoas surdas para poderem se instruir no instituto. Desde o IIMS, nos moldes imperiais, mostrou-se um celeiro de difusão de identidade e cultura surda por várias gerações.

Partindo para a segunda metade do século XIX, o Brasil já se mostrava um “empreendedor” educacional no que tange à educação de surdos. A primeira escola pública dava sinais de crescimento e empoderamento das pessoas com surdez. As discussões acerca do melhor método de ensino para o surdo ganhavam espaço em dois grandes grupos (oralistas e gestualistas) que defendiam suas bases para a propositura de seus métodos que deveriam ser adotados na educação de surdos.

Foi no ano de 1880 que esses defensores de seus métodos se reuniram em setembro do mesmo ano para discutir qual o método que seria adotado dali em diante. Vale observar que a maioria ali reunida era de oralistas. Entende-se que a língua oral foi a escolhida como língua de instrução nas escolas para surdos durante as discussões do Congresso de Milão. Vale lembrar que os surdos eram minoria no Congresso e, mesmo assim, a decisão não foi tomada de forma eficiente.

A surdez passou a ser tratada como patologia e não como mera condição biológica, ou seja, precisava ser “consertada” “medicalizada” para que os surdos pudessem se adequar aos ouvintes. Grandes atrocidades foram cometidas nas escolas e/ou em outros ambientes onde se encontravam essas pessoas. O método oral prevalecia e fazer o surdo “falar” era obrigação da escola, em especial o professor, de “consertar” seus alunos surdos. Obviamente, os gestos eram

proibidos, muitos surdos tinham suas mãos amarradas como forma de punição por uso de sinais como forma de comunicação.

Vale salientar que o Brasil não ficou de fora de todas essas transformações mundiais, como diz a letra da canção: “isso tudo acontecendo e eu aqui na praça dando milho aos pombos”. O instituto foi envolvido por essa corrente de pensamento e não teve alternativa senão adotar o método, começando a "corrigir" os efeitos da sinalização ainda profundamente arraigada nos alunos surdos. Diante deste cenário, questiona-se: Os efeitos proibitivos da gestualização foram danosos para a comunidade surda? Sem dúvida alguma! Grandes mudanças foram vistas com o método trazido por Huet para se formar uma língua própria capaz de fazer o surdo se entendido e mostrar sua capacidade de aprendizado.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, diversos fatores contribuíram para que uma nova organização pedagógica fosse contemplada pelo ensino brasileiro. A intensa urbanização, reorganização do trabalho, mudanças políticas e econômicas são aspectos que levaram a escola a assumir um papel social abrangente e crucial nessa virada de século. A corrente Escola Nova chega com seus aportes teóricos com muita vontade de transformação de um país que ansiava por igualdade de condições educacionais.

O texto anterior é introdutório para entendermos como estava a educação de surdos nesse período. Afinal, essa educação estava alinhada com os pioneiros da Escola Nova? Quais os entraves que poderiam impedir uma mudança de paradigmas até então adotada no ISM? É fato que a oralização ainda perpetuava seus métodos com os alunos do instituto e os diretores da escola propagavam que a única forma do surdo aprender algo era por meio da escuta e da fala. Os entraves quando a Nova Escola estava em desmembrar esses pensamentos medicalizadores dos surdos. Soares (2005) mostra que a função do instituto se limitava a terapias e treinar o desenvolvimento da fala.

A Escola Nova teve algum impacto no Instituto de Surdos-Mudos? Nenhum! Com aspirações fortes, ainda do Congresso de Milão, o instituto deixou de lado seu ponto principal (de educar para mostrar que os surdos desenvolveriam suas capacidades mentais e intelectuais, fortalecendo e criando suas identidades e marcas culturais) para simplesmente ser um centro de terapias e medicalização dos surdos. O excerto abaixo ilustra bem essa ideia.

Enquanto a escola comum foi encarada como local para a obtenção de um tipo de saber acumulado historicamente, sendo este conhecimento de extrema importância para a inserção do indivíduo na sociedade moderna, daí a sua democratização ter se tornado motivo de confronto entre os representantes das diferentes classes sociais, a escola dos surdos-mudos não foi vista da mesma maneira. (Soares, 2005, p. 65)

É importante salientar que muitos projetos governamentais foram criados para diminuir os altos índices de pessoas analfabetas no país, porém esses projetos não eram aceitos pelo instituto, que insistia no método oralista como único e eficaz na “educação” de surdos. Só no ano de 1957, foi criado o Movimento Brasileiro de Educação de Surdos, tendo o INES como órgão coordenador, como parte das ações do MEC voltadas para a formação de professores e, assim, ampliar o atendimento aos alunos surdos de outros estados.

Percebendo a proibição do uso da Libras nas instituições de ensino, os surdos começaram a se organizar em outros espaços em que a linguagem visuoespacial poderia ser usada. Foi nesse interstício que surgiram as associações de surdos, principalmente no sudeste brasileiro (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais). Perlin (2010) diz que essas associações foram espaços de propagação da cultura e identidade surda, onde o surdo-surdo trocava experiências, valores e crenças.

Ao longo dos anos em que a gestualização foi proibida, muitos surdos às escondidas usam os sinais como forma de comunicação. Mas afinal, as línguas de sinais nesse período eram consideradas línguas naturais? De que forma se chegou ao entendimento atual de a Libras ser considerada a língua do povo surdo? Para a nossa compreensão, precisamos entender as bases da linguística de Saussure e Chomsky. Os tópicos seguintes darão um apanhado resumido sucinto dos conceitos dos dois teóricos.

Ferdinand de Saussure (1995) percebeu que a linguística nada mais era que um sistema de signo e a denominou de Semiologia. Esses signos são divisões de significantes e significados, cabe ressaltar que esses dois aspectos são bastante citados no *Curso de Linguística Geral* do próprio autor. Outrossim, o significante pode ser entendido como o som da língua e o significado como o conteúdo em si. Para Saussure, a linguística era o estudo da estrutura da linguagem e da maneira como os falantes a usam. Ele vê a linguagem como um sistema complexo, moldado pelos costumes culturais e sociais de uma comunidade.

Noam Chomsky (2015) adota uma vertente contrária ao estruturalismo, o gerativismo. De acordo com a teoria gerativista, a linguagem é uma habilidade inata do ser humano. Ou seja, nascemos com uma predisposição biológica para aprender a linguagem. Chomsky mostrou, por meio da teoria gerativista, que a aquisição da linguagem é muito mais complexa, envolvendo processos cognitivos e biológicos. Orlandi (1989) argumenta que a teoria de Chomsky leva ao universalismo porque o problema é o "falante ideal" e não o falante real que usa especificamente a língua.

As contribuições de Saussure e Chomsky foram essenciais para que Willian Stokoe percebesse que as línguas de sinais possuem os mesmos status de outras línguas naturais. Seus

estudos se embasaram na ASL, identificando uma estrutura própria, analisando essa mesma estrutura e a constituição dos sinais a partir desse fatiamento estrutural (Quadros; Karnop, 2004).

A maior contribuição do trabalho de Stokoe é que as línguas de sinais iniciam um processo de revalorização na medida em que seu status de língua natural é assegurado. Como consequência, os estudos que se debruçam sobre a ASL aumentam consideravelmente nas décadas seguintes, impulsionando também investigações sobre as línguas de sinais em outros países. As pesquisas de Stokoe forneceram as bases teóricas mais contundentes para o progressivo retorno ao uso dos sinais, uma vez que finalmente estava traçada uma distinção entre língua e linguagem, e a língua gestu-visual posicionava-se como parte da primeira. (Vilela, 2016, p.51).

Os primeiros estudos sobre a Libras são oriundos de Lucinda Ferreira-Brito, no ano de 1979. Dedicou a maioria dos seus escritos a descrever a língua de sinais aqui no Brasil e trouxe contribuições importantes para o fortalecimento dessa língua. Lucinda defendia a surdez não como uma patologia, mas sim como cultural e linguística, e acreditava que as características linguísticas da linguagem visual gestual são semelhantes às da linguagem oral, diferindo apenas na modalidade. Em 1995, lançou *Por uma Gramática de Língua de Sinais*, o primeiro livro a realizar um estudo descritivo e comparativo da Língua Brasileira de Sinais.

Nos últimos anos, a contribuição da pesquisa da língua Libras e os esforços da comunidade surda têm sido organizados politicamente por meio de diversas associações e da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Inclusão de Surdos), somando-se ao crescente apoio a essa linguagem visuoespacial, agora produzida e estudada pelos próprios surdos, que está em um espaço que eles nunca ocuparam antes: a academia. Os principais líderes surdos concluíram doutorado em universidades públicas, colocando a língua de sinais como o centro das pesquisas, isso feito de surdo para surdo e reconhecendo seu potencial junto à comunidade surda brasileira.

A partir da virada do século XXI e depois de muita luta, a comunidade surda ganhou o direito de ser reconhecida a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como mais uma língua brasileira. Projetos de leis protocolados (na primeira década desse século) nas mais diversas instâncias do governo, reivindicando a formação de intérpretes (Lei 13.319/2010) e professores e instrutores de Libras (Lei 5.626/2005) em todos os estados da federação. Assim, a Libras foi reconhecida como um meio legal de comunicação entre indivíduos com deficiência auditiva.

Dessa forma, foi sancionada a LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, conhecida como Lei de Libras, que possibilita o acesso à educação para esses cidadãos brasileiros. Desta maneira, as políticas públicas educacionais começaram a garantir a permanência e

acessibilidade destes alunos nos centros educacionais do país. Assim, é dever do Estado providenciar uma instituição de ensino perto da residência do indivíduo, porém, deve existir um intérprete de LIBRAS para que o conteúdo seja transcrito no código que o aluno entenda (Brasil, 2002).

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais-Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor. Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs, conforme legislação vigente (Brasil, 2002, p.1).

Com esse reconhecimento da língua, a distribuição da Libras começa a ganhar um novo aspecto e valorização, resgatar a cultura e a essência do sujeito surdo e "legalizá-lo" na sociedade. No entanto, sua comunicação e interação nos espaços de conhecimento permaneceram totalmente dependentes. Embora já fosse reconhecido, o número de ouvintes que utilizavam o idioma não era satisfatório. No contexto escolar e acadêmico, os alunos contavam que funcionários contratados soubessem Libras para transferir conhecimento entre professor e aluno, aluno surdo e aluno ouvinte e vice-versa em ambos os processos.

Para Stokoe (1960 apud Quadros & Karnopp, 2004), um dos primeiros cientistas a realizar um estudo sobre a língua de sinais brasileira e estudar seu estatuto linguístico, argumentou que a língua de sinais, assim como a língua falada, possui regras gramaticais, vocabulário, etc., provando sua complexidade, a expressão de conceitos abstratos e a criação de um número infinito de frases.

Aceitar que a língua de sinais deve ser a língua materna dos surdos, não só por ser uma língua natural, mas por ser transmitida para um canal que não é o oral-auditivo, ajuda-nos a compreender também as especificidades das pessoas com surdez, já que a modalidade oral nada oferece aos surdos para fins de aquisição espontânea da linguagem. Entretanto, a comunicação gestual-visual proporciona uma percepção e articulação mais acessíveis, coerentes e adequadas, além de favorecer o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da pessoa surda.

## 2.5 Os múltiplos aspectos das identidades Surdas

A identidade surda é um assunto que vem sendo discutido de maneiras inovadoras, em grande parte devido à sua integração nos estudos culturais, onde se encaixa de forma mais eficaz na ótica da representação diferenciada. Nesse conceito, envolve-se a consideração da assimetria cultural e, em termos de identidade cultural, envolve rituais, linguagem, aparências, signos, representações, símbolos, padrões tradicionais, pluralismo profundo e processos culturais. No caso dos surdos, vale ressaltar que as identidades são construídas na forma de representações que se estabelecem naturalmente na(s) comunidade(s) surda(s). Essa representação tem uma narrativa "imaginada", cujo processo fortalece a unidade da comunidade.

Os processos de formação e transformação das identidades em nossa época são percebidos como polifacetados; ou seja, o sujeito pós-moderno não detém identidades fixas. De acordo com Hall (1998): “O sujeito pós-moderno assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades não unificadas, contraditórias até. Estas múltiplas identidades do sujeito assumem posturas diferentes em diferentes momentos”.

É fácil ver a subjetividade humana não apenas como uma estrutura diferencial, mas como uma estrutura holística. Todavia, é impraticável chegar a uma identidade que seja única, estável e duradoura.

É importante ressaltar que nossa posição é clara: toda pessoa surda que nasce surda possui uma identidade surda. Essa identidade deve ser construída a partir da representação cultural e fortalecida dentro da comunidade surda. Estamos, é claro, nos referindo aos marcadores culturais do status de surdo adquirido, a identidade surda não é descrita na totalidade da identidade ou subjetividade humana. Esse aspecto atinge a alteridade, porém de maneira distinta; levando em conta as diversas identidades que são intrínsecas ao indivíduo, estabelecendo fronteiras.

Assim como nos tópicos anteriores, buscamos o conceito de cultura e suas características. Encontramos tais conceitos? Sim! Inclusive, até propomos um conceito nosso para designar cultura, nesse espaço não diferirá quanto à identidade, particularmente na comunidade surda. É fácil definir conceitos para temáticas tão subjetivas e peculiares? Não! Buscaremos aportes teóricos em autores que nos ajudarão a definir esses conceitos. Outrossim, a ideia de pertencimento ao grupo possibilita ao sujeito surdo constituir suas identidades. Logo:

O modo como a surdez é concebida socialmente também influencia a construção da identidade. O sujeito não pode ser visto dentro de um vácuo social. Ele afeta e é afetado pelos discursos e pelas práticas produzidos. Mas o fato é que não existe uma identidade exclusiva e única, como a identidade surda. Ela é construída por papéis

sociais diferentes (pode-se ser surdo, rico, heterossexual, branco, professor, pai, etc.) e também pela língua que constrói nossa subjetividade (Santana; Bergamo, 2005, p. 568).

O excerto acima demonstra como a afirmação da identidade surda, atualmente, é a energia propulsora das lutas dos diversos povos surdos pelo mundo. O significado de identidade oferecido aqui é entendido como o "processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que é saliente em relação a outras formações de significado" (Castells, 2001, p. 3). Nesse contexto, apresenta características circunstanciais, temporais, coletivas e não fundamentadas. Hall (2006). Igualmente, aborda a temática da identidade. Ele compreende que:

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. (Hall, 2006, p. 13)

Assim, ao afirmar que a identidade surda não é um aspecto de sua patologia, mas sim de fatores políticos, culturais e históricos de afirmação que dão às pessoas surdas novas experiências, simbolismos, definições e segmentos sociais, a noção de uma "restauração" do que foi prejudicado se perpetuou e ainda o é, objetificando as pessoas surdas e tentando "normalizar o anormal".

Analisando desta forma, a essência e a natureza surda ganham prefixos de negação de sua experiência latente e vivaz, para além do determinismo biológico. Dessa forma, a identidade surda é compreendida como geradora e continuamente reelaborada pela conjuntura histórica e pelas dinâmicas de domínio postas em nossa sociedade - e como bases de interpretação, gerada por ações de construção de linguagem que configuram modelos de diferenciação entre o 'eu' e os 'outros', entre os "nós" e "eles", insistentemente reafirmada.

A autora Perlin (1998), pesquisadora surda da área da surdez, nos mostra as identidades comuns entre as comunidades surdas e podem ser divididas em:

- a) Identidades surdas flutuantes: esses indivíduos surdos não estabelecem interações com a comunidade surda, adotam a cultura e a identidade relacionadas ao ambiente estudantil, buscam a oralidade, não se reconhecem como surdos e fazem uso de tecnologias de reabilitação.
- b) Personalidades surdas-híbridas referem-se a indivíduos que apresentam surdez congênita, assim como surdez adquirida devido a algum fator, doença ou condição. Utilizam a

língua oral ou de sinais, identificam-se como surdos, sua escrita adere à estrutura libriana e apresentam habilidades distintas.

c) A representação apressada das identidades surdas constitui uma estereotipagem da surdez ou uma falta de compreensão sobre a surdez enquanto um aspecto cultural. Não se utilizam a língua de sinais, carecem de compreensão dessa língua, são considerados deficientes, muitos são isolados pela própria família e desconhecem a cultura dos surdos.

d) A transição das identidades surdas: esses indivíduos surdos viviam em um contexto no qual se afastavam da comunidade surda e não estabeleciam interação com outros. Eles experienciam essa transição da identidade auditiva para a surdez, culminando na “cessação da audição”. Trata-se de uma transição da comunicação verbal/visual para a comunicação sinal/visual.

e) Identidade Surdo-Diáspora: diferente da identidade transicional que transpassa de um estado para outro, de um grupo de surdos para outro. São surdos que se mudam de um país para outro, de um estado para outro.

f) Surdez moderada refere-se a uma surdez leve ou atenuada, necessitando de atenção ao uso de aparelhos auditivos. Indivíduos nessa condição esforçam-se para praticar a fala e não aceitam a presença de intérpretes de Língua de Sinais Brasileira (LSB), uma vez que preferem a tecnologia como meio para o aprendizado da fala. Além disso, costumam reconhecer os ouvintes e apresentam pouco envolvimento com a comunidade surda.

É preciso ter cuidado com o erro de combinar o status de surdo com o de deficiente auditivo (os que têm a audição dificultada parcialmente). Cabe ressaltar que esse grupo não se adéqua à cultura surda, pois seus problemas são intrínsecos à cultura sonora (adição de vozes, correção de fala, problemas enfrentados pelos aparelhos auriculares), que não são os mesmos dos surdos (lidar com intérpretes, língua de sinais, relações com a comunidade surda).

Todas essas identidades devem ser uma celebração para a comunidade surda que, dado o seu caráter instável, imprevisível e não fixa, recusa e resiste às noções de natureza que afligem os surdos no seu cotidiano.

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes (Louro, 2000, p. 6).

Cada pessoa surda tem sua própria identidade e cultura. Gesser (2009) defende que, em vez de destacar a palavra "uma", é mais apropriado reforçar o termo "própria". Este último termo é entendido no contexto em que a afirmação é reconhecida pela maior parte dos ouvintes, de modo que os surdos não sejam marginalizados. Não se trata de uma disputa para determinar qual identidade e cultura prevalecem, mas, sim, do reconhecimento de um determinado povo.

Ainda citando Gesser (2009, p.53).

Para a comunidade ouvinte que está mais próxima de povo surdo - os parentes, amigos, intérpretes, professores de surdos – para os mesmos, reconhecer a existência da cultura surda não é fácil, porque no seu pensamento habitual acolhem o conceito unitário da cultura e, ao aceitarem a cultura surda, eles têm de mudar as suas visões usuais para reconhecerem a existência de várias culturas, de compreenderem os diferentes espaços culturais obtidos pelos povos diferentes.

Os patrimônios linguísticos e culturais são caros ao povo surdo que busca sua autoafirmação, o reconhecimento, a valorização, promoção e defesa dos seus direitos. Nessas interações, as identidades são desenvolvidas e surgem a partir das dinâmicas de poder estabelecidas entre indivíduos surdos e ouvintes, bem como entre os próprios sujeitos surdos. Ademais, a identidade cultural continua a ser preponderante na elaboração das identidades surdas e, ao mesmo tempo, é marcada pela identidade política, uma vez que está intrinsecamente ligada à constituição cultural.

Ao final deste tópico, acreditamos ser pertinente propor um conceito acerca da identidade surda, destacando que não é nossa pretensão assumir o protagonismo nessa discussão conceitual, mas antes poder auxiliar com diferentes materiais os conceitos pertinentes a esta comunidade. A construção da identidade surda depende de experiências visuoespaciais, sociais e culturais com aspectos plurais e singulares, em que a língua de sinais conecta os dois surdos como meio de pertencimento e identificação com a comunidade surda.

Como resultado, a identidade surda é promovida por meio da aceitação da diversidade da cultura surda, do estabelecimento de ambientes educacionais variados e de apoio, do profissionalismo educacional com vistas a uma maior especificidade em relação à cultura surda, do reconhecimento da linguagem de sinais como a linguagem natural das pessoas surdas com o fornecimento de recursos e tecnologia assistiva e da garantia de inclusão de indivíduos surdos em todos os setores da sociedade.

### 3 O ESTUDO DO LÉXICO EM LIBRAS

Nesta parte, investigamos a importância do léxico como fundamento que motiva uma determinada língua, bem como os princípios e as bases da Língua Brasileira de Sinais (Libras), abordando seu léxico e os processos linguísticos que se manifestam de maneira comum tanto em línguas orais quanto em línguas de sinais. Exploraremos a gramática da Libras e suas formas de classificadores como: configuração de mãos, movimento, expressões faciais/gramaticais, ponto de articulação e orientação das mãos. Por fim, trataremos sobre a toponímia da Libras e nas Línguas de Sinais, como o procedimento de nomeação se diferencia da abordagem utilizada nas línguas faladas, uma vez que o referente é representado por meio de sinais distintos.

#### 3.1 A importância do léxico

O léxico é um componente essencial de qualquer idioma e diz respeito ao conjunto de palavras que formam o vocabulário de uma língua específica. Trata-se de um elemento que se transforma continuamente, absorvendo novas palavras e expressões ao longo do tempo. Além disso, o léxico pode refletir aspectos culturais de uma sociedade, pois palavras e expressões utilizadas em uma língua estão intimamente ligadas aos valores, crenças e tradições da comunidade que a utiliza. Logo, podemos considerar de antemão que o léxico de língua é todo arcabouço de vocábulos que um falante domina, de modo que contemple suas referências comunicativas.

Precisamos nos atentar para os fatos históricos decorrentes das nomenclaturas em que o léxico passou por esses períodos de tempos e espaço. Durante séculos, o léxico foi visto como um aspecto da linguagem que nada tem a ver com a gramática. Conforme indicado por Rey-Debove (1970), a subestimação da relevância da investigação lexical provém da definição intrínseca de um dicionário. Uma vez que o fato de ser definido como uma "lista aberta" nega a possibilidade de sua sistematização, portanto, de pesquisas científicas.

Nesse contexto, Rey-Debove (1970) não conferiu ao léxico a posição de objeto central de investigação científica da gramática, além de refutar a possibilidade de existir uma competência lexical equiparada à gramatical. De acordo com a autora, todos os falantes de um idioma possuem um domínio uniforme da estrutura gramatical, ao passo que nenhum indivíduo, de forma isolada, é perito no léxico de sua língua materna, uma vez que este está vinculado à realidade do coletivo linguístico como um todo; portanto, o léxico se relaciona de maneira geral com todos os usuários, sem se referir a nenhum em particular.

Para Biderman (2001, p.179), o léxico, enquanto subsistema da língua, carrega uma dinamicidade capaz de mudanças ou inovações, culturais, econômicas, políticas e científicas. Esse mesmo léxico se adapta a essas transformações a partir de três aspectos: semântico, empréstimos e neologismos. A autora ainda considera:

Embora o Léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua [...]. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico (p.179).

Antes de continuarmos nossas discussões acerca do léxico, é preciso entender uma palavra mencionada no excerto anterior: lexema. De maneira geral, podemos considerar no plano do discurso como formas fixas e variáveis, podendo adotar essa dupla natureza (forma e conteúdo) ou elemento mínimo de caráter não gramatical. Ainda sobre a temática, Biderman (1999) utiliza o termo técnico de lexia para o lexema e o subdivide em duas categorias: lexias simples e lexias complexas. A autora pontua suas características da seguinte forma:

Há uma outra questão relevante em relação à configuração teórica do léxico. No léxico português podemos distinguir duas classes de lexemas: 1) as formas livres e 2) as formas dependentes, como os clíticos e os vocábulos instrumentais. As formas livres no português são geralmente substantivos, adjetivos e verbos. As formas dependentes são, de fato, vocábulos-morfema. As preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções, etc., nada mais são que palavras instrumentais que articulam o discurso, sendo desprovidas de significação externa. (Biderman, 1999, p. 88).

De forma geral, podemos dizer que o lexema é o radical de uma palavra, onde guarda seu significado geral e fundamental. Essas palavras podem ser derivadas através de afixos (prefixos, sufixos, etc.). Por exemplo: no caso de palavras como "gato", "gatinho" e "gataria", o lexema é "gat-", pois é a parte que traz o significado básico de "gato". Em "feliz", "infelicidade", o lexema é "-feliz-", que carrega a ideia de felicidade. Em suma, o lexema é a raiz da palavra responsável por transportar o seu significado fundamental, ao passo que os afixos têm a capacidade de alterar ou delinear esse significado de várias formas distintas.

A continuação dos processos que originam as palavras é asseverada pelos falantes da língua, que caminham a passos longos na denominação das coisas. As experiências cognitivas são frutos da cristalização dos signos linguísticos. Podemos assim dizer que o ser humano criou

uma astuta abordagem ao ligar palavras que representam seu referente. Assim, os signos ou elementos linguísticos remetem ao mundo referencial.

Para a autora Rio-Torto (2006), o léxico é formado por:

[...] (i) palavras invariáveis, isto é, de estrutura interna invariável, e (ii) palavras variáveis, cuja configuração morfológica é afetável por variação sintacticamente determinada, há (iii) palavras funcionais, como as preposições, as conjunções e os conectores em geral, e (iv) palavras ou combinatórias de palavras a que, por contraste com as gramaticais ou funcionais, e à falta de melhor denominação, se convencionou chamar de unidades lexicais. Trata-se de nomes, de adjetivos, de verbos, mas também de unidades lexicais pluriverbais, mais ou menos abertas a variações na sua estrutura consoante o grau de (não)fixidez que as caracteriza (Rio-Torto 2006, p. 12).

O léxico possui elementos e propriedades que precisam ser compreendidas na interface. Nesse cenário, ao proferir a palavra "mesa", o léxico revela traços que podem ser analisados sob a perspectiva da semântica e da fonologia na interface. Isso se dá porque a interface não apenas perceberá essas características, mas também a forma como elas se estruturam. Na verdade, as frases formam uma organização complexa. Em uma interface semântica, uma frase deve ser interpretada não apenas pelos elementos que a constituem, mas igualmente pela forma como esses elementos se organizam e pelas conexões que permitem criar.

Portanto, o léxico da língua natural contém todo o conhecimento que todos os usuários da língua natural possuem, marcados na forma de nomes, que também podem ser chamados de unidades lexicais ou palavras. O nome traz consigo uma história além da designação, pois há sempre alguma motivação para justificar de alguma forma a preferência da comunidade linguística de adotar um nome específico. Isso também pode se referir a diferentes realidades, pois um nome/símbolo pode ter significados gerais e específicos, dependendo de uma variedade de fatores, como o momento histórico ou o contexto social em que é usado, formando um conjunto de palavras relacionadas a um contexto específico.

Na perspectiva de Saussure (2002), o léxico é paradigmático e linguístico enquanto representa o quadro conceptual geral e as possíveis combinações semânticas que as ferramentas lexicográficas, como dicionários e glossários, procuraram documentar. Em contraste, o vocabulário preocupa-se com a sintaxe e o significado conforme é encontrado no contexto e no uso específico. O vocabulário é, assim, uma atualização das possíveis unidades lexicais disponíveis no léxico geral, eficientes em interações comunicativas onde são integralmente aplicadas, ultrapassando o nível abstrato e alcançável (léxico / unidade lexical) ao uso concreto e efetivo (vocabulários / lexia).

Frente a essas diversas oportunidades de sentido e utilização eficaz, assumindo variadas disposições na estrutura da língua, o léxico é a parte mais expansível e mutável, suscetível de análise por diferentes abordagens, nos campos do conhecimento que o exploram como foco de pesquisa e o veem como meio para facilitar a comunicação e a documentação dos conhecimentos humanos. No entanto, neste trabalho, serão consideradas somente as ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia.

Refletir sobre essas ciências e suas contribuições para o aparato linguístico é entender que determinadas línguas atuam como instrumentos fundamentais para a interação entre o ser humano e o mundo, assemelhando-se, em certa medida, a um sistema de categorização e comunicação, além de servir como meio de identificação. Nesse contexto, a Lexicologia fornece os princípios indispensáveis para a formulação das bases conceituais nas quais a Lexicografia se fundamenta.

A Lexicologia, de forma primordial, distingue-se como a ciência cujo foco de estudo e análise abrange a palavra, a categorização lexical e a organização do léxico. Não é permitido parafrasear textos que estejam entre aspas. Desculpe, não há texto para eu parafrasear. Por favor, forneça um conteúdo que você gostaria que eu reescrevesse. É atribuição da Lexicologia investigar a configuração interna do vocabulário, bem como analisar e classificar as palavras, incluindo suas classificações léxico-gramaticais. Além disso, cabe à Lexicologia diferenciar os conceitos que aborda, os quais fundamentam a Lexicografia, como a complexa definição de palavra e a questão da ausência de sinônimos com significado totalmente idêntico, entre outras funções.

As definições e os conceitos estão interligados entre essas disciplinas do léxico; no entanto, é importante ressaltar que a finalidade deste trabalho não é apresentar qual seria a "verdade" sobre essa temática, mas sim demonstrar de maneira didática como cada autor concebe as ciências do léxico. De acordo com Andrade (2001, p. 191). Lexicologia é definida como:

[...] o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma ‘visão de mundo’, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Conforme Polguère (2018, p. 49), “A Lexicologia é um ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas lexias.” Já Orsi (2012, p. 164), determina que Lexicologia “[...] é considerada a ciência que estuda as unidades lexicais de uma ou várias línguas, seja no que tange ao significado ou ao significante, isto é, o léxico em todos os seus aspectos.” Outro autor que conceitua Lexicologia é Coseriu (1979, p.23), que diz:

[...] ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva. Na lexicologia clássica se parte da palavra, como unidade natural das línguas naturais, modernamente essa disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de subcategorização e de inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como os lexemas.

Nessas condições em que foram pautados os conceitos, estudos evoluíram e ganharam novos contornos sobre a importância do léxico nas investigações linguísticas. Portanto, nota-se que, no contexto da pesquisa lexical, a lexicologia analisa as características das palavras, incluindo sua estrutura, significado e funcionalidade. A estrutura das palavras diz respeito à sua morfologia, ou seja, à maneira como são constituídas a partir de diversos componentes. Por sua vez, o sentido implica na análise semântica das palavras, levando em conta as distintas interpretações que podem ser atribuídas a elas. Assim, a utilidade das palavras está ligada ao seu papel na estruturação da sentença e na construção do discurso.

Um exemplo de como a lexicologia auxilia na compreensão de outras áreas linguísticas é por meio da investigação das várias aplicações e significados das palavras em contextos diversos. Como ilustração, o termo "banco" pode possuir distintas acepções, tais como uma entidade financeira, um assento ou mesmo um ponto de encontro. A lexicologia possibilita examinar essas diversas conotações e compreender como elas se vinculam ao contexto no qual são empregadas.

Outro ramo que integra os estudos lexicais é a Lexicografia, a qual possui, em sua “vertente teórica, a descrição dos métodos e problemas que apresentam a técnica de compor dicionários e, em sua vertente prática, é entendida como o conjunto de diretrizes ou princípios que regem a compilação de termos, pelo método onomasiológico”. (Dal Corno, 2010, p. 1). Esses têm como propósito documentar as unidades vocabulares da linguagem e suas interpretações de maneira organizada. De acordo com Krieger (2006):

[...] o registro sistematizado do léxico confere ao dicionário o estatuto de instância de legitimação das palavras de uma língua. Esta legitimação é também uma das razões pelas quais o dicionário é considerado também como paradigma linguístico dos usos

e sentidos das palavras e expressões de um idioma. Nessa medida, a obra dicionarística monolíngue cumpre o papel de código normativo de um sistema linguístico, funcionando como um dos instrumentos reguladores das regras do bem-dizer das comunidades linguísticas. Por tudo isto, o dicionário goza de uma autoridade que não é menor nas sociedades de cultura. (Krieger, 2006, p. 165)

A Lexicografia procura, por meio de abordagens técnicas e práticas, a catalogação das unidades vocabulares de um léxico específico em obras lexicográficas, como dicionários, glossários, vocabulários e assim por diante. Infere-se, portanto, que o dicionário, para além de uma extensa relação de termos acompanhados por suas definições e ortografia precisa, desempenha também o papel de um meio pelo qual as ideologias que orientam a sociedade são transmitidas e que nelas estão registradas, ocasionalmente, de maneira mais evidente, outras vezes de modo mais velado.

O dicionário abrangente da língua visa catalogar uma ampla gama de termos fundamentais, bem como alguns de ocorrência menos frequente, destinado ao público que utiliza a língua. Contudo, essa não é a única incumbência de um dicionário, pois esses tipos de compilações, em geral, são elaborados para servir como uma ferramenta de referência lexicográfica capaz de abordar uma ampla gama de tópicos de acordo com as necessidades dos seus utilizadores, o que culmina na criação de diversos modelos de dicionários.

Aqui cabe uma ressalva, não almejamos conduzir uma investigação metalexigráfica abrangente das estruturas presentes nos dicionários e nos repertórios linguísticos. Em vez disso, nossa intenção é apresentar considerações acerca da relevância de se familiarizar com os dicionários e suas funções. Isso se faz necessário para que nossa pesquisa (faremos uma análise léxico-morfológico-sintático dos sinais em Libras existentes em um livro eletrônico) acerca de determinadas lexias não seja prejudicada pela diversidade de referências lexicográficas disponíveis. Devemos evitar considerar um dicionário como absoluto e imutável, visto que seu caráter pode variar ao longo do tempo.

É relevante ressaltar que as obras lexicográficas não são somente os dicionários. No entanto, existem outras fontes de referência criadas para finalidades distintas e específicas. Essas obras também demandam uma compreensão de suas funções e estruturas, como o glossário e o vocabulário (Barbosa, 2001).

Para Boutin-Quesnel et al. (1985, p. 29-30, grifos do autor), o “Vocabulário é o conjunto de termos pertencentes a um campo de discurso específico, nos quais as significações atribuídas a esses termos são detalhadas por intermédio de definições e exemplos. [...]”. Já o “Glossário é uma compilação que esclarece ou elucida palavras antigas, obscuras ou menos conhecidas.” Em suma, os autores orientam esses termos para propósitos distintos. Enquanto o glossário tem o

objetivo de revelar os significados possivelmente obscuros que compõem a linguagem de um grupo específico, o vocabulário se concentra em elucidar as várias acepções das palavras ou termos num cenário de comunicação.

Turazza (1996) evidencia a interligação entre a Lexicologia e Lexicografia, propondo que:

O lexicógrafo necessita de certos modelos teóricos que expliquem certas características de estruturação de um conjunto lexical, para que possa dar tratamento adequado às unidades lexicais sob seu exame; o lexicólogo, por outro lado, apoiado em dados fornecidos pela lexicografia, pode construir modelos de um universo lexical capazes de permitir a descrição da natureza e das funções deste universo (Turazza, 1996, p. 73).

Assim, a Lexicografia fundamenta-se na descrição e na análise lexical efetuadas pela Lexicologia para desenvolver instrumentos lexicográficos. Por outro lado, a Lexicologia considera os dados presentes nessas obras para desenvolver teorias de descrição, bem como métodos de análise do léxico.

Nesse contexto, Casares (1992) ressalta que a Lexicologia e a Lexicografia são áreas do conhecimento interconectadas, que se dedicam à pesquisa das origens, das formas e dos significados das palavras. Não obstante, o autor admite que o trabalho lexicográfico revela uma natureza sobretudo funcional, cujo propósito é compilar o repertório lexical de um idioma para a sua explicação. Assim sendo, diferencia essas áreas através dos sufixos -logia e -grafia, associando o primeiro à área científica e teórica do estudo lexical, enquanto o segundo está ligado à prática e à habilidade, geralmente relacionado à criação de obras de referência. Segundo ele, a Lexicografia é uma empreitada prática, ou seja, um procedimento material.

A interligação entre Lexicologia e Lexicografia reside no fato de que a primeira estabelece os fundamentos teóricos e o entendimento acerca das palavras, seus significados e utilizações, ao passo que a segunda emprega essa expertise para desenvolver recursos concretos, como dicionários, os quais auxiliam indivíduos na compreensão e na habilidade de empregar uma língua de forma eficaz. A elaboração de dicionários e outras obras lexicográficas, precisas e úteis pela Lexicografia, deriva da análise e coleta de informações efetuadas pela Lexicologia. Conseqüentemente, é factível afirmar que a Lexicologia constitui a investigação e a base teórica subjacente, ao passo que a Lexicografia se configura como a execução pragmática desse conhecimento na geração de ferramentas linguísticas.

Outro termo da ciência do léxico é a Terminologia, que se dedica ao léxico da mesma forma que a Lexicologia, mas concentra-se especificamente no termo, na palavra especializada

e nos conceitos que definem as áreas de especialização. Barros (2004, p. 34) diz que Terminologia é "O conjunto de termos de um domínio e dos conceitos (ou noções) por eles designados".

Cabré (1999, p. 71) respalda esta declaração ao observar que, como ação, a terminologia sempre esteve presente. A autora afirma que, ao longo da história, para abordar qualquer campo especializado, as pessoas recorreram a terminologias.

Evidentemente, esse indivíduo do passado não estava ciente dessa atividade. No entanto, devido à sua necessidade de garantir a vida, desenvolvia suas ferramentas de trabalho, seus métodos de obtenção de alimentos e vestuário, bem como todos os elementos essenciais para a coexistência em comunidade. Este conjunto, por sua vez, estabelecia interações sociais com outros grupos, o que gerava a exigência de formular novos termos para a comunicação, incluindo, sem dúvida, expressões de caráter especializado.

Conforme Biderman (2001), a Terminologia adota como abordagem metodológica a criação de uma relação entre a estrutura conceitual (dimensão cognitiva) e a estrutura vocabular (dimensão linguística) da linguagem especializada em quaisquer atividades técnico-científicas desenvolvidas pelo ser humano. Em decorrência disso, a Terminologia adota uma abordagem onomasiológica, iniciando do conceito em direção à designação.

O equívoco terminológico presente no entendimento popular surge devido à errônea ideia de que a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia concentram-se no mesmo campo de estudo: a palavra. Barbosa (1990, p. 152) organiza o raciocínio ao explicar que cada disciplina adota uma perspectiva única em relação ao suposto objeto, e cada uma realiza sua própria delimitação observacional. É inquestionável que estão interligadas pelo princípio da interdisciplinaridade, porém essa união é acompanhada pelo princípio da particularidade do objeto, domínio e métodos de definição de suas próprias identidades.

A diferenciação simplificada entre Lexicologia, Lexicografia e Terminologia proposta por Oliveira e Isquierdo (2001, p. 11) esclarece o assunto:

Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.

Em conformidade com as elucidações de Faulstich, "as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica, faz do termo" (Faulstich, 2001, p. 22). Dessa forma, a terminologia e outras vertentes das ciências do

léxico tiveram que evoluir e se aprofundar progressivamente. A evolução dessa área implicou em uma especialização mais profunda, visando a definição de novos conceitos que emergem, contribuindo para estabelecer uma comunicação entre determinados falantes de uma língua específica. Uma vez que a língua está em constante evolução, é imperativo que as disciplinas que a analisam também se especializem e progridam simultaneamente.

Segundo o entendimento de Krieger e Finatto (2004),

No caso da Terminologia, subsídios da lexicologia contribuem para o exame do comportamento morfossintático das terminologias. De modo geral, estudos nessa ótica têm comprovado que a constituição estrutural das unidades terminológicas sintagmáticas, predominantes no componente léxico especializado, não se distingue das unidades do léxico geral. Sob essa perspectiva, comprova-se que ambos, palavra e termo, obedecem aos mesmos padrões e sofrem os mesmos efeitos da gramática dos sistemas linguísticos. (Krieger & Finatto, 2004, p. 46).

Ao analisarmos esses elementos, torna-se claro que as palavras presentes na língua de uso cotidiano e os termos mais especializados estão intrinsecamente ligados, visto que todos estão integrados na gramática da língua. Por conseguinte, sua formação e funcionamento estão sujeitos às regulamentações da estrutura morfossintática das palavras presentes no sistema lexical da língua. É importante destacar que a disciplina terminológica ocupa uma posição no âmbito das ciências dedicadas ao léxico, o que a aproxima de forma mais direta das investigações linguísticas. Além disso, mantém uma conexão um pouco mais distante com outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a sociologia e a filosofia.

### **3.2 Gramática da Libras**

Para Waal (2009), língua e gramática estão profundamente ligadas, as duas caminham em dupla, uma relação de interação, contudo não é essa visão seguida na maioria das vezes em sala de aula. Essa é uma questão notória e até mesmo preocupante, não se pode esquecer que as unidades (classes de palavras) serviram de base para a fundação das ciências linguísticas e ensiná-las em seus aspectos morfológicos, semânticos e funcionais oportuniza desenvolver nos falantes a competência linguística.

Auroux (1992) discute o conceito de uma abordagem denominada gramatização e elucida como “processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias: a gramática e o dicionário” (Auroux, 1992, p. 65). A gramática seria, teoricamente, um emaranhado de regras, categorizações de unidades e exemplos para a construção de enunciados. O autor destaca, ademais, que as gramáticas apresentam um caráter relativamente

contínuo: ortografia/fonética, componentes do discurso, morfologia, sintaxe e figuras de construção (Auroux, 1992, p. 67).

A primeira gramática sistematizada por humanos foi a do sânscrito, cuja proposta era expor as categorias da língua com o intuito de evitar “a falsificação” ou, atualmente, as transformações diatópicas e diastráticas (Azevedo, 2002). Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos e a chegada de suas subdivisões como a Sociolinguística, atualmente propõe-se uma imensidão de gramáticas que ajuízam os mais diversos pontos da linguagem, partindo desde o cerne da escrita nas diferentes abordagens favorecidos pelas gramáticas normativa, histórica, comparativa, funcional e descritiva, até o exame da oralidade como na Gramática do Português Falado, estabelecendo, portanto, não só ambiente para o reconhecimento das compreensões modelares da língua, mas ainda de suas variações.

As transformações e as dinâmicas adquiridas ao longo do tempo permitem notar que a língua, enquanto prática social, pode contribuir “de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante” (Antunes, 2004, p. 41). O ensino de gramática precisa postular o uso para uma ação reflexiva, sem deixar de lado a gramática teórica e normativa. As propriedades destes entendimentos de gramática incluem uma abordagem reflexiva, que se atenta em abranger como é a gramática subentendida do falante, a partir de indícios linguísticos, não afastando de parte o conhecimento, antes significativo, da língua padrão. Auroux (1994) postula que “a produção de gramáticas ao longo da história criou uma ‘tecnologia intelectual’, cuja força e importância transcendem o próprio campo de estudos da linguagem”.

A autonomia do falante não é inata, precisa ser adquirida de forma “natural” e/ou pela aprendizagem sistemática e formal e perpassa por diversas possibilidades de uso da língua, sem deixar de lado a gramática, que não precisa possuir como finalidade servir de bojo para se escrever melhor. Ela necessita, sim, operacionalizar o estudante a apreciar o mundo da linguagem e a sua atraente amplitude. A flexibilização da língua deve partir de um referencial reflexivo e não apenas de regras rígidas para o ensino de gramática.

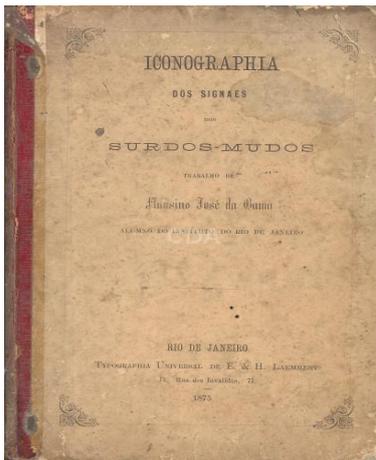
A gramática da Libras abrange vários períodos históricos do país, a primeira grande obra foi a *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875, de autoria de Flausino José da Gama, que coincide com as primeiras gramáticas da língua portuguesa. Quase um século após a publicação da obra de Flausino, aqui cabe salientar que as determinações do Congresso de Milão em 1880 impuseram a oralização do surdo como única vertente possível na educação de surdos. Conforme apontado por Felipe (2000), uma outra obra referente a Libras, publicada no

ano de 1969, trata-se de um livro-dicionário denominado *Linguagem das Mãos*, de Eugênio Oates. De maneira similar ao que ocorreu com Flausino da Gama, esse material também recebeu influência de outra língua de sinais, especificamente a língua de sinais americana, apesar de ter sido elaborado no Brasil com base nas investigações realizadas pelo autor.

Esses dois livros foram, durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinarem sua língua e, talvez por essas obras trazerem uma seleção de fotografias ou desenhos de sinais da LIBRAS com explicações, a metodologia que vem sendo utilizada para ensinar esta língua tem sido somente a apresentação de sinais e tradução dos mesmos (Felipe, 2000, p. 1).

As produções de dicionários tiveram seu auge a partir dos anos 2000, quando vários teóricos produziram esses trabalhos com o intuito de propagar e conhecer mais sobre o funcionamento da Libras.

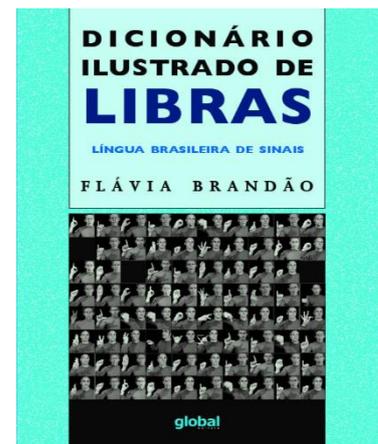
Figura 1 – Primeiros dicionários da Libras



Fonte: Flausino (1875)



Fonte: Capovilla (2001)



Fonte: Brandão (2002)

Os dicionários e as gramáticas se estabelecem “observatórios da constituição dos sujeitos, da sociedade e da história”, como assevera Orlandi (2001), e que “as causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes linguísticos são extremamente complexas” (Auroux, 1992, p. 28). Logo, esses instrumentos (dicionários e gramáticas) são compêndios que registram e fornecem informações sobre uma língua.

O léxico, como parte da estrutura de toda a comunidade linguística, já que faz parte de uma lista aberta de línguas, pois se desenvolve conforme a necessidade humana de composição. Barbosa (2007) lembra que cada gramática é composta por unidades lexicais, inventários

disponibilizados pelos falantes, unidades organizadas por regras que permitem ao usuário criar palavras que melhor se adéquem às suas necessidades de comunicação.

Dessa forma, ao distinguir as características das entidades individualizadas (seres, objetos, espaços, etc.), o homem constrói o mundo ao qual pertence através do ato cognitivo contínuo da realidade, e assim produz um léxico de linguagem (Biderman, 2001, p. 13). Portanto, devido aos diferentes processos de categorização que existem em diferentes culturas, podemos dizer que o vocabulário de uma língua é o resultado da experiência coletiva e constitui "o patrimônio<sup>3</sup> lexical de uma determinada comunidade linguística", "tesouros culturais abstratos", ou antes, "Herança de Signos Lexicais" (Biderman, 2001, p. 14), onde podem ser encontrados nomes de pessoas e lugares.

Todo processo de compreensão gramatical de língua necessita que o falante tenha domínio de suas unidades mínimas. Neste sentido, Libras enquanto língua visuoespacial se apropria dessas características, mas com elementos próprios e distinções que precisam ser entendidas pelos ouvintes e, principalmente, pelos falantes das línguas de sinais. Conforme a autora Ferreira Brito (19895), essa infinitude do léxico é comum nas línguas orais, na Libras não é diferente.

“Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa”. (Ferreira Brito, 1995, p. 8-9).

Os traços linguísticos das línguas de sinais são característicos à medida que se quer demonstrar nomenclaturas próprias das funções que se dispõem a explanar. Elas são línguas visuoespaciais, o que significa que a comunicação ocorre principalmente por meio de sinais, expressões faciais e movimentos corporais. É preciso notar aqui que o alfabeto datilológico não é a principal característica desse comportamento linguístico, mas uma parte dele, consistindo em alguns parâmetros específicos da linguagem de sinais, especialmente a configuração da mão, a localização e a orientação da mão. Ao contrário, o movimento não está presente em

---

<sup>3</sup> O patrimônio tem a ver com isso, com a língua enquanto nossa roupagem, na medida em que valora o quê desta multiplicidade de práticas é importante de ser compreendido como artefato de identificação e memória de um grupo. Fazendo da roupagem um símbolo, um bem do e para o sujeito, o patrimônio vai se constituir como gesto de interpretação sobre toda essa história que contamos, tomando posição frente a ela e elegendo o quê de valor deve ser colocado para o presente e o futuro das novas gerações como memória a ser preservada. (Montagner, 2012, p. 72)

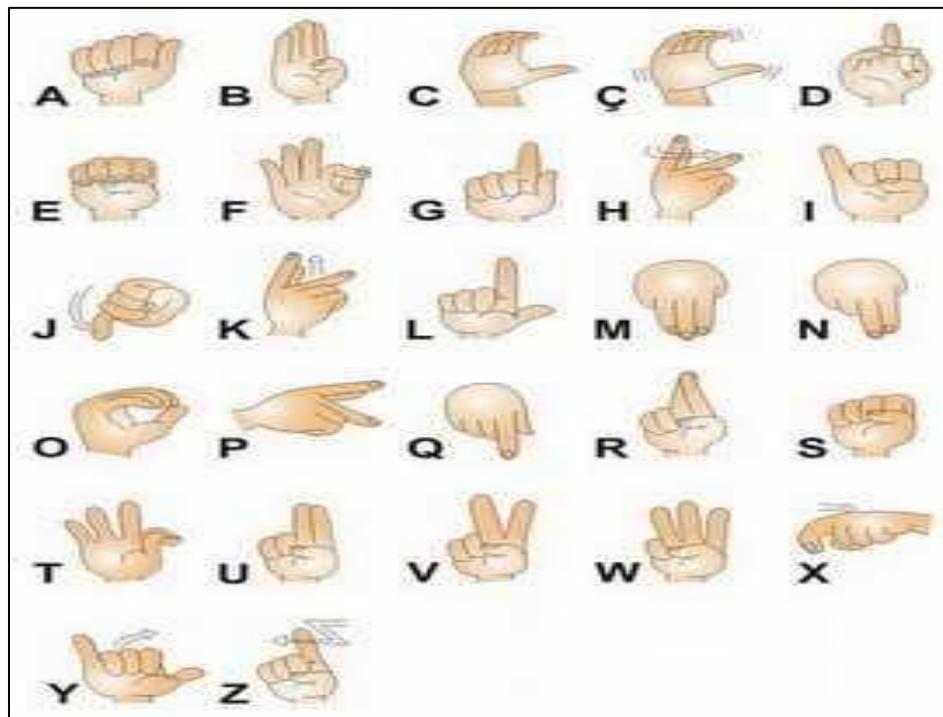
todas as letras do alfabeto manual. Este alfabeto datilológico é categorizado como uma representação sinalizada das letras ortográficas de uma língua falada (modalidade oral-auditiva). Outrossim, o alfabeto datilológico é um instrumento que pode ser empregado para a grafia onomástica, nomes de organizações, para vocábulos que ainda não possuem sinais específicos (Castro; Carvalho, 2005) ou fazem parte da estrutura de outros determinados sinais. Muitos surdos usam o alfabeto manual, apesar de a princípio ter sido constituído para ensinar o surdo a “falar”, ou seja, instruído a dialogar com a língua oral (Ramos, 2007).

Figura 2 - Número das Configurações de Mãos



Fonte: Introdução aos estudos linguísticos: Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa em foco (FARIA NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2010, p. 37).

Figura 3 - Alfabeto Datilológico da Libras



Fonte: Locatelli (2018)

O alfabeto manual é largamente difundido, pois, através dele, podemos designar diversos nomes que ainda não estão listados como sinais constituídos. Vale lembrar que esse alfabeto não determina que o falante saiba as línguas de sinais.

Outro destaque das características das línguas de sinais são os sinais icônicos e arbitrários. Em linhas gerais, os estudiosos têm debatido sobre a arbitrariedade e a iconicidade nos estudos linguísticos relacionados às Línguas de Sinais, reconhecendo a relevância de ambas as noções para as análises que revisitam e fortalecem o status linguístico dessas línguas. Frydrych (2012) faz do princípio da arbitrariedade dos signos seu próprio, dedicando algumas páginas à análise da iconicidade. Na discussão que se segue, a autora envolve várias conceituações da noção de iconicidade, mais particularmente aquelas derivadas da pesquisa linguística baseada em Línguas de Sinais. Muitas vezes, como ela observa, esses estudos fazem uma divisão clara entre signos icônicos e signos arbitrários. Conforme a autora, todavia, “a iconicidade não pode ser colocada no mesmo patamar fundante que a arbitrariedade, por não ser, como esta, um princípio organizacional da língua, mas uma de suas características formais” (Frydrych, 2012, p. 285).

Em um estudo de Klima e Bellugi (1979) com sinais icônicos da Língua Americana de Sinais (ASL) com sinalizadores não fluentes, foi demonstrado que os sinais icônicos não são

transparentes quanto à relação do significante com o significado. Os experimentos revelaram que, geralmente, os ouvintes não familiarizados com a Língua de Sinais Americana (ASL) não foram capazes de compreender o significado desses sinais. Isso prova que, até certo ponto, os sinais das línguas de sinais são opacos, ou seja, não são realmente motivados de forma transparente a partir de seus significados. Além disso, a comparação entre sinais icônicos de diferentes línguas de sinais, por exemplo, o sinal para o conceito "árvore" na Língua de Sinais Francesa (FSL) (Cuxac; Sallandre, 2007, p. 16), revela realizações gráficas muito diferentes da representação de uma árvore. Enquanto o primeiro transmite essa informação visual da raiz, tronco e copa da árvore (incluindo o movimento dessa copa), o segundo transmite apenas a informação visual do tronco. Essa diferença sublinha a natureza convencional da iconicidade nas línguas de sinais.

Conforme destacado por Frydrych (2012), entendemos que arbitrariedade e iconicidade não são conceitos opostos ou contraditórios. Na verdade, ambas não pertenceriam necessariamente à mesma categoria. É possível afirmar que todos os sinais são arbitrários, embora nem todos os sinais possuam caráter icônico. Podemos sustentar, em termos diferentes, que, independentemente de serem sinais icônicos ou não, motivados ou não motivados, mais claros ou mais obscuros, todos obedecem ao princípio da arbitrariedade do signo. Esse princípio, conforme Saussure (2006 [1916]), protege a língua contra qualquer tentativa de modificação intencional. Portanto, estudos que evidenciem uma forte presença de iconicidade e/ou motivação nas Línguas de Sinais não constituem um obstáculo para o reconhecimento de seu status linguístico. A iconicidade representa uma característica presente, explorada de maneiras diversas em determinadas línguas. No caso das Línguas de Sinais, essa característica se manifesta por meio de representações visuais mentais, como será detalhado posteriormente. Por outro lado, nas línguas orais, a representação das palavras ocorre através de elementos auditivos, como exemplificado em onomatopeias, conforme abordado por Perniss; Thompson; Vigliocco (2010) para línguas orais.

Afirmamos, ainda, que os conceitos de arbitrariedade e imotivação, bem como os de iconicidade e motivação, não são equivalentes, mas sim interconectados. A motivação está associada à presença de um motivo, uma explicação, para a forma de um determinado significante, enquanto a imotivação, ao contrário, está ligada à ausência desse motivo.

Uma pesquisa conduzida por Capovilla e Raphael (2005) concluiu que a iconicidade de uma representação simbólica está associada à compreensibilidade de um observador inexperiente com o sinal ao qual diz respeito. Um ponto significativo a considerar sobre a

arbitrariedade é a norma sob a qual as palavras estão sujeitas. Isto é, cada palavra é arbitrária, pois deriva de uma norma reconhecida pelos falantes de uma específica língua.

O autor Aurox (2014, p. 66) enumera os componentes relevantes de uma gramática: 1) categorização das unidades; 2) exemplos e 3) regras mais ou menos expressas para erguer enunciados (os exemplos selecionados podem adotar seu lugar). Outrossim, o teórico alerta para a intervenção do conhecimento de norma, como um contorno de abarcamento da variação linguística característica das línguas não “instrumentalizadas”. Observa-se esse acontecimento se exibir em Libras:

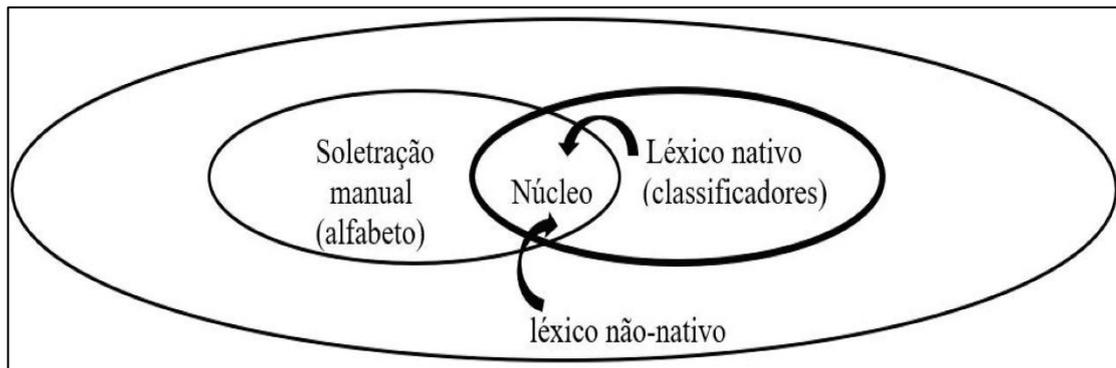
[...] apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, ambas seguem os mesmos princípios pelo fato de possuírem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, ou seja, um sistema de regras que rege o uso desses símbolos (Pereira *et al.*, 2011, p. 59).

Cada língua possui suas próprias diretrizes para a criação de palavras ou elementos lexicais. Com base nessas diretrizes, cada língua combina componentes que constituem palavras, e essas palavras, por sua vez, se organizam em frases num contexto específico. Nesse sentido, a língua de sinais apresenta os mesmos patamares linguísticos das outras línguas faladas, a saber: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

### 3.3 Léxico em Libras

De modo resumido, podemos aferir dois elementos constitutivos de uma língua: o primeiro é a gramática, compreendida como sistema de regras a serem seguidas, e o segundo é o léxico. Quando partimos para as línguas de sinais, percebemos que a configuração dos sinais da Libras é complicada, demonstrando certas características presentes nas línguas de sinais fonológicas, morfológicas, semânticas e pragmáticas) as quais não são observadas em outras línguas naturais. As autoras, Quadros e Karnopp (2004), partem do pressuposto a partir de Brentari e Padden (2001), e sugerem a seguinte estruturação no léxico da Libras:

Figura 4 - Composição Lexical segundo Quadros e Karnopp, 2004



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 88)

É possível notar que o léxico não-nativo inclui ainda termos em português soletrados manualmente, e essas expressões podem ser classificadas como marginais no léxico da Libras. O alfabeto datilológico, conforme delineado por Padden (1998) para a ASL, consiste em um conjunto de gestos manuais que representa o alfabeto da língua portuguesa.

Em suas pesquisas, no ano de 2010, Castro Júnior (2014, p. 39-40) constatou que:

“alfabeto datilológico auxilia na intercomunicação entre duas línguas diferentes e possibilita a comunicação, quando o usuário de língua de sinais domina uma modalidade escrita de uma língua oral e queira saber o sinal-termo para o termo referente em uma outra língua de sinais, quando não conhece o termo correspondente”.

Os utilizadores de sinais em Libras realizam a soletração de termos do português em uma diversidade de situações, a fim de introduzir um vocabulário técnico que carece de equivalência (por exemplo, a palavra A-L-E-M-A-N-H-A).

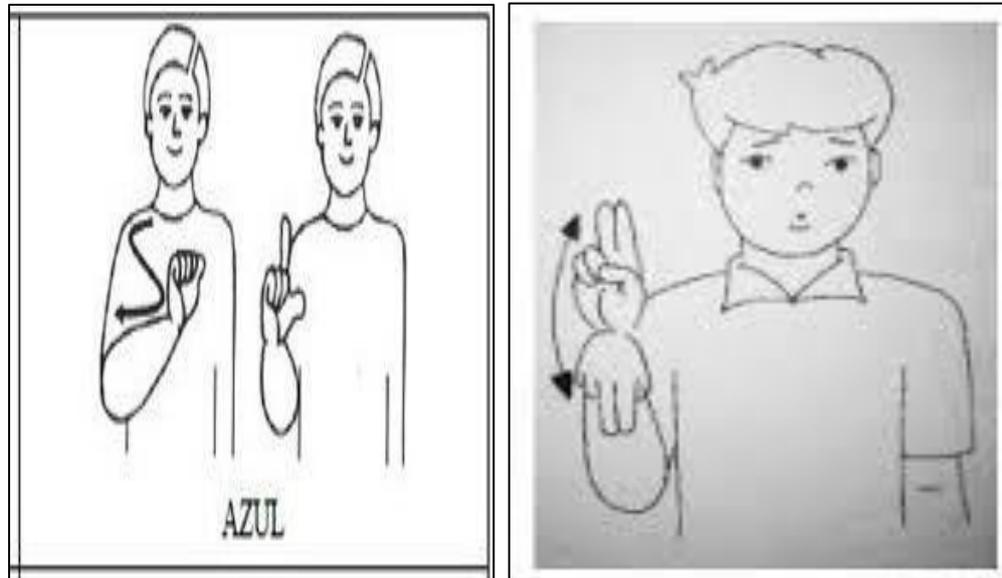
A-L-E-M-A-N-H-A

# ALEMANHA

Portanto, podemos compreender que o alfabeto manual não se limita a ser um recurso alternativo empregado somente quando não há um sinal correspondente na transposição de uma expressão oral para uma língua de sinais. Tanto as expressões faciais quanto o alfabeto fazem parte da língua de sinais. Apesar de ter sido inicialmente criado para substituir a fala, ao longo do tempo, esse alfabeto gradualmente integrou-se à língua de sinais. Alguns sinais são realizados com a digitação de algumas letras do alfabeto, como o sinal de AZUL, que se

constitui no sinal do alfabeto digital “A” letra a e da letra “L” e o sinal de NUNCA, derivados das letras “N” e “U” do alfabeto, conforme exemplificado abaixo.

Figura 5 - Sinais de AZUL e NUNCA em Libras



Fonte: Couto, (2007)

Segundo Padden, 1998 apud Quadros e Karnopp, 2004, a observação dos sinais soletrados manualmente demonstra a afinidade entre as línguas faladas e as línguas gestuais no que tange à disposição dos termos emprestados no léxico da respectiva língua. O que se destaca na língua de sinais é que o acervo linguístico proveniente de outras línguas é incorporado mediante um processo que mantém a ortografia da língua original.

Uma característica particular da modalidade lexical da língua de sinais envolve o uso de um sistema distinto de estruturas que incluem classificadores, os quais desempenham um papel significativo na criação de termos inéditos. Embora se utilize o termo "classificador", essas construções apresentam variações em relação às línguas faladas e aspectos da sua configuração são fortemente moldados pela natureza visual-espacial da língua. No entanto, quando um classificador é incorporado ao léxico central, ele adere a padrões de lexicalização observados em línguas naturais, independentemente da natureza específica da modalidade.

Classificadores são uma área importante de estudo na gramática da língua de sinais. Brito (1995), apresentando alguns resultados de sua pesquisa sobre gramática da língua de sinais, explica que em Libras, classificadores “funcionam como parte dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização, indicando o objeto que se move ou é localizado” (Brito, p. 103, 1995).

Os classificadores são uma forma de mostrar ou explicar o que o indivíduo está fazendo, ou o assunto da consideração. Eles são feitos em formas de mãos, seja apoiando-se em um indivíduo, um animal ou talvez um objeto. Para Felipe (2001), os classificadores se referem a uma das formas em que, ao invés do nome do objeto ou sujeito, eles poderiam ser usados com o verbo para expressar sua classificação, considerando-os estes como realizando a ação do verbo. Brito (1995) afirma que classificadores são parte de verbos de movimento ou localização. O classificador é usado com referência: ou seja, um substituto para a pessoa ou objeto.

De modo semelhante, nas línguas orais, quando palavras (ou expressões) complexas evoluem ao longo do tempo para se tornarem monomorfêmicas (ou palavras simples), ocorre uma alteração no significado, uma perda da estrutura morfológica componencial, e uma adaptação às restrições de formação e ritmo de palavras simples. Por exemplo, no português, o termo "planalto" é em sua origem uma combinação dos elementos "plano e alto", todavia, não é mais articulado como duas palavras distintas, mas sim como um vocábulo único. De modo similar, transformações morfológicas e semânticas se desdobram no processo de incorporação lexical dos sinais brasileiros para "TRÂNSITO" e "PASSAR POR" na língua de sinais.

Figura 6 - Sinal (TRÂNSITO) em Libras



Fonte: Felipe, A. Tanya (2023)

Figura 7 - Sinal (PASSAR UM PELO OUTRO) em Libras



Fonte: Autor (2023)

Adicionalmente, os classificadores apresentam traços de iconicidade. Isso decorre do fato de que, em situações onde a língua de sinais não esteja disponível, os classificadores surgem da necessidade de se comunicar por meio da linguagem corporal. Os indivíduos surdos utilizam as formas de objetos reais como base para a criação e visualização de sinais, ao mesmo tempo, em que simulam contextos e situações para construir estruturas verbais descritivas.

Com o decorrer do tempo, muitos desses arranjos visuais e símbolos altamente reconhecíveis foram gradualmente perdendo sua natureza icônica e se transformando em parte do vocabulário. Mesmo atualmente, em novos cenários de comunicação ou performances artísticas, surgem novos elementos a partir dos elementos classificatórios e têm a possibilidade de se incorporarem ao léxico. Isso pode ocorrer devido a processos internos do sistema linguístico ou em virtude de acordos convencionais, especialmente considerando que existem situações em que sinais são necessários para termos de áreas específicas, o que a comunidade surda desenvolveu ao longo do tempo.

Logo, mesmo que os classificadores possam ser exclusivos das línguas de sinais, as mesmas influências linguísticas que moldam as transformações no léxico e na formação de palavras nas línguas orais também se aplicam a essas estruturas.

### 3.4 Toponímia da Libras

Antes de adentrarmos no assunto pautado, precisamos entender alguns conceitos da toponímia, questão importante para o entendimento desse tema nas Línguas de Sinais. Estudar toponímia é entender que a veremos presente nas mais diversas ciências e conceitos atrelados

a elas. Por conta disso, usaremos o conceito cunhado por Dick (1990, p. 36), onde diz que toponímia é: “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”.

A disciplina científica que se ocupa da investigação dos nomes próprios é denominada Onomástica, a qual pode ser fracionada em duas ramificações fundamentais: a Antroponímia, que foca na análise dos nomes individuais, e a Toponímia, que se debruça sobre a origem, a evolução e o significado dos nomes de lugares, ou seja, dos termos pertinentes à geografia.

No contexto das pesquisas relacionadas à Onomástica, dirigimos nossa atenção à toponímia, que deve ser elaborada a partir do ato de designar, o qual, conforme Dick (1990), é uma das práticas humanas mais significativas. Esse processo ganha destaque, especialmente, por refletir a compreensão do ser humano sobre a sua realidade, que:

[...] o homem, em sua qualidade de membro de um agrupamento, representa, por força da introjeção de costumes e de hábitos generalizados, senão integralmente, pelo menos uma parcela significativa do pensamento coletivo. É a resultante de uma modelagem constantemente burilada pelo próprio dinamismo das paralelas línguo-sociológicas em que se movimentam. Suas ideias e manifestações de espírito, suas atitudes e condutas, conscientizadas, ou não, diante de situações concretas reguladas pela necessidade humana de sobrevivência, e seu próprio existir, enfim, tornam-no a “personalidade histórica” a-temporal e a espacial, por excelência (Dick, 1990, p. 30).

Para Dick (1990), a Toponímia foi vista por muitos estudiosos de maneira corriqueira, sem dar por conta de sua riqueza linguística. Esses estudiosos se preocupavam em listar uma determinada região e se debruçavam apenas na etimologia indígena em solo brasileiro. Dessa forma, ao analisar os nomes dos locais, o investigador focava principalmente na sua conotação linguística, relegando a um plano secundário a sua proveniência e as razões subjacentes à atribuição. Levando em conta uma perspectiva mais contemporânea, a Toponímia deve engajar-se:

[...] da história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando algumas vezes assegurar a proteção dos santos ou de Deus (Dick, 1990, p. 21).

Conforme as observações da autora, é possível afirmar que os topônimos, de forma ainda mais pronunciada do que as demais unidades do léxico, se estabelecem:

[...] como verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcendem ao próprio ato da nomeação: se a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (Dick, 1990, p. 21-22).

A toponímia representa um amplo repertório linguístico e cultural, empenhado em transcender não apenas uma disciplina do conhecimento, mas também em promover uma intersecção de saberes que, em conjunto, possibilitem uma abordagem interdisciplinar, a fim de serem difundidas em variados setores do saber, tendo em vista a importância da análise dos nomes de lugares.

Cumprir ressaltar que as abordagens iniciais identificadas na investigação toponímica desempenharam um papel crucial na evolução dessa área de estudo. Entretanto, ainda era imprescindível identificar uma abordagem que permitisse recuperar, ao longo da análise dos topônimos, elementos externos que pudessem ter impactado o autor do termo no instante de sua criação. Por esse motivo, diversos pesquisadores, como Dauzat (1928); Leite de Vasconcelos (1931); Stewart (1954); Dick (1990); dedicaram-se à criação de estruturas taxonômicas e fundamentos teóricos que pudessem oferecer uma orientação mais sólida às investigações.

É imprescindível ressaltar a pesquisa realizada pela professora Karylleila dos Santos Andrade, que, utilizando a abordagem metodológica sugerida por Dick (1990), opta por examinar os topônimos de origem indígena. No contexto dessa investigação, um dos empreendimentos mais relevantes desenvolvidos por essa pesquisadora foi sua dissertação de doutorado denominada "Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins" (ATITO).

A respeito das análises toponímicas, Andrade (2010) apresenta a seguinte observação:

Todo trabalho toponímico constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e da cosmovisão das comunidades linguísticas que ocupam um determinado espaço. É nesse momento, que são exteriorizados e evidenciados aspectos sociais, religiosos, antropoculturais, organização política e linguística de um determinado grupo (Andrade, 2010, p. 193).

Isquierdo (2008), por sua vez, resalta que, através dos topônimos, é possível entender não apenas detalhes históricos de uma cultura, mas também valores de natureza religiosa, geográfica, política e linguística. A pesquisadora alega, também, que os topônimos são considerados instrumentos indispensáveis na edificação e reconstituição de períodos históricos,

costumes, modos de vida e formas de atribuir significado ao ambiente por parte de um grupo social específico.

Ao criar um topônimo inovador, uma gama de fatores, particularmente aqueles provenientes do entorno, exerce impacto sobre a linguagem e, conseqüentemente, sobre a forma como uma determinada coletividade entende e articula suas concepções. Neste contexto particular, Oliveira (2001, p. 109) sustenta que o “contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade e, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui”.

A designação de nomes às localidades não se dá de forma aleatória, uma vez que o autor da nomenclatura insere nos topônimos os aspectos que deseja simbolizar, homenagear, perpetuar ou relembrar. Para Matos (2014), na fase inicial desse processo, a ação ocorre de maneira instintiva, em consonância com as circunstâncias do momento presente. Entretanto, quando esse local alcança a condição de município, cidade, vila ou bairro, o nome, quando não sofre alterações, deve aderir às diretrizes toponímicas determinadas por entidades oficiais, que podem variar desde a autoridade máxima nacional, como o caso do Governo Federal, até as autoridades locais, como os Governos Estaduais e Municipais.

A análise dos nomes de lugares, foco da Toponímia, tem adquirido significativa relevância na compreensão de elementos histórico-culturais de uma população ou área geográfica. Isso possibilita a identificação de eventos linguísticos, ideologias e convicções refletidos no ato de nomear, bem como a posterior preservação ou desvanecimento desses elementos em uma determinada comunidade. Dessa forma, o nome concedido a um local ou a uma característica geográfica pode representar um elemento que revele inclinações sociais, políticas ou religiosas dos pioneiros e do contexto em que a nomeação teve lugar.

É manifesta, além disso, a importância da função desempenhada pela Toponímia, notadamente por intermédio de seu objeto de investigação, o topônimo. Ao examinar o nome de um lugar, é possível reconstituir a motivação do responsável por sua designação, o que leva não só à compreensão das particularidades daquele espaço, mas também à identificação da comunidade que nele reside.

Profissionais ligados à comunidade surda, como professores bilíngues, intérpretes de língua de sinais ou pesquisadores, geralmente recebem os símbolos de nomeação, representando sua inclusão na comunidade, quando começam a usar a língua de sinais de maneira eficaz. Nestas situações, esses indivíduos estão cientes de que convivem com a identidade de seu interlocutor e sabem discernir quando utilizar um ou outro. Eles sabem onde e quando precisam se apresentar usando um crachá ou um nome registrado e quando precisam

usar ambos. A esse respeito, foi possível observar que, quando os membros da comunidade surda faziam suas apresentações pessoais iniciais, tendiam a usar nomes em ambas as línguas e, posteriormente, utilizavam exclusivamente símbolos de identificação, relegando o nome oficial a um plano secundário.

Diversos estudiosos investigaram os gestos representativos dos nomes em distintas comunidades de línguas gestuais. O sistema de nomenclatura linguística e cultural da ASL tem sido estudado por vários autores de diferentes línguas de sinais. Supalla (1990, 1992), Mindness (1990), Meadow (1997) nos Estados Unidos. De La Porte (1998), França. Na Inglaterra, Sutton-Spence e Day (2010). Para sinais de nome suecos, os autores Börstell (2017), Kourbetis E Hoffmeister (2002) analisaram os símbolos de nomes na Língua de Sinais Grega. Yau & He (1989) estudaram a situação dos símbolos de nomes da língua de sinais chinesa. Paaples (2010; 2011) para Língua de Sinais da Estônia. Por último, Barros Brasil (2018) traz uma análise dos símbolos de identificação na Língua Brasileira de Sinais.

Segundo Sousa (2022), o estudo da nomeação de seres, coisas, animais e lugares é interdisciplinar enquanto considera elementos da natureza física, ou seja, a relação do homem com o meio em que vive, e elementos de natureza cultural, sendo elementos de natureza sócio-histórica e cultural, que abrangem diversas áreas do conhecimento, como história, linguística e antropologia. Assim, a antropologia surge como um dos desdobramentos da antroponímia, que é a disciplina voltada para a investigação dos nomes.

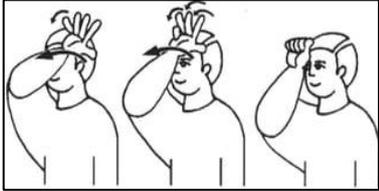
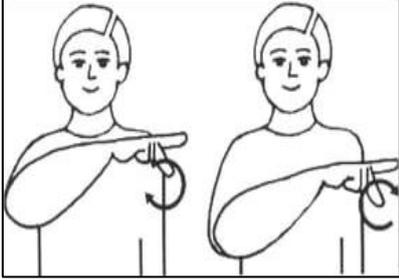
O escritor destaca que, ao contrário do estudo dos nomes de lugares na Língua Portuguesa, a pesquisa referente aos nomes de lugares na Língua de Sinais ainda está em estágio inicial. Ele destaca que nas Línguas de Sinais o processo nomeador se distingue do modo aplicado nas línguas orais, tendo em vista que o referente recebe um correspondente de natureza sinalizada. Na Libras, os nomes próprios nem sempre ganham um sinal momentâneo. Geralmente, empréstimos linguísticos são usados por transliteração, por exemplo, nomes são evidenciados por escrita usando sinais diacríticos. Somente após a imersão cultural da pessoa surda no contexto do espaço geográfico em questão é que o topônimo recebe um sinal, que se cristaliza na comunidade surda (Sousa, 2022).

Souza Jr. (2012) identificou, coletou e analisou uma variedade de nomes de lugares na Língua Brasileira de Sinais em cidades de 13 estados brasileiros, enfatizando as expressões utilizadas por pessoas surdas para designar esses locais. Como o pesquisador aponta, a Língua de Sinais introduz uma forma diferente de compor, pois a referência, sendo composta pelo sistema oral/áudio, adquire uma nova característica sinalizada. Por outro lado, a palavra específica pode ser emprestada da linguagem oral para a língua de sinais escrevendo a palavra

correta letra por letra, esse tipo de processo é chamado de datilologia. No entanto, em geral, a referência à área local (cidade, vila, país, bairro, rua, etc.) é “sinalizada” pela pessoa surda em sua vida diária, referindo-se a uma pessoa ou lugar específico, e não a uma comunidade de surdos locais e sua sinalização correspondente.

Visando documentar as particularidades linguísticas dos símbolos de identificação espacial e atribuir frequências de informações com fundamento em fatores motivacionais, Souza Jr. (2012), seguindo as orientações metodológicas de Dick (1990), examina as questões de identificação que formam os elementos de nomeação de lugares por meio de símbolos, concentrando-se na análise e consideração desses aspectos.

Quadro II - Estrutura dos topônimos em Língua de Sinais

Topônimo simples	Apenas um sinal representa o acidente.	 <p>AMAZONAS</p>
Topônimo composto	Dois sinais representam o conceito.	<p>PONTE ALTA DO BOM JESUS</p> 
Topônimo híbrido	O termo PIAUI (representado pela letra P) é um empréstimo da língua portuguesa mais Língua de Sinais	 <p>PIAUI</p>

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa (2019); Roselba (2021)

No trabalho de Sousa e Quadros (2019), é apresentada a elaboração na forma de um arquivo digital de registro lexicográfico-toponímico no estudo da toponímia em línguas de sinais. Conforme o modelo estabelecido por Dick (2004) da forma lexicográfico-toponímica, foram necessárias diversas adaptações (supressões e acréscimos) considerando a especificidade da língua e da língua de sinais sob a perspectiva de uma região. Esse formato propõe a classificação dos símbolos notados (topônimos em Libras) quanto a elementos como: símbolo toponímico e elemento motivacional, estrutura fonológica e morfológica do topônimo, referência dinâmica, localização e outros recursos que agregam valor à língua e à cultura surda.

Sousa e Quadros (2019), como consequência deste projeto, disponibilizaram recursos para o financiamento do ensino da toponímia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na educação de surdos e elaboraram o Software Web Toponímia em Libras, que introduz sinais para os Municípios do Acre em Libras, indicadores que servem de inspiração para cada sinal, a estrutura fonográfica das assinaturas conforme a SignWriting, além da área municipal, por meio do Google Maps. Todos os programas de software em Libras apresentam vídeos explicativos e aderem às normas de acessibilidade, além de diretrizes para a produção de vídeos.

Figura 8 - Websoftware Toponímia da Libras



Fonte: Sousa (2019b, p. 28-29)

No tocante à formação dos sinais toponímicos e sua representatividade, compreendemos que estes, diferentemente de outras unidades lexicais da língua, possuem caráter motivado e estão entrelaçados com o contexto extralinguístico. No contexto da arbitrariedade do signo linguístico, Saussure (2008), ao desenvolver suas teorias sobre signos, emprega o conceito de convencional para descrever a ligação entre o significado e o significante. Segundo esse estudioso, não existe uma relação evidente entre ambos.

No entanto, como mencionado antes, o léxico toponímico se sobressai exatamente por conter em sua essência a natureza motivada. Assim, como explicado por Dick (1990), o termo toponímico é identificado como um componente linguístico habitual com propósito onomástico, que faz parte de um processo conectivo de motivação. Isso viabiliza a inferência de relações hábeis entre o próprio nome e a região específica. Segundo a autora, a denominação toponímica oferece indícios e aponta trajetórias que conduzem à sua gênese motivadora.

É perceptível que diversos elementos linguísticos da Libras apresentam a influência da grafia do correspondente na Língua Portuguesa. Nesse contexto, de acordo com Nascimento (2010), os termos emprestados do português para a Libras são identificados como um fenômeno que surge a partir do contato entre as línguas. Segundo a autora, a presença dos termos emprestados linguisticamente surge em função do cenário bilíngue experimentado pelos indivíduos surdos no Brasil, no qual a convivência diária entre a Libras e a Língua Portuguesa é constante. Conforme notado nos estudos de Souza-Júnior (2012) e Sousa (2022a), esse padrão é recorrente ainda na etapa de atribuição de nomes a locais na Língua Brasileira de Sinais.

É frequente, portanto, a adoção da língua oralizada, por meio do alfabeto manual, especialmente em situações linguísticas onde ainda não existe um sinal para um conceito específico. Souza-Júnior (2012) destaca que, da mesma forma como ocorre com os sinais-nome, os surdos levam em consideração atributos físicos e comportamentais para dar nome aos lugares.

Os nomes próprios dos lugares seguem princípios semelhantes. Um local, seja país, cidade, escola, ou uma rua, pode gerar um neologismo quando é incluído no contexto linguístico e social dos utentes. A princípio, quando um acidente geográfico físico ou humano não possui um sinal próprio a soletração manual serve como recurso linguístico para referência e logo pode ser lexicalizado como um empréstimo ou substituído por um sinal específico. (Souza-Júnior, 2012, p. 29)

E nesse contexto, a linguagem de sinal vai se ampliando, uma vez que numerosos conceitos requerem a formulação de novos sinais. Em uma análise do Desenvolvimento Lexical da Libras, as pesquisadoras indicam essa fase de introdução de novos sinais na Libras,

defendendo que "há necessidade de se desenvolver ferramentas de estudo e pesquisa para que o surdo possa dialogar com os sentidos produzidos em um idioma com o qual não se sente familiarizado" (Favorito, *et al.*, 2012, p. 91-92). Logo, os sujeitos surdos enfrentam o desafio de conceber elementos lexicais em Libras que consigam abranger o conjunto de ideias relacionadas ao contexto em que eles estão inseridos.

Numerosas investigações sobre a toponímia da Libras, especialmente no que tange à estrutura das línguas de sinais, têm abordado tais questões, no entanto, ainda há uma vastidão de território a ser explorado nesse campo. Contudo, emerge uma apreensão acerca dos impactos das discrepâncias modais, o que confere uma significância exponencial ao estudo toponímico nas línguas de sinais.

Ademais, é imperativo considerar a observação de que as analogias entre línguas orais e sinalizadas corroboram a presença de propriedades intrínsecas aos sistemas linguísticos que transcendem as modalidades de comunicação. É também relevante ponderar que, no âmbito das pesquisas sobre línguas de sinais, é aconselhável adotar uma teoria que se baseie em princípios universais, passíveis de aplicação tanto às línguas orais quanto às línguas de sinais. Nessa perspectiva, a análise da toponímia nas línguas de sinais contribui com componentes de substancial importância para a validação dos princípios que regem as expressões linguísticas humanas.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 Pressupostos Metodológicos

Serão descritos os procedimentos metodológicos adotados para a descrição e análise dos dados. A descrição e a classificação dos dados seguirão a metodologia baseada em Dick (1990) para a exposição dos sinais-termos dos bairros do município de Santarém/Pará, que admite a análise de propriedades etimológicas e semânticas de cada elemento lexical mediante a vinte e sete categorias taxionômicas, constituindo dezesseis de natureza física e onze de natureza antro-po-cultural. Doravante, outros autores que trataram acerca do sinal toponímico de Libras, como Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022), trataremos sobre as forças motivadoras do signo toponímico em Língua de Sinais Brasileira e, através desse estudo, o fortalecimento das descrições linguísticas, sociais e culturais da comunidade surda.

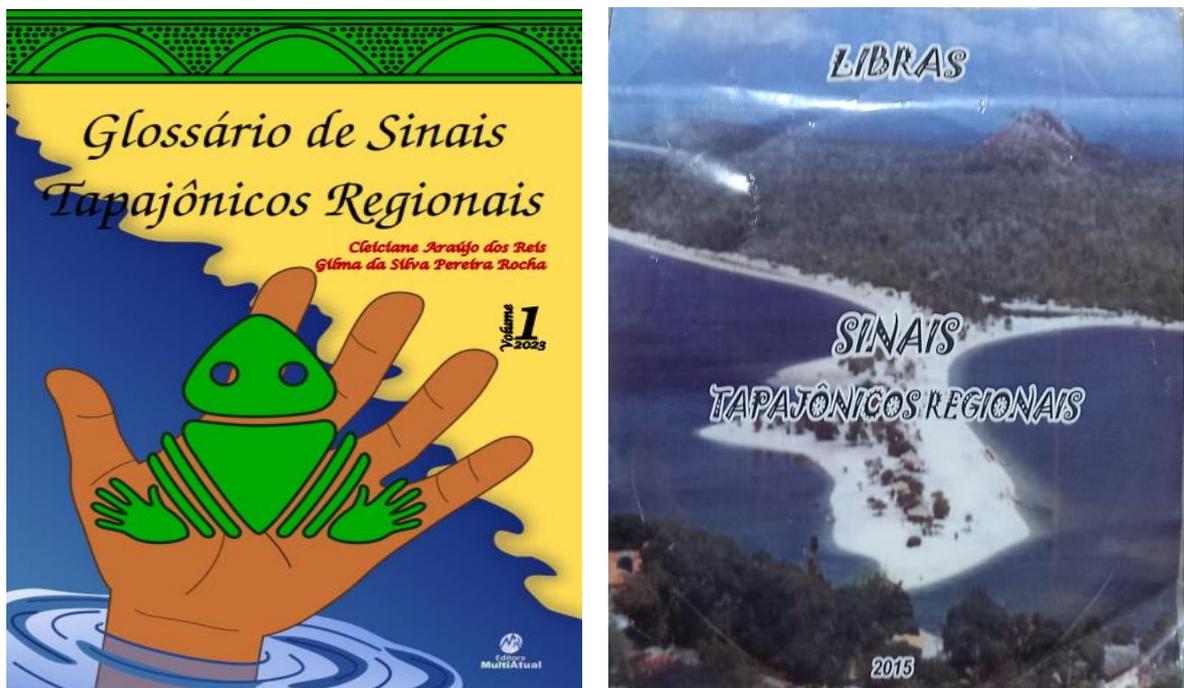
O modelo taxonômico descrito por Dick (1990) será a base desse estudo, já que a Libras tem estrutura linguística, cultural e gramatical diferente do português, portanto, um recurso funcional para fornecer metrologia objetiva do objeto disposto para determinação geográfica, porque dá privilégios à análise toponímica como fonte de informação para a descrição do significado. Vale ressaltar os estudos ligados à toponímia, que envolvem a análise dos elementos que compõem os nomes de lugares, bem como sua evolução temporalmente e sua relação com a história e a cultura das regiões em que estão localizados.

O estudo da Toponímia em Libras em bairros, e neste trabalho faremos a descrição e análise de um documento produzido, mencionado ao longo do texto que descreve vinte bairros de Santarém/Pa. A descrição será feita, ainda, nas fichas lexicográficas-Toponímicas, baseando-se nos modelos elaborados em Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022).

A elaboração do projeto intitulado “Glossários de Sinais Tapajônicos Regionais” foi um planejamento das professoras Cleiciane Araújo dos Reis e Gilma da Silva Pereira Rocha com o intuito de propagar e registrar os sinais em Libras das escolas e bairros do município de Santarém/Pa, que teve o auxílio e colaboração/consultoria dos professores surdos: Anderson José, Andreson Charles, Aurilane Barbosa, Elton Gama, Elton Santos e Suelen Mendes que validaram os sinais por meio da interação com as comunidades surda e ouvinte. A divulgação inicial deste glossário ocorreu com o lançamento em DVD em 2015, no início do projeto; posteriormente, após sete anos, foi disponibilizado em formato E-book em outubro de 2022, com o objetivo de garantir o registro escrito. No dia 24 de abril de 2023 (Dia Nacional da

Libras), as autoras do livro receberam convidados e amigos para a divulgação do livro em formato impresso em uma noite de muitas palestras, convidados especiais e a comunidade surda santarena, para celebrar o lançamento do livro. Segundo as professoras, esse glossário representa uma estratégia para assegurar a preservação da identidade das pessoas surdas. Ademais, o material pode auxiliar na valorização e no reconhecimento da cultura surda, assim como no processo de inclusão.

Figura 9 – E-book e DVD do Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais



Fonte: Reis e Rocha (2023)

A proposta deste estudo é descrever e analisar os vinte bairros do material mencionado, a formação dos nomes dos bairros e como esses nomes são representados em Libras. Conforme os autores Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022), isso envolverá uma análise Léxico-morfológico-semântico: tipos de formação (simples, simples híbrido, composto e composto híbrido); tipos de categorias (nativos/puros, soletrado ou inicializado) e tipos de motivação (icônico ou motivação da língua portuguesa) dos sinais utilizados para representar cada nome de bairro da cidade de Santarém/Pará.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, pois se justifica por ser uma técnica de coleta de dados e informações disponíveis em fontes bibliográficas como: teses, artigos, glossários, livros, etc. Gil (2010, p. 29-31) destaca essas características como:

“A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. Sobre pesquisa documental, o autor supracitado afirma que “vale-se de toda sorte de documentos, elaborados com finalidades diversas [...] se recomenda que seja considerada fonte documental quando o material consultado é interno à organização”

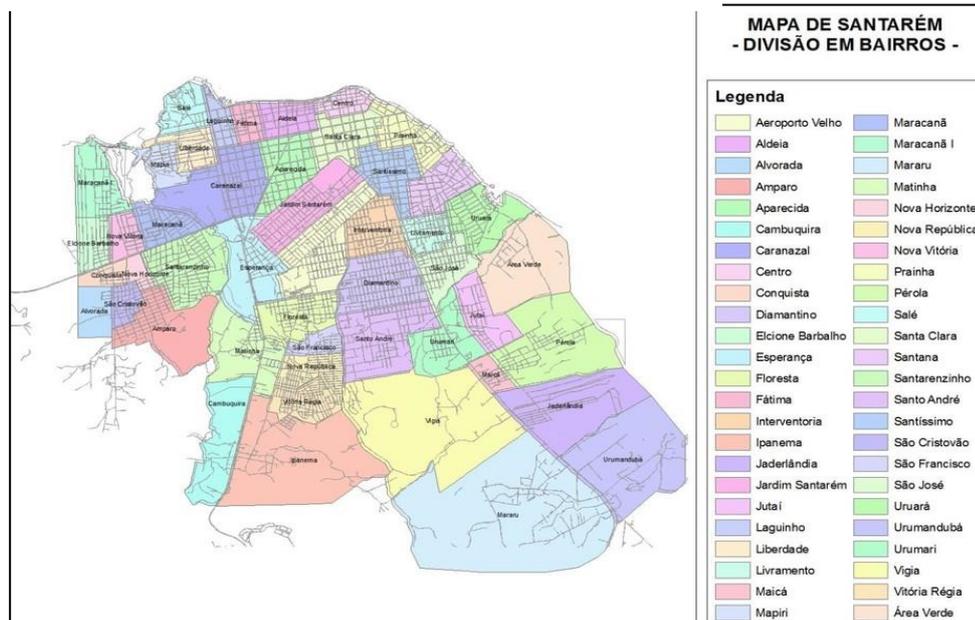
Ao longo do trabalho, percebeu-se que existem variações dos sinais dos bairros de Santarém/Pará em circulação no meio surdo, em especial na associação da qual os surdos santarenos fazem parte. Porém, esses sinais não são dicionarizados, ou seja, não passaram por uma frequência lexicalizada como a proposta de descrição e análise do e-book e DVD do nosso trabalho.

O estudo caracteriza-se como de abordagem qualitativa. De acordo com Gil (2008, p. 194), “A análise dos dados nas pesquisas experimentais e nos levantamentos é essencialmente quantitativa. [...] Assim, a análise de dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.”

#### **4.2 Levantamento do corpus**

O *corpus* da pesquisa é constituído por vinte sinais toponímicos da Língua Brasileira de Sinais empregados pelos surdos da cidade de Santarém/Pará para denominar os seguintes bairros: Aeroporto Velho; Aldeia; Amparo; Área Verde; Caranazal; Cucurunã; Diamantino; Elcione Barbalho; Ipanema; Liberdade; Mapiri; Macarnã; Mararu; Matinha; Nova República; Novo Horizonte; Prainha; Santa Clara; Santarenzinho; Santíssimo.

Figura 10 - Mapa dos bairros de Santarém/Pará



Fonte: Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária (2023)

De acordo com os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária (SEAHB), existem cinquenta bairros na cidade de Santarém, dos quais estudaremos apenas os descritos no e-book e DVD analisado. A tabela a seguir mostra os nomes dos bairros aos quais iremos descrever e analisar:

Quadro III: Nomes dos bairros descritos pelo trabalho

Nome o Bairro	Zona localizada	Origem folclórica
<b>Aeroporto Velho</b>	Central	O bairro recebeu o nome por estar em uma área do antigo aeroporto da cidade.
<b>Aldeia</b>	Norte	O nome recebido se deve a antiga Aldeia do Tapajós, onde fica atualmente o mercado da cidade.
<b>Amparo</b>	Oeste	O bairro cresceu a partir de outro bairro da cidade e seu nome surgiu pelo fato de muitas pessoas não terem local para ficar e foram amparadas nessa localidade.
<b>Área Verde</b>	Leste	
<b>Caranazal</b>	Norte	O nome surgiu devido à proximidade com um igarapé abundantemente coberto por caranã (capim). Era uma região extremamente carente que se transformou ao longo do tempo

		em um bairro, onde um barracão improvisado servia como local para a celebração da missa.
<b>Cucurunã</b>	Rural	
<b>Diamantino</b>	Central	Nome dado pela prefeitura da cidade.
<b>Elcione Barbalho</b>	Oeste	O povo desse bairro, sofria grande necessidade e pediu ajuda ao político Jader Barbalho que em homenagem a sua esposa, batizou com o nome de Elcione Barbalho.
<b>Ipanema</b>	Sul	No idioma tupi, o nome significa "água suja" ou "água ruim". Anteriormente, o bairro era tido como parte da região de Cambuquira e também como uma extensão da colônia de Ipanema (abrangendo os limites de Cuibá até Saubal e da Coca-Cola até a Serra do Piquiatuba). No entanto, de acordo com os moradores locais, nunca houve uma reflexão sobre a origem ou motivo específico por trás dessa denominação.
<b>Liberdade</b>	Norte	O nome do bairro foi estabelecido em março de 1967, quando uma escola foi inaugurada em um período surpreendente de apenas 22 dias. A área é reconhecida pela praça com o mesmo nome, uma construção erguida em celebração à Abolição da Escravatura.
<b>Mapiri</b>	Norte	O nome do bairro foi uma homenagem ao lago que atravessa o topônimo.
<b>Maracanã</b>	Oeste	O nome foi atribuído pelos próprios residentes devido à grande presença de pássaros da espécie maracanã na área, os quais frequentavam o local em busca de alimento.
<b>Mararu</b>	Sul	Surgiu devido à ocupação desta área por uma tribo indígena chamada "Mararuara", liderada pelo tuxaua conhecido como "Mararu".
<b>Matinha</b>	Sul	O surgimento do bairro ocorreu através de ocupações, sendo denominado devido à sua localização cercada por uma vegetação conhecida como "capoeira", carinhosamente apelidada de Matinha. Um detalhe interessante é que todas as ruas do bairro têm nomes de origem indígena.
<b>Nova República</b>	Sul	Como foi planejado e estabelecido durante o período da ditadura militar, o nome "Nova República" refletia a proposta governamental então emergente, buscando uma conotação de renovação e mudança.
<b>Novo Horizonte</b>	Oeste	recebeu seu nome devido a um trágico incidente ocorrido na região. De acordo com relatos dos moradores, uma menina, com idade entre 10 e 12 anos, foi vítima de um estupro nessa área, localizada entre os bairros Conquista e Santarenzinho. Ela foi encontrada ensanguentada e amarrada, clamando por ajuda. Ao escutar os gritos, um casal que passava pelo local prontamente a socorreu. A menina, mesmo após esse terrível evento, conseguiu sobreviver e expressou para aqueles que a

		ajudaram: "vocês me ajudaram a ter um novo horizonte". A partir dessa ocupação, o bairro foi estabelecido, mas a lembrança desse acontecimento ainda permanece viva na região.
<b>Prainha</b>	Norte	O nome do bairro é oriundo das praias que ficavam aos redores do topônimo.
<b>Santa Clara</b>	Norte	Os próprios governantes escolheram o nome do bairro com base em referências presentes na área, como o Colégio Santa Clara. Anteriormente, o bairro era conhecido como Nossa Senhora das Graças, devido à forte presença da comunidade católica na região.
<b>Santarenzinho</b>	Oeste	Inicialmente, tratava-se de um único bairro em Santarém, denominado dessa maneira por se assemelhar a uma espécie de minicidade ou um distrito ampliado de Santarém, o que justifica seu nome em forma de diminutivo.
<b>Santíssimo</b>	Norte	O nome teve sua origem quando algumas famílias se uniram para celebrar a festa do Santíssimo Sacramento. Em uma estrutura rústica conhecida como 'latada', realizavam suas orações.

Fonte: Pimentel (2013)

#### 4.3 Registro do Corpus - ficha lexicográfico-toponímica

A ficha de registro lexicográfico do estudo toponímico que será utilizada nesta pesquisa tem como base o modelo proposto por DICK (2004) e adaptado por Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022). Esses autores adaptaram a ficha com dados complementares para a descrição e classificação dos topônimos na Língua de Sinais Brasileira.

Foi criada uma ficha com o intuito de coletar e registrar os sinais topônimos dos bairros da cidade de Santarém/PA. A Ficha Lexicográfica-Toponímica, adaptada de Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022), é formada pelas seguintes referências: (1) nome do topônimo em língua portuguesa; (2) imagem em Libras do topônimo; (3) localização e zona do bairro; (4) nome do topônimo em escrita de sinais (*signwriting*); (5) aspectos articulatórios; (6) tipos de morfologia do sinal; (7) tipos de categoria do sinal; (8) tipos de motivação do sinal; (9) pesquisador responsável e (10) data da coleta.

Quadro IV: Ficha Lexicográfica-Toponímica

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro	
Nome do bairro em língua portuguesa	Imagem do topônimo em Libras do bairro.	Mapa com a localização do bairro.	
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
Anotação do sinal em Libras na escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
5. Aspectos articulatórios	Descreve as propriedades físicas, articulatórias e propriedades da configuração de mãos (CM); orientação das mãos (OM); movimento (M); ponto de articulação (PA) e expressões não-manuais (EN-M)		
6. Tipo de morfologia do sinal	Classificação lexical do sinal (simples, composto, simples híbrido, composto híbrido).		
7. Tipo de categoria do sinal	Categorização dos sinais em: (nativos/puros, soletrado e inicializado (híbrido)).		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>Aspectos motivacionais para a realização do sinal em Libras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Motivação Icônica: Sinal em Libras que faz referência à imagem do seu significado, ou seja, o sinal pode surgir a partir de um elemento oriundo de um aspecto cultural do bairro em questão (cultura), pode surgir ainda, algum atributo físico do bairro, captada visualmente (material).</li> <li>- Motivação por empréstimo linguístico: que pode se dar a partir da grafia da língua portuguesa, posteriormente sinalizado no alfabeto em Libras e por calque que se alinha com uma representação direta do termo do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).</li> </ul>		
9. Pesquisador responsável	Nome do responsável pela descrição e análise dos sinais.	11. Data da coleta	Dia, mês e ano da coleta dos dados.

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

#### 4.4 Procedimentos de Análise dos dados

Por se tratar de uma pesquisa que visa ao estudo de um conjunto grande de topônimos, a saber, os sinais em Libras de vinte bairros do município de Santarém/Pará, a partir do E-book e DVD do “Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais”, os sinais serão descritos e analisados individualmente, dando importância à estrutura Léxico-morfológico-semântico: **tipos de formação** (simples, simples híbrido, composto e composto híbrido); **tipos de categorias** (nativos/puros, soletrado ou inicializado) e **tipos de motivação** (icônico ou empréstimo linguístico).

Todavia, é importante salientar a explicação de cada tipo de estrutura Léxico-morfológico-semântico, disposta nos quadros a seguir:

Quadro V: Aspectos dos tipos de formação dos sinais

<b>Sinal do topônimo simples</b>	Sinal formado por apenas um componente em Libras
<b>Sinal do topônimo simples híbrido</b>	Sinal formado por apenas um componente em Libras com aspectos da língua portuguesa a partir do parâmetro da Libras: configuração das mãos (CM)
<b>Sinal do topônimo composto</b>	Sinal formado por dois componentes em Libras
<b>Sinal do topônimo composto híbrido</b>	Sinal formado por dois componentes: Libras e língua portuguesa sendo um parâmetro da Libras: configuração das mãos (CM) em língua portuguesa.

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

Quadro VI: Aspectos dos tipos de categorias

<b>Nativo/Puro</b>	Sinal feito em Libras sem características de outra língua.
<b>Inicializado</b>	Sinal feito com empréstimos de uma língua e expressado pela datilologia com incorporação de movimentos próprios da Libras.
<b>Soletorado</b>	Sinal feito a partir da grafia da língua portuguesa.

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

Quadro VII: Aspectos dos tipos de motivação

<b>Icônico</b>	Sinal em Libras que faz referência à imagem do seu significado, ou seja, o sinal pode surgir a partir de um elemento oriundo de um aspecto cultural do bairro em questão (cultura), pode surgir ainda, algum atributo físico do bairro, captada visualmente (material).
<b>Empréstimo Linguístico</b>	Pode se dar a partir da (grafia) da língua portuguesa, posteriormente sinalizado no alfabeto em Libras e por (calque) que se alinha com uma representação direta do termo do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

#### 4.5 Procedimentos para a Análise

Sousa-Junior (2012) observou, em seu trabalho inaugural, características etimológicas e semânticas de cada unidade lexical, a partir do procedimento posposto por Dick (1990), e fez as adaptações necessárias para aplicar na Língua de Sinais Brasileira. Outrossim, propôs como

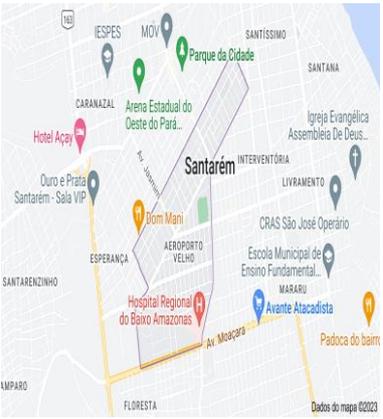
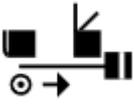
princípios de análise dos registros das unidades lexicais em fichas lexicográfico-toponímicas na qual o elemento específico do topônimo recebe atenção, sendo distribuído entre as 27 categorias taxionômicas propostas. Nosso trabalho se pautará na descrição e análise dos sinais topônimos dos bairros de Santarém/Pará. Os tipos de aspectos articulatórios, tipos de morfologia do sinal, tipos de categoria do sinal e tipos de motivação do sinal, foram baseados em Miranda (2020); Albuquerque (2021) e Sousa (2022). Com relação aos aspectos articulatórios, os autores descrevem as propriedades físicas, articulatórias e propriedades da configuração de mãos (CM); orientação das mãos (OM); movimento (M); ponto de articulação (PA) e expressões não-manuais (EN-M). Acerca dos tipos de morfologia do sinal, os autores classificam de forma lexical o sinal como (simples, composto, simples híbrido, composto híbrido). Ainda, os autores falam dos tipos de categorias dos sinais que podem ser (nativos/puros, soletrado e inicializado (híbrido)).

Por último, nossa análise mostrará os tipos de motivação dos sinais, sendo classificados como: motivação icônica: sinal em Libras que faz referência à imagem visual do seu significado, ou seja, o sinal pode surgir a partir de um elemento oriundo de um aspecto cultural do bairro em questão (cultura), pode surgir ainda algum atributo físico do bairro, captado visualmente (material). Empréstimo linguístico (grafia ou calque): sinal cuja produção abrange elementos procedentes (grafia da datilologia) da língua portuguesa, ou pode ser determinado por calque (consiste na reprodução literal de uma palavra da língua de origem, adaptando-a às estruturas da língua receptora e resultando em um empréstimo sutil) em alguns casos, a partir da configuração de mãos (CM).

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Ao longo de nossa pesquisa, fizemos o levantamento de vinte sinais dos bairros da cidade de Santarém/PA, presentes no E-book e DVD “Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais”, pois o estudo dos nomes dos bairros em Libras pode trazer mudanças significativas para a comunidade surda e, ainda, a toponímia pode ajudar a fortalecer a identidade da comunidade surda, promovendo o reconhecimento, a consciência linguística e cultural da comunidade surda. A análise e discussão dos dados serão feitas nas Fichas Lexicográficas-Toponímicas de cada um dos vinte topônimos descritos e investigados.

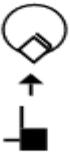
### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de AEROPORTO VELHO

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro
Bairro Aeroporto Velho		
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).		
		
5. Aspectos fonológicos	<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para baixo. A mão não-dominante, com os punhos fechados, representando uma pista de pouso e a mão dominante com duas configurações em “A” e “V”. O movimento é feito do antebraço iniciando com a configuração em “A” partindo para o punho e finalizando na configuração em “V”. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>	
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mãos em “A” e “V” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)</p>	
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra iniciais do bairro “A” e “V”) de forma parcial, pois a mão não-dominante representa o sinal (pista de pouso de aeronaves) em Libras.</p>	

<b>8. Tipo de motivação do sinal</b>	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão a antiga pista de pouso de aeronaves (mão não-dominante) e ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.		
<b>9. Pesquisador responsável</b>	Reginaldo Caires Borges	<b>10. Data da coleta</b>	19/11/2023

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

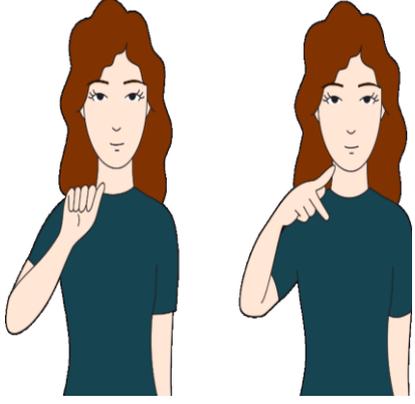
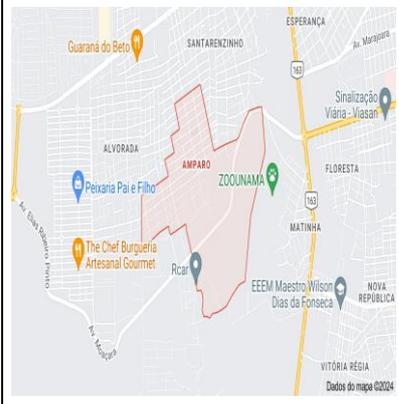
### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de ALDEIA

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro
Bairro Aldeia		
<b>4. Nome do topônimo em escrita de sinais (signwriting).</b>		
	<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para dentro. A mão dominante, com os punhos fechados (configurado em “A”), batendo duas vezes na boca e termina com a mesma mão dominante configurada em “L”. O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “A”) partindo para a boca (fazendo referência a antigos indígenas que habitavam aos arredores do bairro), finalizando em “L” na frente do rosto. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>	
<b>6. Tipo de morfologia do sinal</b>	Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mãos em “A” e “L” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)	
<b>7. Tipo de categoria do sinal</b>	A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra iniciais do bairro “A” e “L”) de forma parcial, pois a mão dominante (configurada em “A”) representa o sinal (dos povos originários que habitavam no bairro) em Libras.	
	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão aos antigos indígenas que habitavam o bairro (mão dominante configurada em “A”) e ainda pode	

<b>8. Tipo de motivação do sinal</b>	ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.		
<b>9. Pesquisador responsável</b>	Reginaldo Caires Borges	<b>10. Data da coleta</b>	19/11/2023

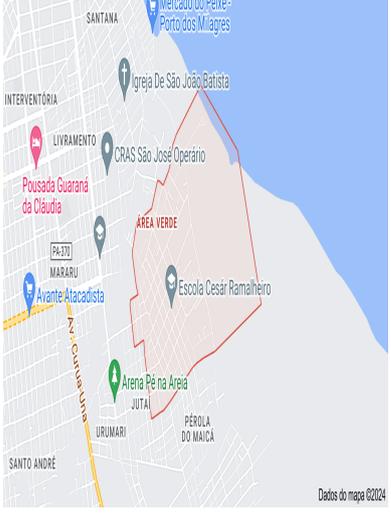
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de AMPARO

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro
Bairro AMPARO		
<b>4. Nome do topônimo em escrita de sinais (signwriting).</b>		
<b>5. Aspectos articulatórios</b>	O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “A”), termina com a mesma mão dominante configurada em “P”. O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “A”) finalizando em “P” na posição lateral do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.	
<b>6. Tipo de morfologia do sinal</b>	Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mãos em “A” e “P” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)	
<b>7. Tipo de categoria do sinal</b>	A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra iniciais do bairro “A” e “P”).	
<b>8. Tipo de motivação do sinal</b>	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.	
<b>9. Pesquisador responsável</b>	Reginaldo Caires Borges	<b>10. Data da coleta</b> 12/01/2023

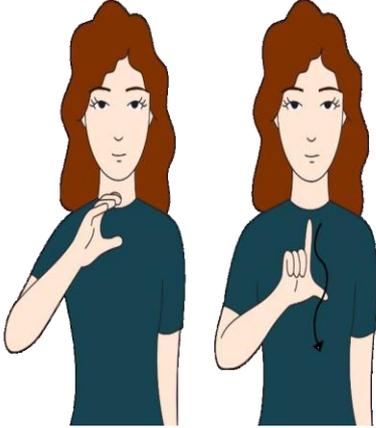
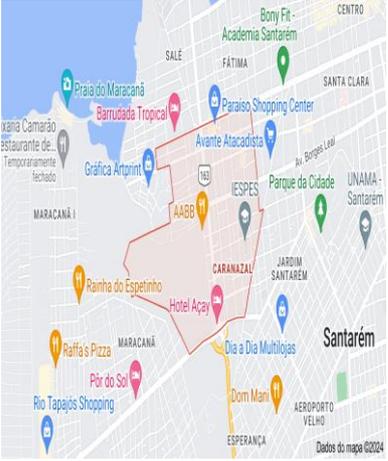
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de ÁREA VERDE

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro ÁREA VERDE				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
				
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “A”), termina com a mesma mão dominante configurada em “V”. O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “A”) finalizando na configuração em “V” na posição ipsolateral do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>			
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mãos em “A” e “V” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra iniciais do bairro “A” e “V”) de forma parcial, pois a configuração da mesma mão dominante em “V”, faz um movimento de distanciamento, pois representa que o topônimo é afastado do cidade.</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz demonstra à distância longínqua do topônimo (o movimento da mão dominante em “V”, ou seja, a distância do bairro) e ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="932 1912 1214 1964">10. Data da coleta</td> <td data-bbox="1219 1912 1442 1964">12/01/2023</td> </tr> </table>	10. Data da coleta	12/01/2023
10. Data da coleta	12/01/2023			

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de CARANAZAL

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo		3. Localização e zona do bairro
Bairro CARANAZAL			
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
			
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “C”), termina com a mesma mão dominante configurada em “L”. O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “A”) finalizando na configuração em “L” com movimentos de zigue-zague na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mãos em “C” e “L” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)</p>		
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra iniciais do bairro “C” e “L”) de forma parcial, pois a configuração da mesma mão dominante em “L”, faz um movimento de zigue-zague, pois representa que no topônimo existiam capinzais com o nome de “caranã” nos arredores do topônimo.</p>		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz demonstrar o capinzal, denominado de “caranã” predominante no topônimo (o movimento da mão dominante em “L”, ou seja, fazendo referência a esse capinzal) bem, como uma extensão de capinzal que existia naquela região e, ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>		
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires	10. Data da coleta	12/01/2023

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de CUCURUNÃ

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro	
Bairro CUCURUNÃ			
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
			
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “C”). O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “C” com movimentos sinuosos) finalizando com a mesma configuração em “C” na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mão em “C” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>		
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra inicial do bairro “C”) de forma parcial, pois a configuração da mesma mão dominante em “C”, faz um movimento de distanciamento, pois representa que o topônimo é afastado do cidade.</p>		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão demonstra à distância longínqua do topônimo (o movimento mão dominante em “C”) e ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>		
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	12/01/2023

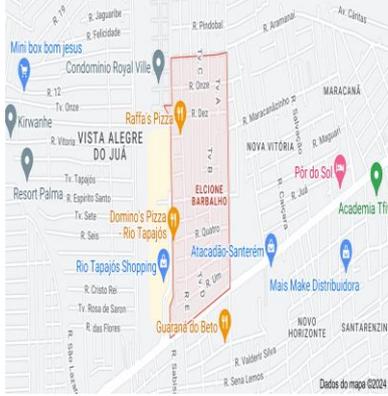
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de DIAMANTINO

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro DIAMANTINO				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
				
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “D”). O movimento é feito pela mão dominante configurada em “D” com movimentos de um lado para o outro na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>			
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mão em “D” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra inicial do bairro “D”).</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="935 1559 1217 1612">10. Data da coleta</td> <td data-bbox="1222 1559 1442 1612">12/01/2023</td> </tr> </table>	10. Data da coleta	12/01/2023
10. Data da coleta	12/01/2023			

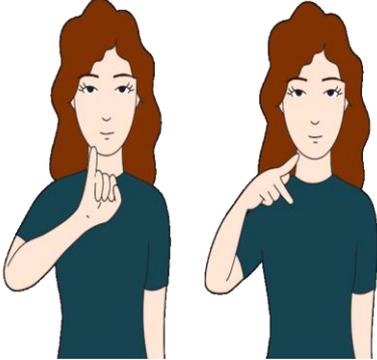
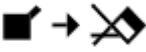
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de ELCIONE BARBALHO

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo		3. Localização e zona do bairro
Bairro ELCIONE BARBALHO			
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para fora e ipsolateral. A mão dominante (configurada em “B”) e mão não-dominante configurada em “E”. O movimento é feito pela mão dominante configurada em “B” com movimentos sinuosos) sobre a mão não-dominante configurada em “E” na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pelas configurações de mãos em “E” e “B” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>		
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letras iniciais do bairro “E” e “B”).</p>		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>		
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	14/01/2023

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de IPANEMA

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro				
Bairro IPANEMA						
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).						
5. Aspectos articulatórios				<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante configurada em “I” e “P”. O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “I”) e termina com a mesma mão dominante (configurada em “P”) na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pelas configurações de mãos em “I” e “P” (letras iniciais do topônimo da língua falada)</p>					
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letras iniciais do bairro “I” e “P”).</p>					
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>					
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	14/01/2023			

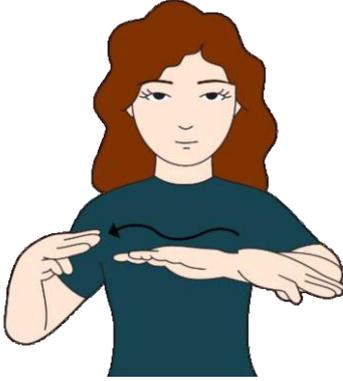
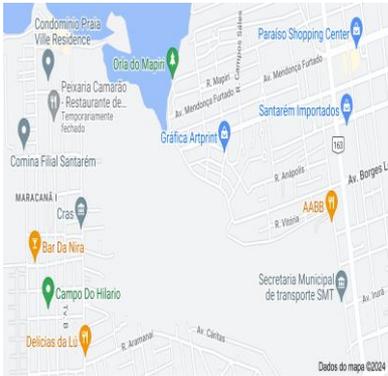
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de LIBERDADE

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro	
Bairro LIBERDADE			
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
			
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para dentro e para fora. A mão dominante juntamente com a mão não-dominante (configuradas em “S”). O movimento é feito pela mão dominante e pela mão não-dominante (configuradas em “S”) para dentro do corpo e termina com a mesma mão dominante e mão não-dominante (configuradas em “S”) na posição fora do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples, já que é formado apenas por componentes da Libras.</p>		
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é nativo, pois a representação do topônimo é em Libras sem nenhuma característica de outras línguas orais.</p>		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão demonstra traços do sentido original da palavra e ainda, porque existe no meio do topônimo uma estátua de um escravo quebrando as correntes. O calque foi outra característica presente na motivação do sinal, pois carrega traços de empréstimos literais de uma imagem da língua oral.</p>		
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	14/01/2023

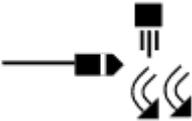
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de MAPIRI

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro MAPIRI				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
5. Aspectos articulatórios		<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é ipsolateral. A mão dominante (configurada em “M”) e a mão não-dominante (configurada em 48). O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “M”) com movimentos sinuosos, sobre a mão não-dominante, iniciando do antebraço e termina sobre a mão da mão não dominante na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pela configuração de mão em “M” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”).</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	14/01/2023	

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de MARACANÃ

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro MARACANÃ				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
5. Aspectos articulatórios		<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é ipsolateral. A mão dominante (configurada em “M”) e a mão não-dominante (configurada em 48). O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “M”) com movimentos circulares ao lado da mão não-dominante na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado com a configuração de mão em “M” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação o topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”) de forma parcial, pois a configuração mão não-dominante em “48”, faz uma alusão à praia que dá nome ao topônimo.</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão representa a praia existente aos arredores do topônimo (mão não-dominante configurada em “48”) e ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	14/01/2023	

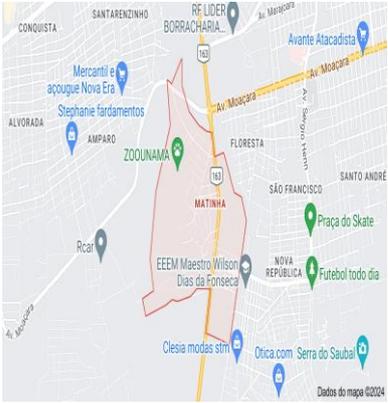
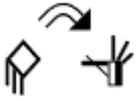
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de MARARU

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro	
Bairro MARARU			
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).			
			
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para dentro. A mão dominante (configurada em “M”) e a mão não-dominante (configurada em “M”). O movimento é feito pela mão dominante e mão não-dominante (configuradas em “M”) com movimento de toque entre os dois dedos indicadores, abrindo para as laterais com a mesma configuração de mão na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pela configuração de mão em “M” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>		
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”).</p>		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão à distância longínqua do topônimo (toque dos polegares e afastamento deles), bem como faz referência a um portal de entrada da cidade, e ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>		
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023

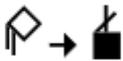
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de MATINHA

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro MATINHA				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
5. Aspectos articulatórios		<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é fora. A mão dominante (configurada em “M” e “T”). O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “M”) com movimento para o lado (ipsolateral), terminando com a mesma mão dominante, (configurada em “T”) na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pelas configurações de mãos em “M” e “T” (letras iniciais do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”).</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023	

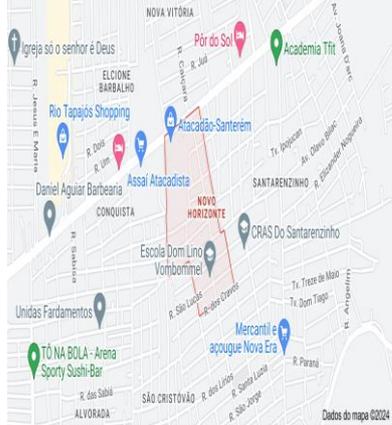
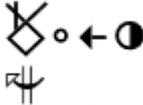
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de NOVA REPÚBLICA

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro REPÚBLICA				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
5. Aspectos articulatórios		<p>O sinal é formado pelas configurações de mãos (41 e 43) de forma monomanual. A orientação das mãos é ipsolateral. A mão dominante (configurada em “N” e “R”) O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “N”) com movimento para o lado (ipsolateral), terminando com a mesma mão dominante, (configurada em “R”) na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pelas configurações de mãos em “N” e “R” (letras iniciais do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letras iniciais do bairro “M” e “T”).</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023	

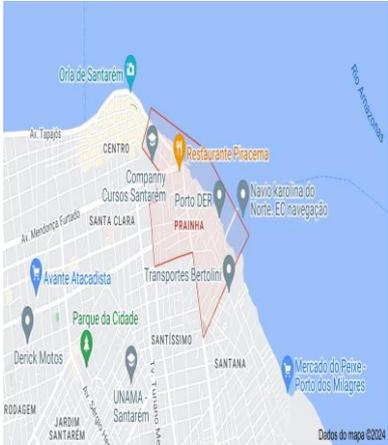
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de NOVO HORIZONTE

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro
<p>Bairro NOVO HORIZONT</p>		
<p>4. Nome do topônimo em escrita de sinais (signwriting).</p>		
		
<p>5. Aspectos articulatórios</p>	<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para fora. A mão não-dominante (configurada em “H”) e mão dominante (configurada em “C” e “S”). O movimento é feito pela mão não-dominante (configuradas em “H”) e na sequência a mão dominante faz o sinal de “novo” na posição (frente da boca) central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>	
<p>6. Tipo de morfologia do sinal</p>	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pela configuração de mão em “H” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>	
<p>7. Tipo de categoria do sinal</p>	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “H”).</p>	
<p>8. Tipo de motivação do sinal</p>	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é motivado por calque, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao sinal novo, pois é um bairro recém inaugurado na cidade e, ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que mão não-dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra “H” do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>	
<p>9. Pesquisador responsável</p>	<p>Reginaldo Caires Borges</p>	<p>10. Data da coleta 20/01/2023</p>

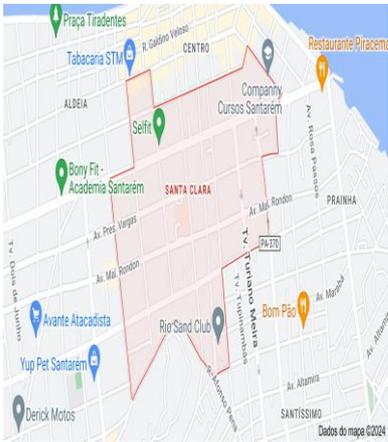
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de PRAINHA

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro PRAINHA				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais (signwriting).				
5. Aspectos articulatórios		<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para frente. A mão dominante (configurada em “P”) e a mão não-dominante (configurada em 51). O movimento é feito pela mão dominante (configurada em “P”) com movimento sinuoso do cotovelo até a lateral da mão não-dominante para o lado (ipsilateral) na posição central do corpo. O ponto de articulação é a no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pela configuração de mão em “P” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “P”).</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023	

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de SANTA CLARA

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro SANTA CLARA				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais ( <i>signwriting</i> ).				
5. Aspectos articulatórios				<p>O sinal é formado pelas configurações de mãos (12 e 03) de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “S” e “C”). O movimento é feito pela mão dominante (configuradas em “S”) com movimento ipsilateral da esquerda para direita terminando com a mesma mão dominante (configurada em “S”) na posição central do corpo. O ponto de articulação é no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pela configuração de mão em “S” e “C” (letras iniciais do topônimo da língua falada)</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “S” e “C”).</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao Colégio Santa Clara presente no topônimo (a configuração em “S” faz alusão a santa) e, ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023	

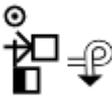
Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

### Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de SANTARENZINHO

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro	
Bairro SANTARENZINHO			
4. Nome do topônimo em escrita de sinais (signwriting).			
			
5. Aspectos articulatórios	<p>O sinal é formado de forma monomanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “S”). O movimento é feito pela mão dominante (configuradas em “S”) com movimento ipsolateral da esquerda para direita terminando na posição lateral do corpo. O ponto de articulação é no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples híbrido, já que é formado pela configuração de mão em “S” (letra inicial do topônimo da língua falada)</p>		
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é inicializado, pois a representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “S”).</p>		
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao ônibus que faz linha para o topônimo (a configuração em “S” faz alusão às pessoas pedindo para o ônibus parar) e, ainda pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.</p>		
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)

## Ficha Lexicográfica-Toponímica do bairro de SANTÍSSIMO

1. Topônimo em Língua Portuguesa	2. Imagem em Libras do Topônimo	3. Localização e zona do bairro		
Bairro SANTÍSSIMO				
4. Nome do topônimo em escrita de sinais (signwriting).				
5. Aspectos articulatórios		<p>O sinal é formado de forma bimanual. A orientação das mãos é para fora. A mão dominante (configurada em “W”). O movimento é feito pela mão dominante (configuradas em “W”) e com a mão não-dominante (configurada em 49) com movimento da mão dominante encostando o dorso dela na mão não-dominante na sequência com movimento ipsolateral, terminando o movimento com a mão dominante em “W” na posição lateral do corpo. O ponto de articulação é no espaço neutro vertical. A expressão não-manual é neutra.</p>		
6. Tipo de morfologia do sinal	<p>Classificação lexical do sinal é simples, já que é formado pelas apenas por componentes da Libras.</p>			
7. Tipo de categoria do sinal	<p>A categorização do sinal é nativo, pois a representação do topônimo é em Libras sem nenhuma característica de outras línguas orais.</p>			
8. Tipo de motivação do sinal	<p>O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão as escadarias da igreja do Santíssimo (a mão dominante em “W”) presente no topônimo e ainda a configuração de mãos em “D” feita pela mão não-dominante representa à igreja.</p>			
9. Pesquisador responsável	Reginaldo Caires Borges	10. Data da coleta	20/01/2023	

Fonte: Adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022)



categorias (nativa/pura, escrita ou inicializada híbrida) e motivações (sejam elas icônicas ou derivadas da língua portuguesa).

Os sinais serão descritos e analisados individualmente, dando importância à estrutura Léxico-morfológico-semântico: **tipos de formação** (simples, simples híbrido, composto e composto híbrido); **tipos de categorias** (nativos/puros, soletrado ou inicializado híbrido) e **tipos de motivação** (icônico ou empréstimo linguístico).

Nossa pesquisa se concentrará em examinar e analisar os sinais, que dão nome aos diferentes bairros de Santarém/Pará. Para compreender esses sinais recorreremos aos trabalhos de Miranda (2020), Albuquerque (2021) e Sousa (2022). Esses autores forneceram bases teóricas sobre vários aspectos da língua de sinais, incluindo aspectos articulatórios, morfologia dos sinais e categorias de sinais.

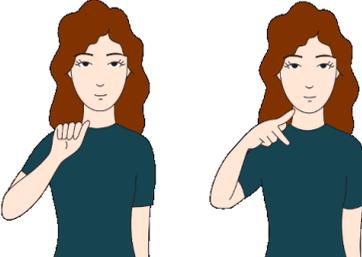
Ademais, quando se trata de aspectos articulatórios, os autores Miranda (2020), Albuquerque (2021) e Sousa (2022) discutem as propriedades físicas dos sinais, como formato da mão (CM), orientação da mão (OM), movimento (M), ponto de articulação (PA) e expressões não-manuais (EN-M). Eles fornecem uma descrição abrangente desses aspectos. Em termos de morfologia dos signos, os autores classificam os signos em diferentes categorias, como simples, composto, híbrido simples e composto híbrido. Essa classificação nos ajuda a compreender a estrutura e formação dos sinais nos bairros de Santarém/Pará. Por fim, os autores também exploram os tipos de categorias de signos, que podem ser nativos/puros, escritos ou inicializadas (híbridas). Esta categorização esclarece as diferentes formas como os sinais são usados e expressos nos bairros.

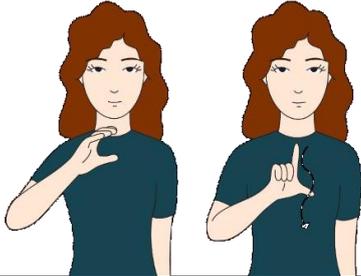
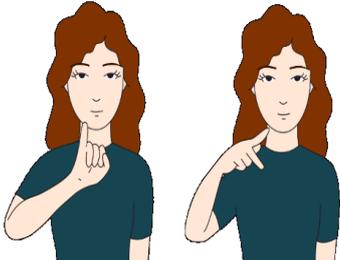
Em nossa análise, examinaremos os tipos de motivação dos sinais, que podem ser categorizados da seguinte forma: motivação icônica, na qual os signos em Libras representam a imagem visual de seu significado, muitas vezes derivada de aspectos culturais ou atributos físicos do bairro (cultura e material); e empréstimo linguístico, no qual os signos incorporam elementos da língua portuguesa ou são formados por meio de calque, que envolvem a reprodução literal de uma palavra da língua de origem e sua adaptação às estruturas da língua receptora, resultando em um empréstimo sutil.

O *corpus* da pesquisa (vide quadro VIII abaixo) é constituído por vinte sinais toponímicos da Língua Brasileira de Sinais, listados no E-book e DVD do “Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais”, empregados pelos surdos da cidade de Santarém/Pará para denominar os seguintes bairros: Aeroporto Velho; Aldeia; Amparo; Área Verde; Caranazal; Cucurunã;

Diamantino; Elcione Barbalho; Ipanema; Liberdade; Mapiri; Maracanã; Mararu; Matinha; Nova República; Novo Horizonte; Prainha; Santa Clara; Santarenzinho; Santíssimo.

Quadro VIII: Nomes dos bairros de Santarém em Língua Portuguesa e Libras

Nome em Língua Portuguesa	Sinal em Libras
Aeroporto Velho	
Aldeia	
Amparo	
Área Verde	

Caranazal	
Cucurunã	
Diamantino	
Elcione Barbalho	
Ipanema	
Liberdade	

Mapiri	
Maracanã	
Mararu	
Matinha	
Nova República	

Novo Horizonte	
Prainha	
Santa Clara	
Santarenzino	
Santíssimo	

## 6.1 Análise morfológica dos topônimos

Em relação à morfologia dos sinais, categorizamos os dados da seguinte forma: (1) sinal do topônimo simples e (2) sinal do topônimo simples híbrido, (3) sinal composto e (4) sinal composto híbrido, adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022). Abaixo, a categorização morfológica dos tipos de sinais analisados:

(1) **Sinal simples:** sinal formado por apenas um componente em Libras.

Figura 13 - Sinal do Topônimo Liberdade



Fonte: Reis; Rocha (2023)

(2) **Sinal simples híbrido:** sinal formado por apenas um componente em Libras com aspectos da língua portuguesa a partir do parâmetro da Libras (configuração das mãos).

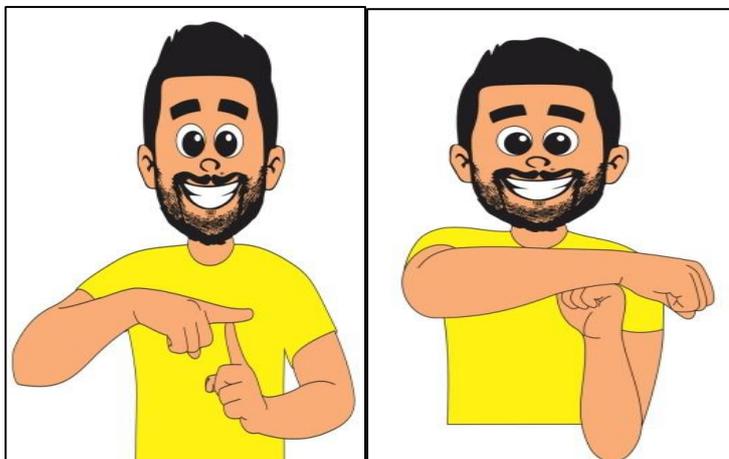
Figura 14 - Sinal do Topônimo Aeroporto Velho



Fonte: Reis; Rocha (2023)

(3) **Sinal composto:** sinal formado por dois componentes em Libras

Figura 15 - Sinal do Topônimo Colares



Fonte: Silvio Santiago Vieira *et al*, 2006

(4) **Sinal composto híbrido:** sinal formado por dois componentes: Libras e língua portuguesa, sendo um parâmetro da Libras (configuração de mãos) em língua portuguesa.

Figura 16 - Sinal do Topônimo Santa Bárbara do Pará

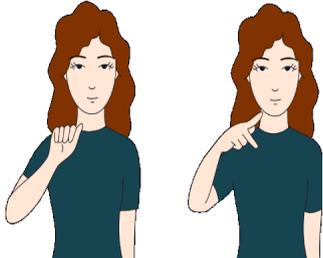
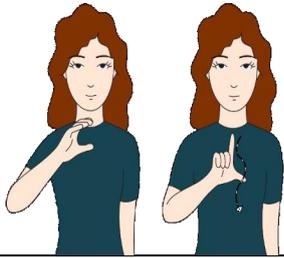


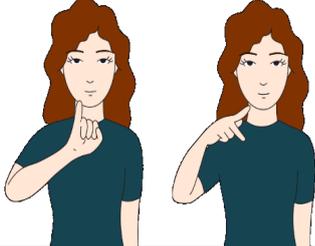
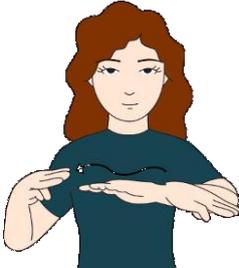
Fonte: Silvio Santiago Vieira *et al*, 2006

Nesse primeiro aspecto analisado, percebemos que dezoito sinais foram categorizados como simples híbridos; e dois, como simples (descritos no quadro IX abaixo). Além do mais, os topônimos sinalizados demonstram como os aspectos da língua majoritária (língua

portuguesa) influenciaram na produção e construção dos sinais que denominam os bairros de Santarém. Igualmente, no âmbito dos signos formados por empréstimo, observa-se a utilização do alfabeto datilológico, que consiste na utilização do alfabeto manual para soletrar palavras de uma língua oral ou suas abreviações.

Quadro IX: Às especificações morfológicas do *corpus* analisado pela pesquisa

Topônimo em LP	Formação	Descrição	Sinal do Topônimo
Aeroporto velho	Simple híbrido	Configuração de mãos em “A” e “V” (letras iniciais dos topônimos da língua falada).	
Aldeia	Simple híbrido	Configuração de mãos em “A” e “V” (letras iniciais dos topônimos da língua falada).	
Amparo	Simple híbrido	Configuração de mãos em “A” e “P” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)	
Área Verde	Simple híbrido	Configuração de mãos em “A” e “V” (letras iniciais dos topônimos da língua falada)	
Caranazal	Simple híbrido	Configuração de mãos em “C” e “L” (letras iniciais dos topônimos da língua falada).	

Cucurunã	Simples híbrido	Configuração de mão em “C” (letra inicial do topônimo da língua falada)	
Diamantino	Simples híbrido	Configuração de mão em “D” (letra inicial do topônimo da língua falada).	
Elcione Barbalho	Simples híbrido	Configurações de mãos em “E” e “B” (letra inicial do topônimo da língua falada).	
Ipanema	Simples híbrido	Configurações de mãos em “I” e “P” (letras iniciais do topônimo da língua falada).	
Liberdade	Simples	Formado apenas por componentes da Libras.	
Mapiri	Simples híbrido	Configuração de mão em “M” (letra inicial do topônimo da língua falada).	

Maracanã	Simples híbrido	Configuração de mão em “M” (letra inicial do topônimo da língua falada)	
Mararu	Simples híbrido	Configuração de mão em “M” (letra inicial do topônimo da língua falada).	
Matinha	Simples híbrido	Configurações de mãos em “M” e “T” (letras iniciais do topônimo da língua falada).	
Nova República	Simples híbrido	Configurações de mãos em “N” e “R” (letras iniciais do topônimo da língua falada).	
Novo Horizonte	Simples híbrido	Configuração de mão em “H” (letra inicial do topônimo da língua falada).	
Prainha	Simples híbrido	Configuração de mão em “P” (letra inicial do topônimo da língua falada).	

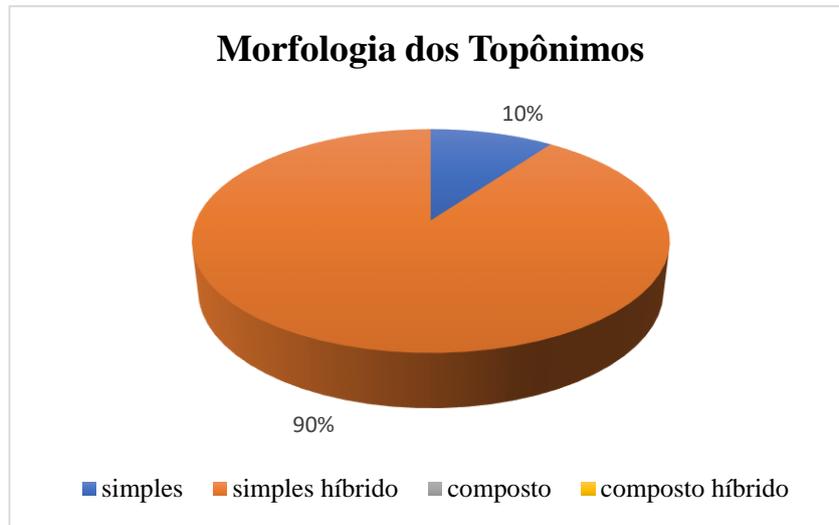
Santa Clara	Simples híbrido	Configuração de mão em “S” e “C” (letras iniciais do topônimo da língua falada).	
Santarenzinho	Simples híbrido	Configuração de mão em “S” (letra inicial do topônimo da língua falada).	
Santíssimo	Simples	Formado apenas por componentes da Libras.	

Fonte: Arquivos da pesquisa (2023)

Nas línguas de sinais, a datilologia serve como um método comum para expressar nomes próprios, pessoas e lugares, bem como conceitos e referentes que não possuem sinais específicos ou que não são familiares a um ou mais participantes da conversa. Essa prática é particularmente prevalente em ambientes educacionais. Percebe-se que a datilologia não é considerada uma técnica de empréstimo, mas sim um esforço para representar visualmente o sistema escrito de uma língua falada.

O gráfico I abaixo apresenta a distribuição percentual dos diferentes tipos de formações morfológicas dos bairros de Santarém.

Gráfico I: Tipo de Morfologia do Sinal

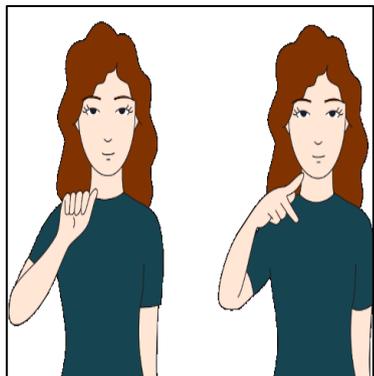


Fonte: Autor (2024)

O impacto da Língua Portuguesa (LP) na Libras fica evidente na construção morfológica da categoria simples híbrida da maioria dos sinais (90% dos topônimos analisados). Os surdos incorporam empréstimos linguísticos como meio de comunicação, mas ainda preservam elementos de iconicidade, como pode ser visto no uso de sinais simples. Ao examinar a formação e a estrutura morfológica dos signos, é fundamental reconhecer a presença de signos criados por meios pragmáticos, transliteração lexicalizada e transliteração da letra inicial, conforme delineado por Faria-Nascimento (2009).

O topônimo “Área Verde”, configurado pela dominante em “A” e “V”, é um tipo de representação de empréstimos da língua portuguesa, a partir do uso da datilologia, ou seja, as iniciais do nome do bairro, caracterizando-se como o tipo de morfologia de simples híbrido. Outro topônimo é “Amparo”, com a configuração de mão em “A” e “P”, usando a datilologia para designar as letras do bairro em estudo, caracterizando-o morfológicamente como simples híbrido. As figuras 17 e 18 representam a frequência dos sinais simples híbridos analisados ao longo da pesquisa.

Figura 17: Sinal do Bairro Amparo



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 18: Sinal do Bairro Área Verde



Fonte: Reis; Rocha (2023)

O topônimo “Liberdade”, figura 19, configurado pelas duas mãos em “S”, são representações de iconicidade, ou seja, o movimento do sinal representa uma imagem presente no centro do bairro, um homem se desprendendo das correntes como sinal da liberdade dos escravos quando a Lei Áurea foi assinada, caracterizando morfologicamente o sinal como simples.

Outro topônimo é “Santíssimo”, figura 20, com a configuração de mão em “D” e “W”, figura 8, são representações de iconicidade, ou seja, o movimento do sinal representa a imagem de uma igreja presente no centro do bairro. Como características marcantes desta igreja, a escadaria e uma cruz opulenta ao lado da igreja determinaram a criação desse sinal, caracterizando morfologicamente o sinal como simples. As figuras abaixo representam a frequência dos sinais simples analisados ao longo da pesquisa.

Figura 19 Sinal do Bairro Liberdade



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 20 Sinal do Bairro Santíssimo



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Buscando uma compreensão mais ampla, para o teórico Sapir (1969), existem três aspectos principais que podem influenciar a língua: o léxico, que pertence ao assunto ou conteúdo; o sistema fonético, que envolve os sons utilizados para formar palavras; e a formação gramatical, que engloba os processos formais e as classificações lógicas ou psicológicas empregadas na fala. No domínio da forma gramatical, a morfologia refere-se à estrutura formal das palavras, enquanto a sintaxe refere-se às técnicas usadas para combinar palavras em unidades maiores ou frases.

A interação entre surdos e ouvintes dá origem a processos de empréstimo de língua, uma vez que a língua de sinais nativa coexiste com a língua oficial falada dentro de uma mesma região. Tomemos, por exemplo, o português (falado) e a Libras (visual-espacial), que estão expostos a contextos e situações sociais semelhantes na mesma área geográfica. Contudo, a influência da língua portuguesa pode ser percebida nos diversos ambientes e interações que os indivíduos surdos encontram. Consequentemente, a derivação direta da Libras do português ocorre por meio de adaptações fonomorfológicas características das línguas visuais-espaciais (Sousa, 2019; Quadros, 2019).

Nessa categoria morfológica analisada, os sinais se mostraram, em sua grande maioria, a presença de 90% dos sinais categorizados como simples híbridos e apenas 10% dos sinais categorizados como simples. Considerando que se trata de um grupo minoritário linguístico que coexiste com uma maioria linguística mais alargada, podemos inicialmente considerar as razões relacionadas com preocupações específicas da comunidade surda, bem como as motivações decorrentes da interação entre estas duas comunidades em termos de língua e cultura.

Outras categorias, como sinais compostos e sinais compostos híbridos, não foram identificadas ao longo da pesquisa. Segundo Reis e Rocha (2023), a dificuldade encontrada entre os professores surdos e os professores ouvintes foi a comunicação. Então, as autoras (Reis e Rocha, 2023) propuseram que fossem criados sinais das escolas e bairros santarenos, pois a datilologia era muito utilizada naquele momento (2015), para sinalizar os nomes das escolas nas quais os professores surdos seriam lotados como professores. As autoras, Rocha e Reis (2023) dividiram um quantitativo de escolas para cada surdo lotado para que fossem criados os sinais das escolas e de seus respectivos bairros. Além das autoras do e-book, alguns intérpretes da Semed/Santarém ajudaram na contextualização sobre as escolas e os bairros. Foi a partir dessa contextualização de cada topônimo em análise que os professores surdos começaram a criar os sinais. Vale sublinhar que esses professores surdos estavam iniciando seus trabalhos

nas escolas polos, para atuarem na área de Libras, e por isso não tinham a noção do que esse trabalho se propôs a fazer.

## 6.2 Análise do tipo de categoria do sinal

A distribuição dos sinais a seguir foi registrada a partir das seguintes estruturas: (1) nativo/puro; (2) inicializado híbrido e (3) soletrado adaptado de Souza Jr. (2012, p. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022). Abaixo, o tipo de categoria dos sinais analisados:

(1) **Nativo/puro:** sinal feito em Libras sem características de outra língua.

Figura 21 - Sinal do Topônimo Liberdade



Fonte: Reis; Rocha (2023)

- (2) **Inicializado híbrido:** sinal feito com empréstimos de uma língua, expressado pela datilologia, com incorporação de movimentos próprios da Libras.

Figura 22 - Sinal do Topônimo Cucurunã



Fonte: Reis; Rocha (2023)

- (3) **Soletorado:** Sinal feito a partir da grafia da língua portuguesa.

Figura 23 - Sinal do Topônimo Matinha

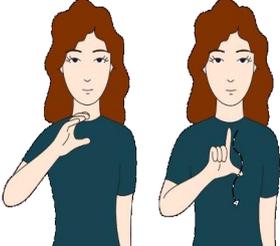


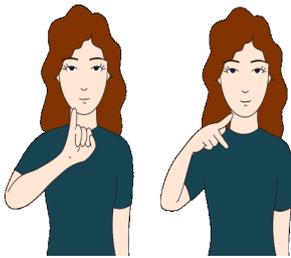
Fonte: Reis; Rocha (2023)

No quadro X, a seguir, denominamos cada sinal e suas três categorias, analisados ao longo do trabalho, nas fichas lexicográficas toponímicas.

Quadro X: A três categorias exploradas dos topônimos

Topônimo em LP	Categoria	Descrição	Sinal dos Topônimos

Aeroporto velho	Inicializado híbrido	A representação o topônimo é em português (letras iniciais do bairro “A” e “V”), bem como características da Libras, pois a CM da mão não-dominante representa o sinal (pista de pouso de aeronaves) em Libras.	
Aldeia	Inicializado híbrido	A representação o topônimo é em português (letras iniciais do bairro “A” e “P”) bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante configurada em “A” representa o sinal dos povos originários que habitavam no bairro em Libras.	
Amparo	Solettrado	A representação o topônimo é em português (letras iniciais do bairro “A” e P”).	
Área Verde	Inicializado híbrido	A representação o topônimo é em português (letras iniciais do bairro “A” e V”) bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante em “V”, faz um movimento de distanciamento, pois representa que o topônimo é afastado da cidade.	
Caranazal	Inicializado híbrido	A representação o topônimo é em português (letras iniciais do bairro “C” e L”) bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante em “L”, faz um movimento de zigue-zague, pois representa que no topônimo existiam capinzais com o nome de “caranã” nos arredores do topônimo.	

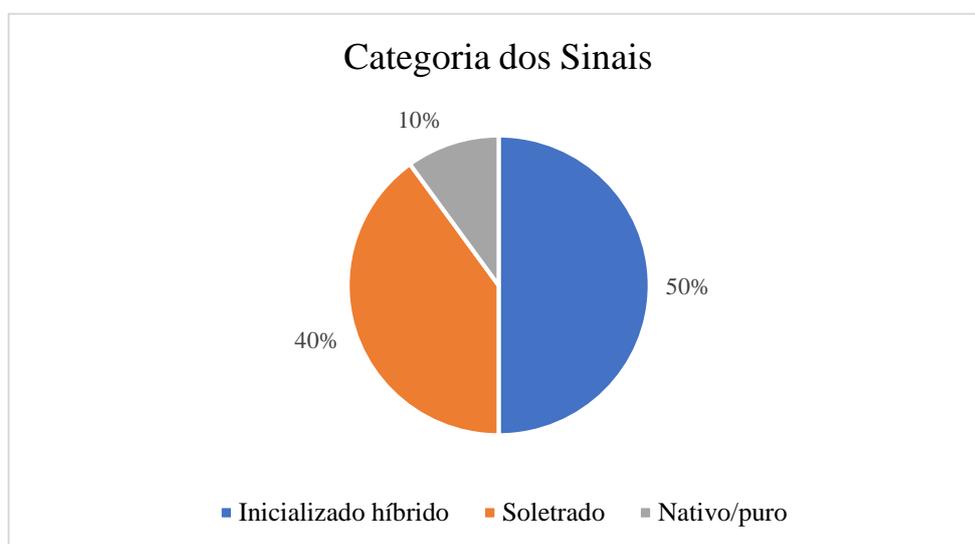
Cucurunã	Inicializado híbrido	A representação o topônimo é em português (letra inicial do bairro “C”) bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante em “C”, faz um movimento de distanciamento, pois representa que o topônimo é afastado da cidade.	
Diamantino	Soletorado	A representação o topônimo é em português (letra inicial do bairro “D”).	
Elcione Barbalho	Soletorado	A representação do topônimo é em português (letras iniciais do bairro “E” e “B”).	
Ipanema	Soletorado	A representação do topônimo é em português (letras iniciais do bairro “I” e “P”).	
Liberdade	Nativo/puro	A representação do topônimo é em Libras sem nenhuma característica de outras línguas orais.	

Mapiri	Soletorado	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”).	
Maracanã	Inicializado híbrido	A representação o topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”) bem como características da Libras, pois a CM da mão não-dominante em “48”, faz uma alusão à praia que dá nome ao topônimo.	
Mararu	Inicializado híbrido	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”), bem como características da Libras, pois as CM’s da mão dominante e não-dominante quando realizam o toque demonstram o quanto o bairro é distante do centro da cidade.	
Matinha	Soletorado	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “M”).	
Nova República	Soletorado	A representação do topônimo é em português (letras iniciais do bairro “M” e “T”).	

Novo Horizonte	Inicializado híbrido	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “H”), bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante em “C” faz uma referência a palavra novo, porque é um bairro recente da cidade de Santarém.	
Prainha	Solettrado	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “P”).	
Santa Clara	Inicializado híbrido	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “S” e “C”), bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante em “S” motiva-se a partir do nome da santa padroeira do colégio que fica no bairro em questão.	
Santarenzinho	Inicializado híbrido	A representação do topônimo é em português (letra inicial do bairro “S”), bem como características da Libras, pois a CM da mão dominante em “S” traz características dos moradores do bairro que acenam para os ônibus que por ali fazem suas rotas.	
Santíssimo	Nativo/puro	A representação do topônimo é em Libras sem nenhuma característica de outras línguas orais.	

Considerando o tipo de categoria do sinal, observamos que a categorização inicializada híbrida (dez sinais – 50%) foi a que mais se apresentou na análise dos sinais. Outrossim, notamos ainda que a categoria soletrado surgiu em oito sinais – 40% analisados, demonstrando como a fusão da língua portuguesa e língua de sinais na produção/criação dos sinais dos topônimos. Também, a categoria nativo/puro apareceu em (dois sinais – 10%) dos bairros. O gráfico II demonstra essas porcentagens.

Gráfico II: Tipo de Categoria do Sinal



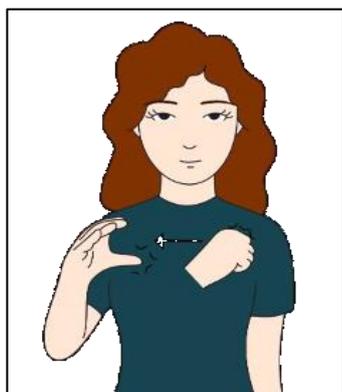
Fonte: Autor (2024)

Ao examinar inicialmente os dados sobre sinais toponímicos, percebe-se que a maioria dos sinais assume uma forma inicializada híbrida (50%). Pode-se observar que todos os sinais inicializados híbridos possuem características específicas. A motivação da grafia do nome é influenciada por uma configuração predominante de mão que se alinha à forma como o topônimo é escrito em português. No entanto, os parâmetros de movimento e ponto de articulação podem transmitir características icônicas, impulsionadas por determinados atributos materiais ou culturais do local.

Ademais, os signos que representam nomes de lugares em português por meio de configurações manuais são conhecidos como topônimos inicializados. Esses signos são considerados híbridos porque incorporam parâmetros formativos que não têm relação com a grafia portuguesa do nome. A motivação de todos os sinais inicializados é a representação da grafia do topônimo, o que se nota na configuração de mão predominante utilizada. No entanto, os parâmetros de movimento e pontos de articulação oferecem um leque mais amplo de

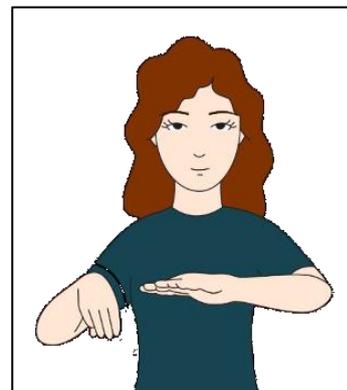
possibilidades, permitindo a expressão de características icônicas que referenciam de forma transparente os aspectos materiais ou culturais do local. As imagens demonstram essas características analisadas pela pesquisa.

Figura 24: Sinal Bairro Santa Clara



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 25: Sinal Bairro Maracanã



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Os sinais representados pelos topônimos das figuras 24 e 25 são categorizados como inicializados híbridos, pois as configurações de mãos remetem ao nome dos topônimos em língua portuguesa. A menção do português do nome é feita através da configuração da mão que representa a sua grafia, apoiando-se no alfabeto manual. O topônimo “Santa Clara”, figura 24, é categorizado como inicializado híbrido, representado pelas configurações de mãos das iniciais “S” (Santa) e “C” (Clara) do referente em língua portuguesa. O ponto de articulação do sinal é motivado pelo colégio das Irmãs Missionárias da Mãe de Deus, que fica no centro do bairro. Outro sinal é o topônimo “Maracanã”, figura 25, da mesma forma categorizado como inicializado híbrido, representado pela configuração de mão da inicial “M” (Maracanã) do referente em língua portuguesa. O ponto de articulação do sinal é motivado pela praia que fica aos arredores do bairro.

A segunda categoria de sinais é composta por topônimos de categoria soletrados (40%), que se articulam exclusivamente na região ipsilateral dos ombros. Esses sinais envolvem movimentos internos das mãos que mudam a configuração ou preparam uma suspensão. É importante ressaltar que a grafia do topônimo em português serviu como única motivação para todos os sinais grafados desta categoria.

A categoria dos sinais soletrados passou por um processo de lexicalização, ou seja, é o processo em que signos compostos começam a funcionar. Isso pode acontecer com signos já

no núcleo do léxico, ou com empréstimos de línguas faladas ou de sinais, ou com signos representacionais que lexicalizam (Jhonston & Schembri, 2007), resultando em uma adaptação fonológica onde a estrutura passou a se referir ao nome em português e possui número reduzido de formas de mão e orientação da palma da mão. Nesses sinais, o parâmetro ponto de articulação limita-se à região do ombro ipsilateral em espaço neutro. O movimento observado corresponde a movimentos internos da mão que alteram a configuração da mão.

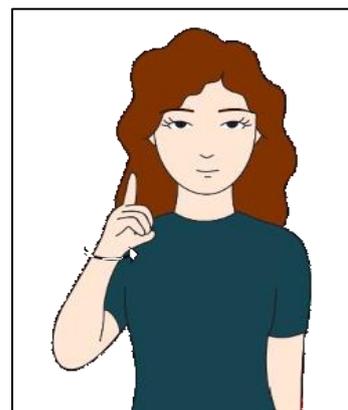
As figuras 26 e 27 representam a categoria analisada dos sinais soletrados, que são formas lexicalizadas a partir do alfabeto datilológico. Esse processo de soletração perpassou por uma adequação fonológica acarretada pela diacronia, ou seja, essa adequação (menção ao nome em português) ganha novos recortes a partir das estruturas da Libras. O número de configurações de mãos e orientação das mãos são diminuídos, em outras palavras, advêm de um procedimento de lexicalização (Adam, 2012; Nascimento, 2011; Ferreira, 2010; Quadros; Karnopp, 2004). O sinal do topônimo “Elcione Barbalho”, figura 26, é visto como um sinal soletrado, por conta da estrutura articulatória descrita. As configurações de mãos dos sinais são realizadas em “E” e “B” (representadas pelo alfabeto datilológico), o movimento sinuoso da mão dominante em “B” sobre a mão não-dominante em “E” não faz nenhuma referência a outros aspectos físicos, sociais e culturais do sinal em questão. O outro topônimo, “Diamantino”, figura 27, tem sua configuração de mão em “D” (representada pelo alfabeto datilológico). Apesar do movimento de vai e vem, esse sinal foi considerado soletrado pela pesquisa. As imagens abaixo demonstram essas características analisadas pela pesquisa.

Figura 26 - Sinal do Bairro Elcione Barbalho



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 27 - Sinal do Bairro Diamantino



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Os topônimos que se enquadram na categoria de menor frequência são os topônimos nativos/puros, que englobam os topônimos influenciados pelo calque. Deve-se notar que nem todos os sinais nativos/puros apresentam qualidades icônicas em seus parâmetros de formação. Já os topônimos categorizados como nativos/puros são os menos comuns em termos de forma. Esses topônimos são signos que seguem os parâmetros da Libras, na qual a configuração da mão não corresponde ao nome português. Dentro dessa categoria também existem topônimos que sofrem influência do calque. É importante notar que nem todos os topônimos nativos/puros apresentam características icônicas em seus parâmetros de formação.

Os sinais analisados, representados nas figuras 28 e 29, são exemplos de sinais nativos/puros. O topônimo “Liberdade”, figura 28, foi criado a partir de uma imagem que está presente na praça central do topônimo que remete a um escravo sendo liberto e é composto de parâmetros característicos da Libras, sem nenhuma alusão ao nome em português através da configuração da mão. Embora alguns desses sinais possam ser resultados de apontamentos, a configuração desses topônimos em Libras não é criada por formas que representam a grafia do nome em português. Outro topônimo em análise é “Santíssimo”, figura 29, que remete a uma igreja que fica no centro do bairro, cujas características foram usadas para a criação do sinal. As escadarias da igreja foram feitas a partir da configuração de mãos em “W” e a cruz lateral em tamanho grande é representada pela configuração de mãos em “D”, formando um sinal também nativo/puro.

Figura 28 - Sinal do Bairro Liberdade



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 29 – Sinal do Bairro Santíssimo



Fonte: Reis; Rocha (2023)

### 6.3 Análise do tipo motivação do sinal

Quanto à motivação do sinal, distribuímos nas seguintes características: (1) icônico; (2) empréstimo linguístico; (3) Icônico/Empréstimo Linguístico adaptado de Souza Jr. (2012, P. 28); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Sousa (2022). As características pertencentes a cada categoria estudada pela pesquisa.

- (1) **Icônico:** Sinal em Libras que faz referência à imagem do seu significado, ou seja, o sinal pode surgir a partir de um elemento oriundo de um aspecto cultural do bairro em questão (cultura), pode surgir ainda, algum atributo físico do bairro, captado visualmente (material).

Figura 30 - Sinal do Topônimo Santíssimo



Fonte: Reis; Rocha (2023)

- (2) **Empréstimo linguístico:** sinal em libras que pode se dar a partir da (grafia) da língua portuguesa, posteriormente sinalizado no alfabeto em Libras e por (calque) que se alinha com uma representação direta do termo do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Figura 31 - Sinal do Topônimo Amparo



Fonte: Reis; Rocha (2023)

**(3) Icônico/Empréstimo linguístico:** Sinal em Libras que faz referência à imagem do seu significado, bem como a base da Língua Brasileira de Sinais (Libras) remonta à grafia da língua portuguesa, que posteriormente foi adaptada para o alfabeto em Libras, incorporando representações diretas por meio do processo de calque.

Figura 32 - Sinal do Topônimo Novo Horizonte



Fonte: Reis; Rocha (2023)

No quadro XI a seguir, denominamos cada sinal e suas motivações analisadas ao longo do trabalho nas fichas lexicográficas toponímicas.

Quadro XI: Motivações do Topônimos que denominam os bairros de Santarém

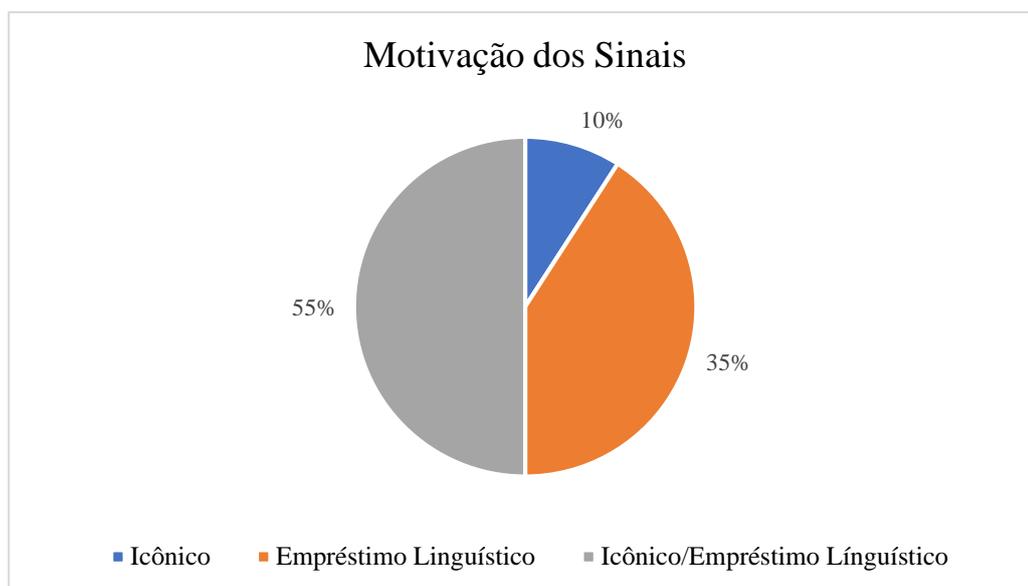
Topônimo em LP	Motivação	Descrição
----------------	-----------	-----------

Aeroporto velho	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão à antiga pista de pouso de aeronaves (mão não-dominante). Pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.
Aldeia	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão aos antigos indígenas que habitavam o bairro (mão dominante configurada em “A”). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.
Amparo	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.
Área Verde	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz demonstra à distância longínqua do topônimo (mão dominante configurada em “V”). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.
Caranazal	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz demonstra à distância longínqua do topônimo (mão dominante configurada em “L”) bem, como uma extensão de capinzal que existia naquela região. Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.
Cucurunã	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão demonstra à distância longínqua do topônimo (mão dominante configurada em “C”). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Diamantino	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Elcione Barbalho	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Ipanema	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Liberdade	Icônico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão demonstra traços do sentido original da palavra. Além disso, identificamos que existe no meio do topônimo uma estátua de um escravo quebrando as correntes.
Mapiri	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto

		datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Maracanã	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão representa a praia existente aos arredores do topônimo (mão não-dominante configurada em “48”). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Mararu	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão à distância longínqua do topônimo (toque dos polegares e afastamento deles), bem como faz referência a um portal de entrada da cidade. Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Matinha	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Nova República	Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Novo Horizonte	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal em Libras é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao sinal novo. É um bairro recém-inaugurado na cidade e pode ser por empréstimo linguístico (grafia), já que mão não-dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra “H” do topônimo) para designar o nome do bairro.
Prainha	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao rio que passa em frente ao topônimo (o braço na frente do corpo). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Santa Clara	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao Colégio Santa Clara presente no topônimo (a configuração em “S” faz alusão a santa). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letras iniciais do topônimo) para designar o nome do bairro.
Santarenzinho	Icônico/Empréstimo linguístico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão ao ônibus que faz linha para o topônimo (a configuração em “S” faz alusão às pessoas pedindo para o ônibus parar). Pode ainda ser por empréstimo linguístico (grafia), já que a mesma mão dominante se utilizou do alfabeto datilológico (letra inicial do topônimo) para designar o nome do bairro.
Santíssimo	Icônico	O aspecto motivacional para a realização do sinal é icônico, pois o topônimo em questão faz uma alusão às escadarias da igreja do Santíssimo presente no topônimo. A configuração em “D” feita pela mão não-dominante, representa a cruz lateral em tamanho grande ao lado da igreja e a mão dominante em “W” representa as escadarias da igreja em questão).

Em relação ao tipo de motivação dos sinais, observamos que dez sinais (55%) foram compostos a partir da categoria “icônico/empréstimo linguístico”. Notamos ainda que oito sinais (35%) dos topônimos foram produzidos a partir da categoria “empréstimo linguístico”. Por fim, analisamos que dois sinais (10%) foram categorizados a partir da categoria “icônico”. O gráfico abaixo demonstra essas porcentagens quanto à motivação dos topônimos.

Gráfico III: Tipo de Motivação do Sinal



Fonte: Autor (2024)

Notamos que a motivação icônica (10% dos sinais) abrange a representação de um lugar através da forma de um sinal, incorporando atributos físicos e culturais. Esses atributos estão incorporados na forma do sinal, conferindo-lhe uma qualidade icônica. Outrossim, o que se observou foi uma carência de produção de sinais a partir da motivação icônica, apenas dois sinais foram motivados por ela.

Nas figuras 33 e 34, os sinais dos topônimos “Liberdade” e “Santíssimo” foram classificados como “icônicos”, pois fazem referências ou atributo físico. No caso do bairro, figura 33, “Liberdade” (a configuração de mãos é determinada pela mão dominante e não-dominante em formato de x na frente do corpo, fazendo um movimento reverso na frente do corpo, afastando os punhos), figura representada por meio das correntes sendo derrubadas por pessoa, como a liberdade dos escravos negros na época da assinatura da Lei Áurea, essa imagem fica no centro de uma praça principal presente no topônimo. A figura 34, que representa o

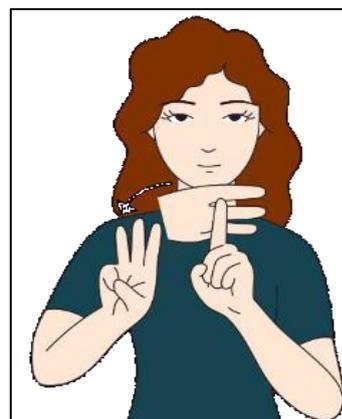
topônimo “Santíssimo”, foi simulada por meio da configuração de mão dominante em “D” e mão não-dominante em “W” com o movimento da mão não dominante de baixo para cima. Possui também um atributo físico, pois existe uma igreja com o mesmo nome ao topônimo no centro do bairro, por esse motivo o sinal foi feito fazendo alusão à cruz e às escadarias que se destacam na igreja.

Figura 33 - Sinal do Bairro Liberdade



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 34 - Sinal do Bairro Santíssimo



Fonte: Reis; Rocha (2023)

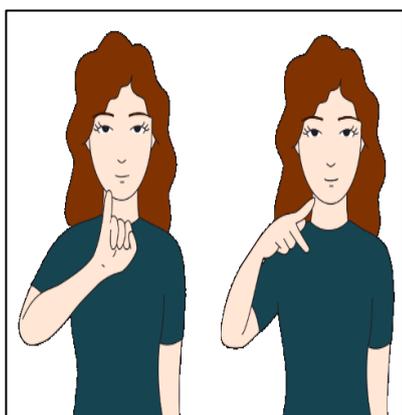
Carneiro (2015) afirma que as línguas de sinais elucidam a conexão entre linguagem, percepção de mundo, encontros coletivos e atualidade por meio de sua essência manual-corpórea-espacial. Como resultado, as línguas gestuais possuem uma qualidade icônica, enraizada numa correlação mais clara entre estrutura e significado. Ao examinar a relação entre o papel do corpo na compreensão da realidade e o uso da iconicidade na estrutura das línguas de sinais, Carneiro (2016) observou como a experiência corporal e o input visual desempenham um papel significativo na expansão do léxico da Libras.

No que diz respeito à motivação do empréstimo linguístico, o signo é influenciado pelo nome do topônimo em português. Essa influência pode ocorrer através do calque, onde o nome é traduzido literalmente, ou através da ortografia, onde o formato da mão representa o nome português. É importante notar que essas categorias não são mutuamente exclusivas, pois alguns topônimos apresentam uma combinação de motivações do mesmo ou de domínios diferentes.

Os empréstimos linguísticos de uma língua majoritária para uma língua minoritária são inevitáveis, haja vista os contatos entre no mesmo campo de fala e contato linguístico. A Libras acaba se utilizando dos empréstimos linguísticos para formar seu léxico e se firmar cada vez

mais como língua natural. Nas imagens 35 e 36 abaixo, percebemos como a motivação por empréstimos de uma outra língua e o quanto elas estão presentes na produção do léxico das línguas de sinais. O sinal dos topônimos “Nova República”, figura 35, (mão dominante em “N” e “R”) e “Ipanema”, figura 36, (mão dominante em “I” e “P”) são produzidos a partir desses empréstimos das letras iniciais da língua portuguesa com o auxílio do alfabeto datilológico, sem nenhuma referência a algum atributo físico e/ou cultural presente nos bairros.

Figura 35 - Sinal do Bairro Nova República



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 36 - Sinal do Bairro Ipanema



Fonte: Reis; Rocha (2023)

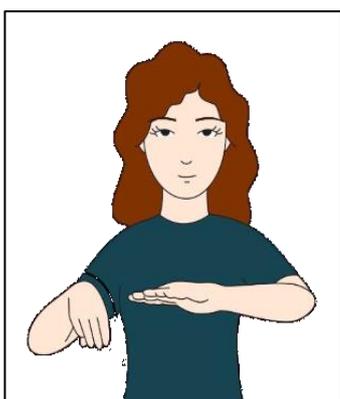
Não é incomum que os idiomas tomem emprestado um do outro quando há fluência em ambos. Porém, ao transitar da língua falada para a Libras, essas palavras emprestadas sofrem uma alteração fonológica devido às modalidades distintas dessas línguas. Enquanto uma língua depende de um modo espacial-visual, a Libras utiliza um modo oral-auditivo. Como resultado, ocorre uma adaptação dessas unidades lexicais, transformando-as de uma forma escrita em uma língua para uma forma visual em outra.

Segundo Nascimento (2009, p. 65), os empréstimos por meio de transliterações lexicalizadas são descritos como signos parcialmente “datilologitados” ou abreviados. Porém, esses sinais podem sofrer modificações, levando a alterações morfológicas no sinal. O objetivo desta conversão é alinhar a lexia exportada com as características do idioma importador. Como resultado, essas unidades linguísticas podem apresentar alterações como ajustar a letra inicial para corresponder ao Ponto de Articulação (PA), adicionar Movimento (M) ou omitir e abreviar certas letras.

Continuando com o tema da motivação, vale destacar que existem determinados topônimos que possuem uma qualidade icônica na sua grafia, proporcionando motivação na língua portuguesa. Essencialmente, esses topônimos possuem formatos de mão que lembram uma letra específica do nome, ao mesmo tempo que exibem características icônicas em outros aspectos (Miranda, 2020). Este trabalho chamará essa motivação dupla de motivação “icônica/empréstimo linguístico”. É importante reconhecer que as categorias associadas à motivação muitas vezes se cruzam.

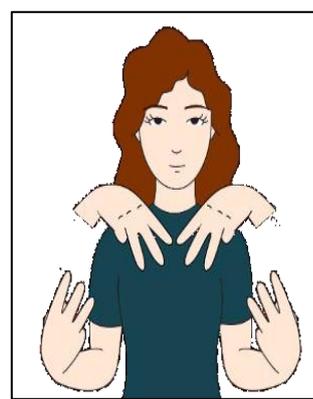
Nas figuras 37 e 3878 abaixo, notamos essa dupla motivação (icônica/empréstimo linguístico) que prevaleceu em sua maioria (55% dos topônimos) mostraram-se dentro dessa categoria motivacional. O topônimo “Maracanã”, figura 37, configurado com a mão dominante em “M” e o braço da mão não-dominante representa uma característica física do bairro, mostrando dessa maneira, como as características do empréstimo linguístico (datilologia em “M”) e o braço com a mão aberta representando a praia que dá nome ao topônimo. O topônimo “Mararu”, figura 38, é outro exemplo dessa dupla motivação. A configuração de mão em “M”, tanto a mão dominante quanto a não-dominante, o que dá essa dupla motivação é o fato de o bairro em questão ser o mais afastado da cidade, por isso o movimento feito pelas mãos de afastamento, representando dessa forma um fator de iconicidade.

Figura 37 - Sinal do Bairro Maracanã



Fonte: Reis; Rocha (2023)

Figura 38 - Sinal do Bairro Mararu



Fonte: Reis; Rocha (2023)

O impacto da iconicidade na composição dos signos pode ser compreendido por meio de motivações semânticas, conforme enfatizado por Perniss (2007) e Perniss, Thompson e Vigliocco (2010). Vale ressaltar também que os articuladores auxiliam na representação visual

do elemento que influencia o denominador (sinalização) durante o processo de nomeação, valendo-se das características físicas da entidade designada.

De forma semelhante às línguas faladas, os topônimos em Libras exibem as características físico-geográficas e antropoculturais de seus usuários, proporcionando uma visão notável da perspectiva visual dos surdos. Carneiro (2016) enfatiza a conexão simbiótica entre o corpo e o mundo circundante que se manifesta nas línguas de sinais. Essa ligação fica evidente nos topônimos em Libras que foram analisados ao longo deste trabalho.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como objetivo principal descrever os topônimos em Libras que designam os 20 bairros do município de Santarém, no Estado do Pará, sob a ótica da motivação dos signos toponímicos, cuja área é um segmento da Onomástica destinado ao estudo de topônimos.

Assim, propusemos pesquisar a composição linguística e o significado histórico e cultural dos nomes dos 20 bairros da cidade de Santarém/PA para verificar quais agentes de natureza linguística, histórica, cultural e regional da comunidade surda santarena concorreram para o registro dos nomes desses 20 bairros. Realizamos uma análise de corpus de vinte nomes dos bairros da cidade pesquisada, verificando as motivações toponímicas com base no E-book e DVD, intitulado Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais das autoras Reis; Rocha, (2023). As informações referentes às análises feitas ao longo da pesquisa foram feitas nas fichas lexicográficas-toponímicas que se encontram no capítulo IV deste trabalho. Portanto, a partir das observações e análises pelos tipos de morfologia, tipos de categorias e tipos de motivações, sublinhamos as propriedades de cada topônimo analisado. Observamos ainda que, para realizar o exame com base quali-quantitativa, as categorias dos nomes foram definidas conforme os estudos dos teóricos dos seguintes autores: Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022), dentre outros.

Dessa forma, foi possível confirmar que as escolhas dos nomes foram motivadas por razões toponímicas, como, por exemplo, a necessidade de criar sinais que pudessem facilitar a comunicação entre professores surdos e ouvintes. As motivações culturais, linguísticas e regionais também contribuíram para que o nome dos vinte bairros de Santarém/PA fosse cunhado pela equipe de professores surdos com o auxílio de intérpretes e professores de Libras presentes no E-book e DVD, intitulado Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais.

Para isso, consideramos as características específicas a partir dos tipos de morfologia (simples, simples híbrido, composto e composto híbrido), tipos de categorias (nativos/puros, soletrados ou inicializados) e tipos de motivações (icônica ou empréstimo linguístico), com base nos estudos de Dick (1990), Souza-Júnior (2012); Sousa e Quadros (2019); Miranda (2020); Cruz (2020); Albuquerque (2021); Sousa (2022). Vale ressaltar que a pesquisa se deu a partir do E-book e DVD Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais. Para Souza Júnior (2012), a criação de um novo sinal se vale de características oriundas do contexto da comunidade surda. Um país, cidade, escola ou rua pode criar um neologismo se incluído no contexto linguístico e

social de seus usuários. Basicamente, se qualquer característica geográfica, física ou humana não tem um sinal próprio, a grafia manual atua como um recurso linguístico para referência; depois, pode ser lexicalizada como um empréstimo ou substituída por um sinal específico.

A coleta de dados de nossa pesquisa se deu por meio documental do E-book e DVD, Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais. Para esse propósito, elaboramos fichas lexicográficas-toponímicas com o intuito de apresentar, organizar e analisar os topônimos que designam os vinte bairros de Santarém/PA, formado pelas seguintes referências: (1) nome do topônimo em língua portuguesa; (2) imagem em Libras do topônimo; (3) localização e zona do bairro; (4) nome do topônimo em escrita de sinais (*signwriting*); (5) aspectos articulatórios; (6) tipos de morfologia do sinal (simples, simples híbrido, composto e composto híbrido); (7) tipos de categoria do sinal (nativo/puro, soletrado ou inicializado híbrido); (8) tipos de motivação do sinal (icônica ou empréstimo linguístico); (9) pesquisador responsável e (10) data da coleta.

Como consequência da descrição dos tipos de morfologia, notamos que essa categoria demonstrou-se em sua maioria como simples híbrido (18 sinais) e outros dois sinais se apresentaram como simples. Isso demonstra como a língua majoritária (língua portuguesa) interferiu na produção desses sinais. Outrossim, pudemos confirmar como a datilologia foi crucial na elaboração e produção dos sinais que denominam os bairros de Santarém/PA. Em línguas de sinais, a referência por datilologia é uma estratégia comum para sinalizar nomes próprios de pessoas e lugares, bem como conceitos e referentes para os quais pode não haver um sinal convencionalizado ou por qualquer outro motivo que um ou mais interlocutores não estejam familiarizados com ele. Particularmente comum em contextos educacionais, foi descrita não como uma estratégia de empréstimo, mas uma tentativa de representar deiticamente a modalidade escrita de uma língua falada.

Observamos e comprovamos que o tipo de categoria do sinal se apresentou com 10 sinais, dos quais eram inicializados híbridos, oito sinais se demonstraram como soletrados e apenas 2 sinais foram caracterizados como nativos/puros. Pôde-se ver que todos os dez sinais inicializados híbridos têm suas próprias características distintas. O motivo por trás do nome resulta de uma configuração de mão predominante que emula ou descreve a forma escrita do topônimo em português. No entanto, os parâmetros de movimento e localização das mãos podem carregar algum logotipo ou características motivadas com base em alguns atributos físicos ou culturais do lugar.

Os sinais da categoria soletrados foram marcados e resultaram a partir do alfabeto datilológico. Esse procedimento ortográfico sofreu um ajuste fonológico motivado pela diacronia, ou seja, esse ajuste (menção do nome em português) adquire novos recortes das estruturas da Libras. Diminuição do número de configurações de mão e de lateralidade, ou seja, derivam de um processo de lexicalização (Adam, 2012; Nascimento, 2011; Ferreira, 2010; Quadros; Karnopp, 2004).

Na categoria com menor frequência (2 sinais), estão os nativos/puros que compõem os nomes de lugares influenciados pelo calque. Note, no entanto, que nem todos os signos nativos/puros apresentam qualidades icônicas em seus parâmetros de formação. Esses topônimos são signos próprios que seguem os parâmetros originais de Libras, onde a configuração da mão não deve coincidir com o topônimo em português. Dentro dessa categoria, também há topônimos que são influenciados pelo calque. É importante ressaltar que não é todo topônimo nativo/puro que apresenta iconicidade em seus parâmetros de formação.

Quanto à motivação dos sinais, observamos que (10 sinais) se demonstraram como icônico/empréstimo linguístico. Essa categoria foi analisada por percebermos que entre sinais existiam características próprias e iconicidade e empréstimos da língua majoritária, ou seja, eles se mostram por vezes com referência em atributos físicos presentes nos topônimos de cada bairro e mesclavam características a partir da datilologia (empréstimo linguístico), exemplificando-se como as iniciais dos nomes dos bairros.

A motivação icônica envolve a representação do lugar por meio da forma do sinal, incorporando atributos físicos e culturais. Esses atributos são incorporados à forma do sinal; ele tem uma qualidade icônica. Além disso, elucidamos apenas dois sinais com base em motivação icônica.

Segundo Carneiro (2015), nas línguas de sinais, a interface entre linguagem, percepção visual do mundo, interação social, eventos e fatos sociais se manifesta por meio de características manuais, corporais, gestuais e espaciais. Consequentemente, as línguas de sinais estão mais no lado icônico, onde, a partir da relação mais transparente entre forma e significado, a iconicidade encontra sua fruição máxima. Constatamos ainda que o conhecimento visual e o *input* corpóreo são fundamentais para o alargamento do léxico da Libras.

Na categoria por motivação em empréstimo linguístico, observamos oito sinais representados. Essa motivação pode ser na forma de calque, onde o nome é traduzido literalmente, ou no caso da ortografia, em que o formato da mão representa o nome português.

Duas categorias devem ser mantidas em mente sobre a exclusividade dessas categorias porque alguns topônimos apresentarão uma combinação de motivações vindas do mesmo domínio ou de domínios diferentes.

O empréstimo linguístico da língua majoritária para a língua minoritária é uma consequência natural de tais contatos entre o mesmo campo de fala e contato linguístico. Como tal, a Libras acaba recorrendo ao empréstimo para configurar seu léxico e cada vez mais se afirmar como uma língua natural.

A partir da análise e discussão dos dados, evidenciou-se que a produção dos sinais que denominam os bairros de Santarém/PA foi produzida em sua maioria a partir de empréstimos linguísticos da língua majoritária. É válido ressaltar que, ao longo da criação desses sinais, o objetivo das autoras do e-book e DVD analisado era o de facilitar a comunicação entre os professores surdos e ouvintes e que as características analisadas por esta pesquisa não eram conhecidas por eles.

Portanto, nosso trabalho nasceu como uma necessidade de descrever os fenômenos motivacionais e como as interferências linguísticas estão presentes no léxico formacional da Libras. Do mesmo modo, como forma de contribuir com a comunidade surda santarena e, em parceria com as autoras do e-book e DVD Glossário de Sinais Tapajônicos Regionais, divulgaremos (*youtube*) posteriormente os vinte sinais dos bairros aqui analisados. Essa pesquisa quer ainda dar continuidade para o volume 2 do e-book na construção dos outros 32 bairros que formam a cidade de Santarém/PA.

Acreditamos ainda que essa pesquisa possa contribuir de forma significativa com a comunidade surda, pois reforça ainda mais o caráter que a Libras tem como língua natural. Destacamos que ainda há muitos caminhos linguísticos a serem explorados em relação à Libras e que as discussões iniciadas aqui serão objeto de um aprofundamento maior.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.O.C. de. Surdez e Língua de Sinais. In: ALMEIDA, E.O.C. **Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. pp.1-17.
- ALMEIDA, J. A. **Aspectos da estrutura morfossintática do português nas produções textuais dos surdos**. In: XVIII Congresso Internacional de Humanidades, 2016, Brasília. Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades. Chile: UMCE, 2016.
- ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TÍLIO, R; ROCHA, C. H. (Org.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93–116.
- ANDRADE, K. dos S. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins - ATITO**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 191-200.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2004.
- ARISTÓTELES. **A Política. Trad.** Nestor Silveira Chaves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.
- AUROUX, Sylvain. A “hiperlíngua” e a externalidade da referência. In: Orlandi, Eni (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 241-251.
- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. 6ª ed. Brasília: UNB/UFRJ, 1996.
- AZEVEDO, José Carlos. **Fundamentos da gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BARBOSA, A. **Saberes gramaticais na escola**. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 31-54.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. (Cadernos de terminologia n.1).

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação.** Em análise do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, Brasil: SCT, PR, CNPq e IBICT. 1990.

BARROS, Lídia A. (2004). **Curso básico de terminologia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura.** Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **La cultura como praxis.** Buenos Aires, Paidós. 2002

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In A. M. P. Oliveira, A. N. Isquierdo, & I.M. Alves (Ed.), **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia** (p.13-22). Campo Grande: Editora UFMS. 2001

BIDERMAN, M. T. C. **Conceito Linguístico de Palavra.** In: Basílio, M. (Ed.) Palavra. Departamento de Letras da PUC-Rio, 1999, p. 81-97.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

BOUTIN-QUESNEL, Rachel; BÉLANGER, Nycole; KERPAN, Nada; ROUSSEAU, Louis-Jean. **Vocabulaire systématique de la terminologie.** Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la Langue Française).

BRASIL. Decreto nº 50626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais - Libras**, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 01 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 1 nov. 2022.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** – MEC, 2008.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CABRÉ, M. T. **La terminología:** Representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona, 1999.

CAPOVILLA, F. C., & RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras, Sinais da Libras e a vida em família, relações familiares e casa; e Como avaliar o desenvolvimento da competência de leitura de sentenças (processamento sintático e semântico) de escolares surdos do Ensino Fundamental ao Médio.** São Paulo, SP: Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fundação Vitae, Capes, CNPq, e Fapesp. 2005a. v. 3, p. 1–857.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna.** 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação linguística em língua de sinais brasileira – foco no léxico.** 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CASTRO, A. R.; CARVALHO, I. **Comunicação por língua de sinais: livro básico.** Brasília: Editora SENAC, 2005.

CÍCERO, Marco Tulio. **Das Leis.** Trad. Otavio T. de Brito. São Paulo: Cultrix, 1967.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc. 1999.

CUXAC, C.; SALLANDRE, M. A. Iconicity and arbitrariness in French sign language –highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. In: PIZZUTO, E.; PIETRANDREA, P.; SIMONE, R. (Eds.). **Verbal and signed languages: comparing structures, constructs and methodologies** Mouton de Gruyter. Berlin, N. Y., 2007. p. 13-33.

DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. **Léxico e identidade regional nas comunidades da antiga rota dos tropeiros.** Anais. Celsul, 2010. Disponível em: <<http://www.fuj.com.br/files/DekrPCvaFDGIH8v.pdf>> . Acesso em: 21 ago. 2023.

DICK, M. V. de P. **Rede de Conhecimento e Campo Lexical**: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça. As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P. A. **O nome próprio**: significação e referência. In: Estudos linguísticos. São Paulo: GEL, 2000.

DICK, M. V. P. A. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviços de Artes Gráficas da FLCH, 1992.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

DURANTI, Alessandro. (2001). **Linguistic Anthropology**: A reader. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.

DURANTI, Alessandro. **Antropología Lingüística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

DURANTI, Alessandro. **Linguistic Anthropology**. Cambridge University Press, 1997. Cap. 2, p. 23-48.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: UCP, 2011.

FAULSTICH, Enilde (Org); ABREU, Sabrina Pereira de (Org). **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**: cooperação internacional: Brasil e Canadá – Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. – 222p.

FELIPE, Tania. A. **De Flausino ao grupo de pesquisa da FENEIS RJ**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 5., Rio de Janeiro, 2000. Anais. Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 87- 89.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. **Libras em Contexto**: curso básico, livro do professor instrutor – Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

- FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3.ed. ver. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para cegos. 2009
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Integração social & educação de surdos**. R.J.: Babel, 1993.
- FRYDRYCH, L. A. K. **Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais**. ReVEL –Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 10, n. 19, p. 281-294, 2012.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- GODOI, Eliamar; LIMA, Marisa Dias; ANDRADE, Valdete A. Borges (org.). **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: a formação continuada de professores**. Uberlândia: EDUFU, 2016. (Série material didático, 3).
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. 2.ed. São Paulo. Contexto. 2015.
- GOODENOUGH, W. H. **Culture, language, and society**. 2nd ed. Menlo Park, Calif.: Benjamin/Cummings Pub, 1981.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Fato Linguístico como recorte da realidade sociocultural**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, 1996.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: An Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KARNOPP, Lodenice B.; KLEIN, Madalena. **Narrativas de Professores sobre a(s) língua(s) na educação de surdos**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 32 n. 2, p. 63-78. 2007

KARNOPP, Lodenice Becker. **Literatura Surda**. EDT. Educação Temática Digital, v. 7, p. 15-42, 2006.

KLEIN, Madalena. Movimentos surdos e os discursos sobre surdez, educação e trabalho: a constituição do surdo trabalhador. 2012. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/movimentos-surdos-e-os-discursos-sobre-surdez-educacao-e-trabalho-constituicao-do>. Acesso em 16 jan. 2024.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1979.

KRIEGER, Maria da Graça. **Lexicografia: o léxico no dicionário**. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). O léxico em estudo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. p. 158-171.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria & prática**. – São Paulo: Contexto. 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Le Regard Eloigné**. Edições 70, Lda., Lisboa. 1963

MATOS, H. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. Tese de Doutorado, UFC, 2014.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Dicionário de linguística e gramática**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

MCCLEARY, L. VIOTTI, E. **Língua e gesto em línguas sinalizadas**. Veredas online – atemática, v. 1, PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora. 2011.

MONTAGNER, Cervo, Larissa. **Língua, Patrimônio nosso**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, RS. 2012.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9013?mode=full> . Acesso em 30 ago. 2023.

NETTO, A. V. **Cultura, culturas e educação**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 23, p. 5-15, 2003.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. Regionalismos Brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2.ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 109-115.

ORLANDI, E. P. (Org.) **História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes e Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001a.

ORLANDI, E. P. **Silêncio e implícito (Produzindo a monofonia)**. In: E. GUIMARÃES (org.), **História e sentido na linguagem**. Campinas, Pontes, 1989, p. 39-46.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico**. v. 1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 163- 177.

PEREIRA, Maria Cristina Cunha et al. **Libras: conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. **O ensino de português como segunda língua**. Educar em Revista, Curitiba, Edição Especial nº 2, p. 143-157, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/sXkGQKsnKbhgRBsPD4mvSjy/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Lilian. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista, n. 2, p. 17-31, 2014.

PERNISS, P.; THOMPSON, R. L.; VIGLIOCCO, G. **Iconicity as a general property of language: Evidence from spoken and signed languages**. *Frontiers in Psychology*. 2010. doi: 10.3389/fpsyg. 2010.00227.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica. 2005. 132p.

PFAU, R. Handwaving and headshaking? On the linguistic structure of sign languages In: **Les llengües de signes com a llengües minoritàries: perspectives lingüístiques, socials i polítiques** (Actes del seminari del CUIMPB-CEL2008) Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2010, p. 59-84.

PIMENTEL, Anna Paula Ramos. **Estudo toponímico de Santarém-Pará**. Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). 2013.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica: noções fundamentais**. Tradução: Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M. **Língua de herança: Língua Brasileira de Sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair B. da; ROYER, Miriam. **Gramática de Libras: Questões metodológicas**. Universidade de Santa Catarina – UFSC. 2020.

RAMOS, C. R. **Libras: a língua de sinais dos surdos brasileiros**. 2007. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/libras.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2022.

RAMOS, Clélia Regina. In: **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**. Editora Arara Azul, 2004.

REY-DEBOVE, J. (1970). **Le Domaine du Dictionnaire, Langages**, 19, 3-34.

RIO-TORTO, G. M. (2006). O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In M.F. Athayde (Coord.), **Estudos sobre léxico e gramática** (p.11-34). Coimbra: CIEG/FLUC, 2006.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Os Estudos Surdos**. 2004. [www.feneis.org.br/educacao/artigos\\_pesquisas/estudos\\_surdos.htm](http://www.feneis.org.br/educacao/artigos_pesquisas/estudos_surdos.htm). Acesso em: 20 de ago. de 2023.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurológicas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, mai./ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 03 ago. de 2023.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. 16ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, n. 110).

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. SP: Cultrix, 2006.

SILVA, Otto Marques da. **A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1986.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. in QUADROS, Ronice (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. **Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais**. In: Revista Guavira. Três Lagoas/MS. v. 15. n. 30, p. 126-140, 2019.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. **Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais toponímicos dos municípios acreanos**. In: CAVALHEIRO, J.; LUDWIG, C. R.; LANES, E. J. (org.). **Linguagem, ensino e formação docente**. Manaus: Editora UEA, 2019.

SOUZA JR, J. E. G. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade de Brasília – UnB. Brasília, 2012.

SOUZA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 123p, 2022.

SOUZA, R. G. **Que palavra que te falta?** Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Tobias Leite:** educação dos surdos no século XIX. Aracaju: EDUFS, 2014.

STREIECHEN, E. M. **Libras:** aprender está em suas mãos. Curitiba: CRV, 2013.

STROBEL, Karin L. **História dos surdos:** representações mascaradas das identidades surdas. In Estudos Surdos II / Ronice Muller de Quadros e Gladis Perlim (organizadoras) – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

STROBEL, karin. **A imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. Ed. Santa Catarina: 2016.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting:** Língua de sinais no papel e no computador. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica IV.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TYLOR, E. B., 1871. Apud LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. Sociologia geral. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 128.

VILELA, Cristiano das Neves. **Gênese da educação de surdos** em Delmiro Gouveia / Cristiano das Neves Vilela; orientadora Verônica dos Reis Mariano Souza. – São Cristóvão, 2016.

VIOTTI, E. (2006). **Introdução aos Estudos Linguísticos.** Curso de Letras/Libras – UFSC.

WAAL, Daiane Van Der. **Gramática e o ensino da língua portuguesa.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Santa Catarina/Pr. PUC/PR. 2009.

WILBUR, R. B. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language .In EMMOREY K.; LANE HARLAN. **The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers, 2000.